

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia

Stefany Sohn Stettler

**O corpo sem óbitos:
Um exercício de antiprodução**

Mestrado em Filosofia

São Paulo

2025

Stefany Sohn Stettler

**O corpo sem óbitos:
Um exercício de antiprodução**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRA em Filosofia, na linha de pesquisa Filosofia das Ciências Humanas, sob a orientação do(a) Prof., Dr. Peter Pál Pelbart.

São Paulo

2025

Stefany Sohn Stettler

**O corpo sem óbitos:
Um exercício de antiprodução**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRA em Filosofia, na linha de pesquisa Filosofia das Ciências Humanas, sob a orientação do(a) Prof., Dr. Peter Pál Pelbart.

BANCA EXAMINADORA:

São Paulo

2025

Stettler, Stefany Sohn

S841c O corpo sem óbitos: um exercício de antiprodução. /
Stefany Sohn Stettler. -- São Paulo: [s.n.], 2025.
150p. il. ; 21cm x 29 cm.

Orientador: Peter Pál Pelbart.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia.

1. Zumbis. 2. Ontologia. 3. Filosofia. 4. Humanidade.
I. Pelbart, Peter Pál. II. Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia.
III. Título.

CDD 111

Para minha mãe, conjuradora de mundos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço para além do potencial expressivo das palavras, a minha mãe, Chrystina Rizzo. Uma força por si só, artista do impossível e minha maior fã. Ouviu meus discursos tentando fazer minhas ideias fazerem sentido. Obrigada, obrigada, obrigada. E ainda que essa dissertação fosse só uma sequência de “obrigada”s, não seria suficiente.

Aos meus cachorros, Bart, Brownie e Vee, que suportaram bravamente as incessantes viagens para São Paulo. Ver vocês quando chegava em casa era o combustível da semana.

A Ana Vitória Cabral, que fez de uma reviravolta angustiante um dos maiores presentes dessa trajetória toda. Obrigada por ser minha amiga.

Ao meu orientador, Peter Pál Pelbart, pelo acolhimento, pela extrema confiança, pela orientação gentil, pela inspiração, pelo suporte incondicional e por me ensinar a *desaprender*. Tenha certeza que você fez a diferença – considere o jogo de palavras – na minha vida.

A todos aqueles que acreditam que a filosofia não é assunto das Musas. Esta crença fortificou a confiança na minha própria pesquisa, que é *apenas* assunto das Musas: Mnimi, Meleti, Aoidi, Calíope, Urânia, Kleio, Euterpe, Erato, Melpômene, Thaleia e Polímnia. Os filósofos já produziram estrago demais.

Eu nunca deixarei de agradecer a Marco Antonio Valentim, o responsável pela ampliação do meu mundo cognitivo, logo no primeiro ano de graduação. Marco contribui, até sem saber, para essa pesquisa. Tenho a honra de poder chamá-lo de orientador e amigo.

Às mulheres incríveis da minha banca de monografia: Anne Quiangala e Juliana Fausto, que de banca se tornaram muito mais. Às mulheres incríveis que, em seus respectivos âmbitos, me ajudam a dar os próximos passos: Irmgard Nakazoni, minha analista, e Karina Fares, minha excepcional professora de francês.

Aos colegas do grupo de orientação e da revista Cadernos de Subjetividade, pelo acolhimento, elogios, críticas, sugestões. Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-SP, que construíram (e às vezes, destruíram!) minha autoconfiança intelectual durante este período.

Aos *softwares* de código aberto, às bibliotecas piratas, ao compartilhamento de informações. Aos aplicativos de tradução. Ainda há benesses no mundo digital.

Will you listen, just as my form starts to fission?

(Look to Windward – Sleep Token)

So, tell me what you meant by

"living past your half-life"

In lockstep with the universe

and you're well-versed in the afterlife

(Emergence – Sleep Token)

Teeth of God

Blood of man

I will be

What I am

(Infinite Baths – Sleep Token)

RESUMO

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, uma operação de antiprodução será ativada. Permeada pelo objetivo da instauração, por meio da investigação dos modos de existência nos audiovisuais de terror e ficção científica, da figura do zumbi como simbiote humano-fungo e como uma alternativa fabulada ao modo de existência moderno e fraturado ao qual a humanidade subscreve, esta dissertação conta com duas partes divididas respectivamente em três e quatro capítulos, que foram construídos sob a metodologia da pesquisa bibliográfica aliada à investigação de mídias variadas como *videogames*, histórias em quadrinhos, livros de ficção, séries e filmes. Analisando filosoficamente as produções zumbis, pode-se antiproduzir uma nova maneira de existir, evitando a forma-sujeito, o capitalismo, as estradas, as espécies consolidadas, a apropriação da vida, da morte e do limbo onde nos encontramos.

Palavras-chave: Zumbis. Ontologia. Filosofia. Humanidade.

ABSTRACT

Throughout the development of this work, an anti-production operation will be activated. Permeated by the goal of establishing, through the investigation of modes of existence in horror and science fiction audiovisuals, the figure of the zombie as a human-fungus symbiont and as a fabulational alternative to the modern and fractured mode of existence to which humanity subscribes, This dissertation has two parts divided respectively into three and four chapters, which were built under the methodology of bibliographic research combined with the investigation of various media such as video games, comics, fiction books, series and movies. Philosophically analyzing the productions of zombies, we can anti-produce a new way to exist, avoiding the form-subject, the capitalism, the roads, the consolidated species, the appropriation of life, death and the limbo where we are.

Keywords: Zombies. Ontology. Philosophy. Humanity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	O ZUMBI BUB NO VIDRO DA CABINE	11
FIGURA 02	PÁGINA INICIAL E FINAL DE <i>ANHANGÁ</i>	78
FIGURA 03	PÁGINAS SELECIONADAS DE <i>PREPAREDNESS 101</i>	82
FIGURA 04	PAINEL DE CONTROLE DE <i>WORLD WAR Z</i>	87
FIGURA 05	POSSIBILIDADES DE DESSUBJETIVAÇÃO POSITIVA	98
FIGURA 06	PÁGINAS DE <i>REVOLUÇÃO É MEU NOME</i>	103
FIGURA 07	PÁGINAS DE <i>O PRESENTE DE CAMILA</i>	117
FIGURA 08	RICK GRIMES EM DIREÇÃO À ATLANTA, GA-EUA	118
FIGURA 09	ROTAS DO VÍRUS EM <i>ZUMBIS VS. ROBÔS</i>	124
FIGURA 10	ROTAS AÉREAS	124
FIGURA 11	ROTAS MARÍTIMAS	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: BUB E EU.....	11
1.1 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS.....	19
1.1.1 Objetivo Geral.....	19
1.1.2 Objetivos Específicos.....	19
1.2 JUSTIFICATIVA.....	19
1.2.1 Por que eu?.....	19
1.2.2 Por que ficção?.....	21
1.2.3 Por que zumbis?.....	22
1.2.4 Por que modos de existência?.....	25
1.3 METODOLOGIA.....	27
PARTE UM – MODOS DE EXISTÊNCIA INTENSIVOS.....	29
2 SOBREVIDA.....	30
2.1 Vida, neguentropia, Gaia e os zumbis.....	30
2.2 Derrida, Blanchot, Maggie e <i>survie</i>	37
3 SOBREVIVÊNCIA.....	42
3.1 Predação, parasitismo, mutualismo.....	43
3.2 Vida nua, abandono, bando e horda.....	48
4 SUBSISTÊNCIA.....	55
4.1 Autonomia, autossuficiência e agricultura alternativa.....	57
4.2 Bateson, Bookchin, Shiva e a ecologia da mente.....	65
PARTE DOIS – MODOS DE EXISTÊNCIA ESPECÍFICOS.....	70
5 EMERGÊNCIA.....	71
5.1 Emergência como surgimento.....	72
5.2 Emergência como urgência.....	83
6 DESSUBJETIVAÇÃO.....	90
6.1 Dessubjetivação negativa.....	91
6.2 Dessubjetivação positiva.....	98
7 MUTAÇÃO.....	105
7.1 Ontologia piramidal, chauvinismo humano.....	106
7.2 Ontologia plana, perspectivismo zumbi.....	111
8 NOMADISMO.....	118
8.1 Território, Estado, estradas, barreiras.....	119
8.2 Espaço liso, fluxos, nomadismo, <i>nomos</i>	125
9 CONCLUSÃO.....	130
10 REFERÊNCIAS.....	134
10.1 Bibliografia.....	134
10.2 Filmografia.....	143
10.3 Audiografia.....	147
10.4 Gameografia.....	148
10.5 Quadrihografia.....	148

1 INTRODUÇÃO: BUB E EU

Era uma tarde ensolarada em um dia de *lockdown*, 2020. O Dr. Logan, na televisão, mostrava para os militares de *Day of the Dead*¹ os truques aprendidos – ou lembrados, ou adquiridos por canibalismo – por Bub, um zumbi: entre eles, abrir um livro, atender um telefone, manusear uma lâmina de barbear e, surpreendentemente, prestar continência. Em certo ponto dessa cena, Bub olha em direção ao vidro que separava a cabine de observação da sala de experiências e é possível ver seu reflexo. Parece que o zumbi também se dá conta de que aquele é o *seu* reflexo e passa a lâmina de barbear fornecida por Dr. Logan no próprio rosto em decomposição. Fora do filme, a luz da janela do meu apartamento bem iluminado refletia de forma desagradável no televisor. Ali, na tela, pude ver então o meu reflexo confinado na telinha. Apertando os olhos, o reflexo de Bub no vidro do também confinado, mas mal iluminado, complexo militar fundiu-se ao meu. Eu era Bub, o zumbi, e Bub, o zumbi, era eu.

FIGURA 01 – O ZUMBI BUB NO VIDRO DA CABINE



FONTE: *Day of the Dead*²

¹ *Day of the Dead* (Dia dos Mortos). Dirigido por George A. Romero. Estados Unidos: Dead Film Inc, 1985 (100 min.).

² *Ibidem*. Min. 00:51:46.

Apesar da trivialidade de um filme de terror em uma tarde de calor, a Filosofia pode complexificar e dar brilho ao *acontecimento*: diversos modos de existência tiveram suas divisórias desmanchadas neste exato momento: o real, o ficcional, o passado e o futuro; Bub reabsorvendo parte de sua subjetividade e eu, conseqüentemente, perdendo um pouco da minha. Ou talvez, ambos ganhamos – ele e sua recém-adquirida autoconsciência e eu, me vendo pela primeira vez como não-mais-humana – através do colapso e multiplicação dos modos de existir. Mediados – ou separados por uma tela –, a vida e a morte se sobrepuseram, sem se tocarem, sem formar relação, como diz Jorge Fernández Gonzalo³: “[o] zumbi nunca é somente o outro terrível do qual você tem que fugir, é o eu, é o meu eu refletido, o duplo escuro, um *doppelganger* ou um Narciso infecto que reflete meus próprios medos [...]”⁴

Há muitas coisas que me fazem parecer zumbi diante do senso comum, que estabelece a figura do zumbi como algo fundamentalmente negativo: eu sou insone, crônica, desde os 08 anos de idade. Já ouvi, em empregos, mais de uma vez, que eu estava me parecendo com um zumbi: olheiras pesadas, propriocepção danificada, fala – se houver – lenta. Eu também sou, o que chamam no meu meio, “cronicamente *online*”. O Twitter (*in memoriam*) e, depois do que chamamos de *Grande Migração* – quando o detestável bilionário Elon Musk comprou a rede e a transformou em uma organização neonazista –, o BlueSky fazem parte da minha vida.

Um colega, médico, certa vez comentou que ele havia presenciado uma manifestação zumbi em seu consultório: a paciente entrou de *headphones*, trocou informações mínimas e voltou os olhos ao celular enquanto meu colega prescrevia a receita. “Parecia um zumbi”, disse ele. Esse diagnóstico – com o perdão do trocadilho – do meu colega me soou equivocado, mas não pude apontar o que era que me incomodava. Agora, acho que eu sei: a reação automática de condenar um comportamento, identificá-lo automaticamente ao outro, propondo, sim, uma

³ GONZALO, Jorge Fernández. *Filosofía zombi*. Barcelona: Anagrama, 2011. p. 36-37.

⁴ *Ibidem*. p. 29. tradução minha.

diferença, mas para além disso, hierarquizando o outro como inferior, desprovido de consciência, agência ou o que quer que o observador identifique como critério de humanidade é uma herança filosófica.

Os zumbis estão sempre identificados com o “lado ruim”, com coisas desejosamente evitáveis no ponto de vista de uma lógica maniqueísta, dual, dialética. A atividade de negarmos em nós o zumbi, mas o identificarmos tão claramente, como o meu colega médico, no outro, faz do zumbi a figura estrangeira, alienígena, diferente, sobretudo *outra, inumana*. Fala-se de zumbis por uma redução homogeneizante: traços mentais determinados, corpos repulsivos, alimentação nojenta, sem comunicação ou linguagem. Jeffrey Jerome Cohen⁵ aponta tais características aplicadas a qualquer outro grupo constituiriam preconceito, discriminação.

- Eles estão tentando ser como nós! Bem... eles costumavam ser como nós. Estão aprendendo a ser como nós novamente.
- Sem chances. Algum germe ou demônio fez essas coisas saírem andando... mas há uma grande diferença entre nós e eles. Eles estão mortos. É como se estivessem fingindo que estão vivos.
- Não é o que estamos fazendo? Fingindo que estamos vivos?⁶.

Assim, os zumbis também são perfeitamente *matáveis*. Incontáveis *videogames*, filmes, quadrinhos e séries capitalizam sobre a matabilidade zumbi. *Left 4 Dead*⁷, por exemplo, que é um jogo de tiro em primeira pessoa, pontua os jogadores por quantidade de *headshots*, ou seja, por quantidade de mortes certas. O filme *Shaun of the Dead*⁸ faz piada com essa matabilidade: Ed e Shaun estão em um carro, fugindo dos mortos-vivos, quando Ed se distrai e atropela alguém. Eles dão a ré até a vítima e

⁵ COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. *Journal of the Fantastic in the Arts*, v. 23, n. 03. 2012. p. 393-412.

⁶ *LAND of the Dead* (Terra dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005. Min. 00:03:28-00:03:54.

⁷ *Left 4 Dead* [videogame]. Desenv. Turtle Rock Studios. Estados Unidos: Valve Corporation, 2008.

⁸ *SHAUN of the Dead* (Todo mundo quase morto). Dir. Edgar Wright. Estados Unidos: StudioCanal; WT² Productions e Big Talk Productions, 2004. Min. 00:41:52-00:42:10.

Shaun tenta falar com ela: “[v]ocê está bem? Olá?”. Quando a vítima se revela um zumbi, Shaun exclama: “Oh, graças a Deus por isso!”, em um momento de alívio.

Suely Rolnik⁹ nos afirma que o sistema de valores ou certa hierarquização ficcional de uma cultura não necessariamente a dá um *ticket* para o que ela chama de “banquete antropofágico”, ao contrário, é a sua utilidade para aqueles que a absorvem: se fortalece potências ou amplia universos. Eu falo de antropofagia aqui não só pelas implicações óbvias da *lore* dos zumbis, mas para além disso, para a antropofagia no sentido modernista de 1922¹⁰, que marcou um modo de produção de subjetividade e cultural no Brasil. Tal prática, seja ela ficcional – no caso dos zumbis – ou cultural – no caso dos modernos (com todos os sentidos que o termo expressa) –, permitiu a “incorporação acrítica da política de produção da subjetividade introduzida pelo capitalismo contemporâneo”¹¹.

Quando a antropofagia legitimamente brasileira foi corrompida pela incorporação acrítica do capital, a ponto de tornar realidade e capitalismo plenamente identificáveis entre si, a vida se torna uma forma de domínio, um campo de batalhas¹². Assim, para Santiago López Petit¹³:

O rechaço total da realidade abre caminho que nos permite pensá-la. No entanto, pensar a realidade não é conhecê-la. Conhecer significa reduzir sua complexidade e simplificar, para poder dominar melhor. Nós não necessitamos de nada para conhecer a realidade. A verdade em que vivemos – nossa verdade – não é derivada de conhecimento algum, e sim de um sentimento de raiva.

Assim, com os subterfúgios da criação de multiplicidades cooptados pelo capital, é necessário pensar outras formas de produção de divergências, e não é preciso ir longe: um punhado de ficção científica, um punhado de fabulação, um punhado da antropofagia mesma, um punhado de ontologia. Esta é a fórmula para

⁹ ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: N-1, Hedra, 2021.

¹⁰ ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. Povos Indígenas no Brasil, 2010. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/files/manifesto_antropofago.pdf. Acesso em: 03 mar. 2024.

¹¹ ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: N-1, Hedra, 2021. p. 23.

¹² PETIT, Santiago López. *Breve tratado para atacar a realidade*. São Paulo: sobinfluencia, 2023.

¹³ *Ibidem*. p. 12-13.

essa dissertação. Mas não me basta escrever um texto asséptico, estéril; não me basta escrever sobre os zumbis me separando moral e hierarquicamente deles. Preciso ser como Bub.

O *Ophiocordyceps unilateralis* é um fungo zumbi, ou, ao menos, é como o chamam. Ele é capaz de modificar o comportamento das formigas hospedeiras, que, uma vez infectadas pelo fungo, perdem seu medo de altura e escalam a primeira planta que veem. O fungo força a formiga a fincar suas patas na superfície da folha e sua mandíbula em sua nervura principal. Pela cabeça da hospedeira, cresce um talo, do qual caem esporos sobre as formigas que trabalham no solo. Para controle tão preciso, cientistas assumiram que o fungo deveria obter domínio sobre o cérebro das formigas, o que não foi o constatado¹⁴. Neste fungo, obras como *The Last of Us*¹⁵ e *The Girl with all the Gifts*¹⁶ foram inspiradas.

Do *Ophiocordyceps*, intimamente relacionado com o fungo ergot, isolado por Albert Hoffmann para fazer LSD, surgem, na contemporaneidade, evidências – embora frágeis – de seu uso medicinal. Foi assim que encontrei, na *internet*, pela primeira vez, o *Cordyceps* em gotas. Vendido no Brasil por uma empresa chamada *Mush Mush Club*¹⁷, o fungo promete aumento da energia física e pulmonar, melhora do sistema imunológico, propriedades anti-inflamatórias e aperfeiçoamento da saúde sexual. Um frasco de 30ml custa cerca de R\$90,00. Ainda que eu necessitasse de alguns dos benefícios oferecidos – depois de um ano viajando 1200 km por semana –, comprei o produto por outro motivo: precisava me tornar zumbi. Queria me tornar zumbi para escrever esta dissertação com propriedade. Desde então, venho tomando gotas do *Cordyceps* todas as manhãs, antes de iniciar o trabalho.

¹⁴ SHELDRAKE, Merlin. *A Trama da Vida: como os fungos constroem o mundo*. São Paulo: Fósforo/Ubu, 2021.

¹⁵ *THE LAST of Us* [seriado]. Prod. Neil Druckmann e Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2023 (1 temporada, 630 min.) & *The Last of Us* [videogame]. Desenv. Naughty Dog. Estados Unidos, Sony Computer Entertainment, 2013 (jogo eletrônico).

¹⁶ *THE GIRL with all the Gifts* (Melanie: A Última Esperança). Dir. Colm McCarthy. Grã-Bretanha: Warner Bros. Pictures, 2016 (111 min.) & CAREY, M. R. *The Girl with All the Gifts*. Londres: Orbit, 2014.

¹⁷ DISPONÍVEL EM: <https://www.mushmush.club>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Mas não queria me tornar o zumbi que todos veem, aquele sem consciência, sem agenciamento, sem pulsão senão a de morte. Eu penso que, se o zumbi tem alguma pulsão, é a de vida: ele se reproduz, evolui e metamorfoseia na tentativa de continuar existindo. É isso que falta à humanidade. A humanidade quer sobreviver permanecendo a mesma que foi há 500 anos atrás, e isto não é possível. Temos, sim, a aprender com o outro. Com o *monstruoso* outro. Esse outro fábula e seus modos de existência, que podemos assimilar como formas de contrabalancear as rigidezes, reduções e endurecimentos que são propagadas pela realidade e subjetividade identificadas plenamente ao capitalismo. O desafio nesta dissertação é *sym-patizar* com os zumbis, é provocar o meu próprio devir-zumbi, é instaurar meus zumbis simbiontes, para que eles possam, talvez, mostrar um novo caminho.

Se trata de pensar, novamente¹⁸, a filosofia como um aprender a morrer. De levá-la até o seu limite, pensando no outro e portanto, nela mesma. Não só “determinar essa outra circunscrição, de a reconhecer, de a praticar, de a trazer à luz, de a produzir, numa palavra”, mas também, “segundo um movimento inaudito para ela, de um outro que não seria o seu outro”¹⁹. Dessa forma, o antagônico e contraditório outro, aquele que não é sua *res cogitans*, pavimenta o caminho para esticar, ainda mais, a filosofia até seu limite.

Ailton Krenak fala em “a humanidade que pensamos ser”²⁰. Se fizermos o esforço de nos despirmos da excepcionalidade teatral, e pensarmos na humanidade que *realmente* somos – só mais uma espécie que, por acaso, encontrou subterfúgios de manipulação dos elementos diferentes, dentre bilhões de outras –, é isso que o zumbi se torna também: mais uma espécie dentre bilhões de outras. E como uma espécie que deriva da nossa, além de, talvez, de um fungo – um *Homocordyceps extrasapiens*, quem sabe? –, ela tem algo a dizer sobre a nossa própria capacidade de

¹⁸ DERRIDA, Jacques. *Aprender por fim a viver: Entrevista con Jean Birnbaum*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 22.

¹⁹ *Idem*. *Tímpano. IN: Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991. p. 14-15.

²⁰ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 55.

mutação, metamorfose e adaptação, territorializadas, injustamente, pela “humanidade que pensamos ser”.

Os zumbis são a figura ideal para essa excursão de desnaturação da razão e instauração da fabulação, de instauração do próprio modo de existência zumbi em mim. O medo que o zumbi instaura no mundo moderno é, sobretudo, o medo de perder o que nos separa – supostamente – do mundo: a *res cogitans*. “O zumbi é diferente dos outros monstros, pois seu corpo é ressuscitado e conservado: apenas a consciência é permanentemente perdida”²¹. Aqui, cabe explicar, de maneira formal, o *que é*, de fato, os zumbis. Comentale & Jaffe²² os definem assim:

Algo pode ser zumbi, se (1) for chamado de zumbi (ou alguma palavra equivalente; por exemplo, coisa, caminhante, vagabundo, geek, mordedor, trepadeira, deadlite, infectado, skel, draugr, crazie, zed, zeke, zack, imbecil, a-hole, z-hole, etc.; (2) parece um cadáver animado; tem um corpo abjeto/repulsivo; parece na verdade composto por um cadáver ou alguém que agora está morto; (3) ataca os vivos (“canibalismo”); ataques por morder, arranhar e agarrar (“infecção”); (4) é implacável, hostil aos vivos; (5) exhibe insensatez, fraqueza mental, automatismo; (6) estrutura-se por hordas, enxames, aglomerações; e (7) pode ser morto com impunidade moral; vai matar e “morrer” por meios ultraviolentos.

E Boom²³ os define em nove tipos, dessa maneira:

Os nove tipos, brevemente definidos, são os seguintes: (1) zombie drone: uma pessoa cuja vontade lhe foi tirada, resultando em obediência servil; (2) zombie ghoul: fusão do zumbi e do ghoul, que perdeu a vontade e se alimenta de carne; (3) tech zombie: pessoas que perderam a vontade pelo uso de algum dispositivo tecnológico; (4) biozombie: semelhante aos zumbis tecnológicos, exceto que algum elemento biológico, natural ou químico é o meio que rouba a vontade das pessoas; (5) zombie channel: uma pessoa que ressuscitou e alguma outra entidade possuiu sua forma; (6) psychological zombie: pessoa que perdeu a vontade em decorrência de algum condicionamento psicológico; (7) cultural zombie: em geral, refere-se ao tipo

²¹ LAURO, Sarah Juliet & EMBRY, Karen. A Zombie Manifesto. IN: LAURO, S. J. (Ed.) *Zombie Theory: A Reader*. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 2017. p. 397, tradução minha.

²² COMENTALE, Edward P. & JAFFE, Aaron. Introduction: The Zombie Research Center FAQ. IN: COMENTALE, E. P.; JAFFE, A. (Eds.). *The Year's Work at the Zombie Research Center*. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 45-46, tradução minha.

²³ BOOM, Kevin. “And the Dead Shall Rise”. IN: CHRISTIE, Deborah & LAURO, Sarah Juliet (ed.). *Better off Dead: The Evolution of the Zombie as Post-Human*. Nova York: Fordham University Press, 2011. p. 8, tradução minha, grifo original.

de zumbi que localizamos dentro da cultura popular; (8) zombie ghost: não realmente um zumbi, mas alguém que retornou dos mortos com todas ou a maioria de suas faculdades mentais intactas; (9) zombie ruse: truque comum em romances para jovens adultos, onde o “zumbi” acaba não sendo zumbi.

Tais definições, ainda que se mantenham minhas favoritas na bibliografia consolidada, reforçam essa negatividade – posso chamar de *reatividade?* – do zumbi. Entretanto, elas são essenciais para contextualizar o leitor ao longo deste trabalho. Devo pontuar, apenas, que o zumbi no sentido *ativo*, ocorre em um sentido *bio-tech*, não listado por Boom: uma simbiose genuinamente marguliana, como comecei a desenvolver em *Mire na cabeça*²⁴.

Os zumbis, ainda que não sejam necessariamente irracionais, são sempre vistos como tal. Kyle Bishop²⁵, um dos grandes nomes dos *zombie studies*, afirma que os zumbis não têm conexão com a humanidade, não pensam, não falam e não agem de forma passional, não têm desejos conscientes. O autor ainda considera que única conexão com o que os zumbis eram é a forma física, os tornando “monstros cinematográficos ideais”²⁶. O zumbi, portanto, é, aparente ou definitivamente, uma criatura imprevisível.

Nesse sentido, para me tornar zumbi, cabe, antes de ser *desconduzida da razão e reconduzida à Natureza*²⁷, observar os modos de existência e as instaurações que permeiam a fábula do zumbi. Para isso, Étienne Souriau²⁸ e Bruno Latour²⁹ servem de base teórica e estilística para a produção desse estudo. O primeiro me oferece as conceituações necessárias, enquanto o segundo me oferece o método de trabalho, que terá que sofrer algumas adaptações, e a inspiração para a disposição dos resultados.

²⁴ STETTLER, Stefany S. *Mire na cabeça: os zumbis do Antropoceno*. Curitiba: Da autora, 2024.

²⁵ BISHOP, Kyle. Raising the Dead: Unearthing the Non-Literary Origins of Zombie Cinema. *Journal of Popular Film and Television*, 33.4, 2006, p. 196–205.

²⁶ *Ibidem*, p. 201, tradução minha.

²⁷ Uma paródia da frase original: “O único mito moderno é o dos zumbis – esquizos mortificados, bons para o trabalho, reconduzidos à razão”. Cf. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2011. p. 445.

²⁸ SOURIAU, Étienne. *Diferentes modos de existência*. Trad. Walter Romero Menon Júnior. São Paulo : N-1, 2020.

²⁹ LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos Modernos*. Trad. Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019.

1.1 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

1.1.1 Objetivo Geral

Instaurar, por meio da investigação dos modos de existência nos audiovisuais de terror e ficção científica, a figura do zumbi simbiote humano-fungo como uma alternativa fabulada ao modo de existência moderno e fraturado ao qual a humanidade subscreve.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Investigar os modos de existência intensivos e específicos zumbis;
- b) Diferenciá-los em relação àqueles dos sobreviventes ainda humanos;
- c) Pensar como tais modos contribuem para a criação de multiplicidades;
- d) Exercitar uma transformação zumbi em vista de modos de existência alternativos.

1.2 JUSTIFICATIVA

1.2.1 Por que eu?

Escrevo em primeira pessoa, contrariando diversos acadêmicos, pelo mesmo motivo pelo qual sempre referencio todas as autoras também pelo primeiro nome: é um marcador de um discurso que foi historicamente negado às mulheres. Quando minha mãe passou no vestibular para administração no início da década de 1980, sua – minha – família ficou consternada: ela havia sido criada para casar, ter filhos, ser dona de casa. Minha mãe trabalhava desde os 14 anos – a contragosto da minha avó – e foi obrigada a escolher entre o trabalho – do qual precisava incondicionalmente – e

o seu curso superior. Fui a primeira graduada dessa linhagem. Serei a primeira mestra – com sorte.

Os acadêmicos que rechaçam a autobiografia na pesquisa e escrita filosófica são aqueles que nunca tiveram os seus direitos de estudar, falar ou trabalhar negados, aqueles que não foram chamados de *puta* por ousar estudar e trabalhar. Escrevo em primeira pessoa porque estar em um Programa de Pós-Graduação em Filosofia é uma conquista e porque quero demarcar meu lugar como uma mulher pensadora independente.

Mas não é só. Derrida escreve sobre *Instant de ma mort*, de Maurice Blanchot, em *Demeure*³⁰. O filósofo discute a posição daquele que exclama ao final “*je suis vivant. Non, tu es mort*” [Eu estou vivo. Não, você está morto], que é a localização tanto do personagem-narrador quanto da testemunha-narrador que afirma a morte em todas as conjugações verbais: presente, pretérito perfeito, futuro do pretérito, futuro do presente, o personagem-testemunha-narrador não fala apenas *da* sua morte, mas *desde* [from] sua morte, *do já-ter-ocorrido* [from having taken place] sua morte.

Fala-se de uma experiência inexperimentada, algo que desafia o julgamento e a análise. Nessa posição, a morte mata-se e o eu...

... já não sou eu, o *ego cogito*, o universal ‘acho que acompanha todas as minhas representações’ é nada mais que uma forma vazia na qual não reconheço nada; este universal ‘eu’ não era eu, o eu que está a falar contigo; já não posso (e não me peçam para isso, seria violência) responder pelo que este outro eu – mais diferente do que qualquer outro – fez, ou mesmo pensou ou sentiu por causa da vertiginosidade assustadora que chama ao abismo daquele instante³¹

O projeto desta dissertação é desvelar o caminho para tornar-se – tornar-me – zumbi, ao mesmo tempo em que mato a minha forma-sujeito moderna, vislumbrar igualmente uma experiência inexperimentada: a minha própria morte, em mais de um sentido, ao passo que tento levar a filosofia ao seu limite, aquele do outro – do

³⁰ DERRIDA, Jacques., BLANCHOT, Maurice. *The Instant of my Death & Demeure: Fiction and Testimony*. Trad. Elizabeth Rottenberg. Califórnia: Stanford UP, 2000.

³¹ *Ibidem*. p. 66, tradução minha.

zumbi, mais um morto. Escrevo em primeira pessoa em busca de traçar uma autotanatografia³².

1.2.2 Por que ficção?

“Se a filosofia, durante mundo tempo, fingiu sonhar, não era para duvidar da realidade, mas primeiramente para estabilizar a autoridade do julgamento, estabelecer sua superioridade sobre qualquer outra forma de pensamento”.

David Lapoujade³³

O potencial de criação dos mundos da ficção científica – que envolve novos mundos e as passagens entre eles, novas leis, condições e formas de vida e organizações políticas – abre caminho para a multiplicação de pensamentos e possibilidades, que de outra forma – cerceada pela realidade concreta –, não seria imaginável. Pensar por mundos, como diz David Lapoujade³⁴, e usar formas de pensamento outras como a metafísica, a mitologia e a religião, são as atividades da SF³⁵. Donna Haraway³⁶ ainda acrescenta que a SF é processo e prática de devir-com.

Ainda, é necessário um esforço constante para manter a SF viva, por ela não ser simplesmente um pólo de oposição à realidade. É preciso sustentar a ficção para que ela possa então produzir as multiplicidades características dela. “Trata-se, portanto, menos de livrar-se do mundo real para imaginar novos mundos possíveis do que de descer nas profundezas do real para adivinhar que novos delírios já estão

³² *Ibidem*, p. 55, tradução minha.

³³ LAPOUJADE, David. *A alteração de mundos: Versões de Philip K. Dick*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2022. p. 71.

³⁴ *Ibidem*. p. 11.

³⁵ SF é a sigla cunhada para *science fiction* [ficção científica], *speculative fabulation* [fabulação especulativa], *string figures* [figuras de barbante], *speculative feminism* [feminismo especulativo], *science fact* [fato científico] e *so far* [até agora]. EM: HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham, Londres: Duke UP, 2016 (publicado no Brasil pela N-1 em 2023).

³⁶ HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham, Londres: Duke UP, 2016. p. 03.

funcionando ali”³⁷. Se a própria SF já fornece novos mundos de multiplicidade, dobras e subjetividades parciais, as suas interpretações também podem produzir diferenças, intensificando significativamente os engendramentos possíveis na relação com esse gênero, modo e prática. Estão igualmente impressas em uma interpretação as multiplicidades de seus autores e seus leitores. E este encontro, sim, diverge expressivamente daquela do julgamento, a quem cabe distinguir e determinar qual é o mundo real. Assim, os seres da ficção, de caráter assimétrico e instável, têm uma “criação contínua”³⁸ que atravessa seus encontros com o público e, novamente, criam novas redes.

Esse entrelaçamento diminui a “outridade” do outro e o aproxima de forma a produzir redes cada vez mais interessantes, ainda que este outro esteja em uma fabulação especulativa do campo do absurdo – será? –, como os zumbis, que são vivos e mortos, humanos e não-mais-humanos e vírus, fungos, bactérias, acidentes nucleares ao mesmo tempo, outra espécie e ainda a mesma, mas em um campo de produções não guiadas pela racionalidade tão cara ao modo de vida atual.

As narrativas ficcionais revelam, como diz Roger Luckhurst³⁹ – que se concentra nas narrativas ficcionais sobre zumbis –, as malhas de conexões e os apegos arriscados que compõem uma ecologia global muito frágil. A ficção é uma forma de projetar a humanidade para além do fim, como uma forma de olhar o todo da estrutura societária, algo difícil, senão impossível, de se fazer no espaço e tempo nos quais se está inserido.

1.2.3 Por que zumbis?

“[...] os mortos abrem espaço no sentido de que desenham novos territórios”.

³⁷ LAPOUJADE, David. *A alteração de mundos: Versões de Philip K. Dick*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2022. p. 18.

³⁸ LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos Modernos*. Trad. Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 202.

³⁹ LUCKHURST, Roger. *Zombies: A Cultural History*. Reino Unido: Reaktion Books. 2016.

Vinciane Despret⁴⁰

Para Vinciane Despret⁴¹, as barreiras entre vida e morte ruíram nos últimos anos, e a isto se deve o retorno ativo dos mortos. Lauro & Embry⁴² exemplificam a argumentação de Despret com o caso de Terri Schiavo, cujos níveis de consciência e *status* de viva – ou seja, sem evidência de morte cerebral – foram discutidos amplamente por mais de dez anos no estado da Flórida, EUA, para determinar judicialmente se o seu equipamento de suporte à vida, sua sonda enteral, deveria ser removida – como queria seu marido e guardião legal – ou mantida – como queriam os pais de Terri.

Nesse mesmo sentido, qual é o *status* de vida da humanidade? Juliana Fausto⁴³ discute o chamado “débito de extinção”, a partir do trabalho de Genese Sodikoff⁴⁴. Segundo a filósofa brasileira, aquelas espécies cujos habitats são degradados a ponto de terem suas redes e ecossistemas quebrados sofrem uma “desaparição anunciada”⁴⁵, e mesmo que ainda sobrevivam por algum tempo, estão condenadas à extinção, sendo chamadas de “espécies mortas-vivas”. Assim, penso o “débito de extinção” aplicado à espécie humana: ondas cada vez mais fortes de calor – na Índia⁴⁶,

⁴⁰ DESPRET, Vinciane. *Um brinde aos mortos: Histórias daqueles que ficam*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2023. p. 19.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² LAURO, Sarah Juliet & EMBRY, Karen. A Zombie Manifesto. IN: LAURO, S. J. (Ed.) *Zombie Theory: A Reader*. Minneapolis/Londres: University of Minnesota Press, 2017.

⁴³ FAUSTO, Juliana. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: N-1, 2020.

⁴⁴ SODIKOFF, Genese. The Time of Living-Dead Species: Extinction Debt and Futurity in Madagascar. IN: PAIK, P. Y.; WIESNER-HANKS, M. (Eds.) *Debt: Ethics, the Environment, and the Economy*. Bloomington/Indianapolis: Indiana UP, 2013. p. 140-163.

⁴⁵ FAUSTO, Juliana. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: N-1, 2020. p. 290.

⁴⁶ DISPONÍVEL EM : <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/31/onda-de-calor-extremo-provoca-ao-menos-50-mortes-na-india.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2025.

no Iraque⁴⁷, no Canadá⁴⁸ – enchentes catastróficas – nos Emirados Árabes⁴⁹, no Rio Grande do Sul⁵⁰, na Espanha⁵¹ – incêndios florestais – nos Estados Unidos⁵², no Amazonas⁵³ – e avalanches de lama⁵⁴. “O futuro é o homem que não está mais lá, como mostram as zonas abandonadas onde o *fim do mundo* já começou”⁵⁵.

Se pensamos nessa auto-zumbificação humana como algo negativo, como no argumento anterior, também podemos fabular uma auto-zumbificação positiva, uma forma de interpretar o encontro entre humanos e não-mais-humanos não como um produtor de mesmidade, mas de proliferação de multiplicidades. Isso aparece especialmente em mídias de zumbis recentes: *The Last of Us*⁵⁶, *The Girl with all the Gifts*⁵⁷, cujas histórias são similares, e *Redcon-1*⁵⁸: duas garotas, respectivamente, Ellie e Melanie, vivem em um cenário pós-apocalíptico onde o mundo foi tomado por uma infecção fúngica. Em ambos os casos, elas são *especiais* pois são supostamente imunes à contaminação e são guiadas, respectivamente, por uma organização de resistência e pelo exército, para serem cobaias de experimentos a fim de produzir um antídoto.

⁴⁷ DISPONÍVEL EM: <https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2021/07/03/iraque-queima-com-mais-de-50c-na-sombra-e-sem-eletricidade.htm>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁴⁸ DISPONÍVEL EM: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/calor-extremo-cozinhou-mexilhoes-e-mariscos-vivos-em-praias-do-canada/>. Acesso em: 04 mar. 2025. v

⁴⁹ DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/04/17/semeadura-de-nuvens-pode-estar-por-tras-da-pior-chuva-registrada-na-historia-de-dubai-diz-agencia.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁵⁰ DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁵¹ DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/10/31/espanha-busca-corpos-comeca-limpeza-cenario-terra-arrasada-apos-pior-enchente-do-seculo.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁵² DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/01/09/pior-incendio-da-historia-da-california-mata-5-destroi-milhares-casas-e-desloca-200-mil-pessoas.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁵³ DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2025/01/09/pior-incendio-da-historia-da-california-mata-5-destroi-milhares-casas-e-desloca-200-mil-pessoas.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁵⁴ DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/03/deslizamento-de-terra-deixa-desaparecidos-no-japao.ghtml>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁵⁵ LAPOUJADE, David. *A alteração de mundos: Versões de Philip K. Dick*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2022. p. 96, grifo original.

⁵⁶ *THE LAST of Us*. Prod. Neil Druckmann e Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2023 (2 temporada, 907 min.).

⁵⁷ *THE Girl with All the Gifts* (MELANIE: A Última Esperança). Dir. Colm McCarthy. Grã-Bretanha, Warner Bros. Pictures, 2016 (111 min.).

⁵⁸ *REDCON-1* (Zona de Quarentena). Dir. Chee Keong Cheung. Grã-Bretanha: Intense Productions, 2018 (117 min.).

Alicia, de *Redcon-1* é encontrada presa por uma milícia armada zumbi junto ao cientista que criou a mutação viral e de quem se espera a descoberta da cura. O soldado que a protege desde o resgate descobre por arquivos do cientista já falecido que a garotinha é filha do paciente zero, o único – até então – que mesmo infectado, era imune aos efeitos do parasita. A verdade é que as garotinhas⁵⁹ nasceram de mães e pai infectados, produzindo uma simbiogênese. Melanie, Ellie e Alicia são zumbis pós-humanas. Elas se adaptaram, em conjunto com micro-organismos, criando redes biológicas de multiplicidades.

Nesse sentido, além do caminho ontológico a qual se propõe este trabalho, há também um caminho ecológico subjacente inevitável quando são *estes* zumbis em vista. Despret⁶⁰ fala em estudar as necessidades que devem ser reverenciadas na criação de redes, mas também em “tato ontológico”, ou seja, “[c]omunicar a tonalidade justa; distribuir, com toda uma arte da dosagem, os modos de presença, os regimes de existência”.

Jeffrey Jerome Cohen⁶¹ defende que o estudo dos zumbis é apenas mais uma forma de se divertir com essas figuras, mas que para além disso, o estudo dessas criaturas envolve um paradoxo insustentável de compreender uma figura que seria totalmente corpórea como um quebra-cabeça intelectual. O autor conclui que para se estudar os zumbis, é necessário desfazer as divisões entre fenômenos materiais e imateriais.

1.2.4 Por que modos de existência?

“É que o mundo inteiro é bem vasto se há mais de um gênero de existência”.

Étienne Souriau⁶²

⁵⁹ Sempre elas!

⁶⁰ DESPRET, Vinciane. *Um brinde aos mortos: Histórias daqueles que ficam*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2023. p. 108.

⁶¹ COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. *Journal of the Fantastic in the Arts*, v. 23, n. 3. 2012. p. 393-412.

Se a escolha de pensar em zumbis simbiotes tem uma função ético-ontológica, assim também ocorre com a decisão de fazer uso dos modos de existência de Étienne Souriau. “Se”, diz Latour⁶³, “se trata de ecologizar e não mais de modernizar, talvez se torne possível fazer coexistir um número maior de valores em um ecossistema um pouco mais rico”.

Quando todas as existências partilham o mesmo grau de autenticidade, existência e realidade, elas reequilibram aquela *ontologia orientada pela humanidade*, denunciada por Graham Harman⁶⁴, que redireciona todos os seus esforços para falar de si mesma. Nesse sentido, partindo de um pluralismo ontológico preocupado em produzir uma base equitativa dos seres, é então possível fabular os múltiplos mundos que são produzidos por curiosidade, necessidade ou, até, entretenimento, como os infinitos mundos tomados por zumbis, seres ficcionais cujas *redes* passíveis de serem traçadas são incrivelmente ricas.

Ampliando os gabaritos ontológicos disponíveis, a partir dos modos de existência da maior quantidade possível de seres, inclusive os zumbis, a “anemia ontológica”⁶⁵ dos Modernos recebe seu complexo vitamínico. Ainda que os zumbis estejam em uma posição de “grau zero”⁶⁶, uma experiência pura, são capazes de fazer ver diferentes modos velados, que outros personagens não conseguem enxergar, mas que ficam evidentes ao público que os recebe e interpreta. “Esses seres não são mais representações, imaginações, fantasias projetadas do interior para o exterior; eles vêm inegavelmente de fora, eles se impõem”⁶⁷.

⁶² SOURIAU, Étienne. *Diferentes modos de existência*. Trad. Walter Romero Menon Júnior. São Paulo : N-1, 2020. p. 11.

⁶³ LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existência uma antropologia dos Modernos*. Trad. Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 23.

⁶⁴ HARMAN, Graham. *Object-Oriented Ontology: A New Theory of Everything*. Grã-Bretanha: Pelican Books, 2018.

⁶⁵ LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existência uma antropologia dos Modernos*. Trad. Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 139.

⁶⁶ LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo : N-1, 2017. p. 52.

⁶⁷ LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existência uma antropologia dos Modernos*. Trad. Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 170.

1.3 METODOLOGIA

“Um “método” é o espaço estriado da cogitatio universalis, e traça um caminho que deve ser seguido de um ponto a outro. Mas a forma de exterioridade situa o pensamento num espaço liso que ele deve ocupar sem poder medi-lo, e para o qual não há método possível, reprodução concebível, mas somente revezamentos, intermezzi, relances”.

(Gilles Deleuze & Felix Guattari⁶⁸)

Essa dissertação é experimental, especulativa e fabulativa. Dessa forma, seria desonesto afirmar que segui um método: como pensar um método de dessubjetivação? Um método de antiprodução? Um método de desaprendizado? No entanto, a pesquisa deste trabalho seguiu uma sequência similar – que irônico! – à do método cartesiano (não se pode jogar o bebê fora com a água do banho, não é?).

O trabalho de pesquisadora envolveu, antes de tudo, o trabalho de arquivista e bibliotecária. Levantei aproximadamente 500 filmes considerados – entre controvérsias – de zumbis. Esse levantamento passou pela listagem de Jamie Russell⁶⁹, que cobre filmes lançados entre 1932 e 2014. Para filmes produzidos após 2014, confiei na lista do popular *site* IMDb⁷⁰, que é alimentado, através do IMDb Pro, pelos próprios produtores dos filmes. Exclusivamente para a finalidade de pesquisa, consegui fazer o *download* de boa parte deles através dos *torrents*⁷¹ e do trabalho admirável do *site* Internet Archive⁷².

⁶⁸ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. 05. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2012. p. 49.

⁶⁹ RUSSELL, Jamie. *Book of the Dead: The Complete History of Zombie Cinema*. Londres: Titan Books, 2014.

⁷⁰ *Internet Movie Database*. DISPONÍVEL EM: <https://www.imdb.com/list/ls059468572/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁷¹ *Torrent* é uma extensão compatível com o protocolo de compartilhamento *BitTorrent*, e por meio dele, arquivos grandes têm seu *download* simplificado e acelerado.

⁷² DISPONÍVEL EM: <https://archive.org>. Acesso em: 04 mar. 2025.

Não posso afirmar que assisti a todos, mas li a sinopse de cada um. Registrei os filmes em uma conta criada para esta finalidade na rede social *Letterboxd*⁷³, que segue sendo atualizada. A centralidade desse trabalho nos filmes, ou seja, o recorte, se dá sobretudo pela incapacidade de explorar todas as mídias, pela quantidade numerosa de universos zumbis possíveis. Fiz o possível para incluir quadrinhos, *videogames* e livros quando estes fizeram sentido para o desenvolvimento do trabalho.

Procurei relacionar livremente pontos significativos dos filmes para, então, listar uma bibliografia primária, que foi se modificando e alterando sua ordem conforme novas evidências de novos filmes surgiam. Registrei os fichamentos e leituras em um *site* simples que programei em HTML⁷⁴ e CSS⁷⁵ e que mantenho desde meados da graduação, já contendo todas as leituras usadas na monografia de graduação e no meu livro.

Por meio de mapas mentais e nuvens de palavras, pude agrupar pontos comuns e significativos entre as leituras, os filmes propostos e minhas próprias elaborações. Ordenei-os em duas partes que se dividem, respectivamente, em três e quatro capítulos. Na sequência, fiz o levantamento da bibliografia secundária, que passou pelo mesmo sistema de processamento que a bibliografia primária.

Por fim, a elaboração consistiu em rever meus passos anteriores, ajustar pontos na estrutura da dissertação, relacionar com mais solidez o material – bibliografia e filmografia – e me debruçar sobre a escrita, consultando com frequência as bibliografias e as filmografias mais fundamentais ao trabalho.

⁷³ DISPONÍVEL EM: <https://letterboxd.com/stefofthedead/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

⁷⁴ *HyperText Markup Language*.

⁷⁵ *Cascading Style Sheets*.

PARTE UM – MODOS DE EXISTÊNCIA INTENSIVOS

2 SOBREVIDA

— *Pelo amor de Deus!... Depressa... depressa... faça-me dormir... ou então, depressa... acorde-me... depressa!... Afirmo que estou morto!*

(Sr. Valdemar – Edgar Allan Poe)⁷⁶

2.1 Vida, neguentropia, Gaia e os zumbis

Michonne e Andrea separam-se do grupo de sobreviventes e Michonne utiliza sua velha técnica: arranca as mandíbulas e braços de dois zumbis, que carrega acorrentados, como camuflagem: neste universo, *walkers* – os zumbis – *farejam* humanos: com os dois zumbis incapacitados, o cheiro das sobreviventes é dissimulado e elas podem se deslocar com facilidade, seguras – ao menos dos zumbis. Emboscadas por um grupo rival, liderado pelo Governador, acabam na pequena vila fortificada que o homem comanda. No laboratório, cientistas estudam os espécimes que Michonne carregava.

– Se eles não estão comendo, por que não morrem de fome?
– Eles estão... morrendo. Só o fazem mais lentamente que nós⁷⁷

Em *Plague*⁷⁸, o antagonista Charlie, quando confrontado pelos demais sobreviventes pela mentira que contou sobre sua família, abre o porta-malas de seu jipe, mostra-lhes o conteúdo: uma mulher zumbi, a mulher da foto que apresentou ao grupo como sua esposa, em estado deteriorado e fala: “Ela é quem irá me contar quanto tempo eles podem viver sem alimento... vocês não vêem? Eles estão morrendo! Logo, isso vai acabar e tudo voltará ao normal. Como era antes. Não é isso que todos nós queremos? Deixar isso para trás?”⁷⁹.

⁷⁶ POE, Edgar Allan. O caso do sr. Valdemar. IN: POE, E. A. *Contos de terror, de mistério e de morte* [recurso digital]. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 7p.

⁷⁷ WALK with me [temporada 03, episódio 03]. *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Guy Ferland. Rot. Evan Reilly. Estados Unidos: AMC, 2012 (46 min.).

⁷⁸ *PLAGUE*. Dir. Nick Kozakis e Kosta Ouzas. Austrália: Exile Entertainment, 2015 (89 min.).

⁷⁹ *Ibidem*. Min. 01:02:40-01:03:10, tradução minha.

O metabolismo, para Schrödinger⁸⁰, vai contra as leis da física, que segundo o autor, são estatísticas e têm relação com a tendência “natural” à desordem. A vida, portanto, ocorre no sentido contrário da matéria: em vez de ordem para desordem, ela mantém a sua ordem existente, uma esquivada do decaimento em direção ao equilíbrio. Ainda, a vida é definida, para o premiado pelo Nobel de física, como uma “porção de matéria que ‘faz alguma coisa’”⁸¹ por períodos significativamente mais longos que uma porção de matéria inanimada, que quando isolada em ambiente uniforme, eventualmente cessa seu movimento,

“Como um organismo vivo evita o decaimento? A resposta óbvia é: comendo, bebendo, respirando e (no caso das plantas) assimilando. O termo técnico é *metabolismo*”⁸². Todos os processos naturais, segundo o autor, levam ao aumento de entropia, ou seja, entropia positiva, que aproxima o ser vivo ao estado de “entropia máxima”, a morte. Assim, só é possível se manter vivo consumindo ou extraíndo “entropia negativa” do ambiente. Se eu entendi corretamente, um organismo vivo deve ser eficiente em livrar-se de entropia, afastando-se constantemente da morte. Viver é se desembagunçar.

Schrödinger admite, ao final dessa experimentação, que não se trata de qualquer “entropia negativa”, mas a que vem de fontes que também estão relativamente bem organizadas, ou seja, outras matérias orgânicas. As plantas essencialmente alimentam-se de entropia negativa a partir do sol. Nesse sentido, qual é a possibilidade de que ser infectado com um tipo específico de matéria viva prolongue uma vida já em estado de entropia máxima? Ou ainda, que tal infecção no momento de entropia máxima produza uma entropia negativa e ainda, uma lentidão no organismo vivo para alcançar a entropia máxima?

⁸⁰ SCHRÖDINGER, Erwin. *O que é vida? O aspecto físico da célula viva*. Trad. Jesus de Paula Assis e Vera Yukie Kuwajima de Paula Assis. São Paulo: UNESP, 1997.

⁸¹ *Ibidem*. p. 81.

⁸² *Ibidem*. p. 82. grifo original.

De forma mais contextualizada: uma infecção zumbi, que podemos chamar de reintrodução de entropia negativa (=ordem), pode produzir ordem (=entropia negativa) em um organismo próximo da morte (=entropia máxima) de forma tão rápida que consegue evitar a morte, ainda que seja obrigada a se desfazer de funções que nós julgamos essenciais, como propriocepção, raciocínio, memória, fala, enfim. Mais ainda, uma infecção zumbi (=reintrodução de entropia negativa) produz ordem acelerada e permite que o processo até o realcance da entropia máxima (morte) seja freado.

Essas hipóteses relacionadas à infecção como uma reintrodução de entropia negativa acelerada ainda têm respaldo de Schrödinger no que diz respeito aos hábitos alimentares dos zumbis: o canibalismo se explicaria pela necessidade de introdução de entropia negativa suficientemente complexa – Schrödinger afirma que no caso dos vivos “tradicionais”, é necessário alimentar-se de formas relativamente complexas, mas mais simples que o próprio organismo que consome –, ou seja, um humano, para se ordenar rapidamente.

Ainda, é curioso que os zumbis morram mais lentamente que humanos, que não precisem consumir entropia negativa diariamente para evitar a morte. Isto indica uma possível *adaptação* – em linguagem darwinista – ao novo *habitat* humano, um de escassez de “recursos”, um marcado pela ação em escala geológica de um certo tipo de humanidade. Nesse sentido, é a própria infecção que produz uma adaptação, tornando o humano mais preparado para um cenário de escassez, ainda que zumbificado. Uma simbiose, na qual o agente infeccioso ganha um hospedeiro, que por sua vez, ganha uma vantagem em relação ao cenário Antropocênico.

Em 1963, os cientistas acreditavam que a temperatura máxima na qual bactérias termofílicas⁸³ podiam viver era 73°C. Em 1965, contudo, Thomas D. Brock⁸⁴,

⁸³ Do grego *thermós* + *phílos*. Qualidade que têm alguns seres de se desenvolverem em temperaturas elevadas. FONTE: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/okR1n/termofilia/>. Acesso em: 07 mar. 2025.

⁸⁴ BROCK, Thomas D. The Value of Basic Research: Discovery of *Thermus Aquaticus* and Other Extreme Thermophiles. *Genetics*, v. 146, ago./1997.

microbiólogo, começou um estudo no Yellowstone National Park, inicialmente investigando o limite de temperatura para a fotossíntese, que o cientista estabeleceu em 73°C. Nas temperaturas superiores dos efluentes de certas nascentes termais, ele observou a presença de bactérias filamentosas, especialmente em Octopus Springs, que chegava a 88°C. O microorganismo foi isolado em 1966, na Universidade de Indiana, onde Brock era professor de Microbiologia, e mais tarde, em diversas partes do mundo. A *Thermus aquaticus* foi testada por David Gelfan, que buscava uma polimerase, uma enzima, para a PCR⁸⁵, e a Taq polimerase foi a escolhida. Seria uma sorte para a humanidade, implicada diretamente na catástrofe climática, integrar alguma relação simbiótica com uma bactéria termofílica como essa.

Max Brooks, responsável por obras como *World War Z*⁸⁶, o HQ *Ataques Registrados*⁸⁷ e *The Zombie Survival Guide*⁸⁸, escreve nesta última obra uma descrição científica da possibilidade de um sexto sentido nos zumbis:

Pesquisas históricas, juntamente com observações de laboratório e campo, mostraram que os mortos-vivos são conhecidos por atacar mesmo quando todos os seus órgãos sensoriais foram danificados ou completamente decompostos. Isso significa que os zumbis possuem um sexto sentido? Talvez. Humanos vivos usam menos de 5% da sua capacidade cerebral. É possível que o vírus possa estimular outra capacidade sensorial que foi esquecida pela evolução. Esta teoria é uma das mais debatidas na guerra contra os mortos-vivos. Até agora, nenhuma evidência científica foi encontrada para apoiar qualquer lado⁸⁹.

A possibilidade de contrair um vírus que ative as partes “inutilizadas”⁹⁰ do cérebro me parece fascinante. Ou ainda, um microorganismo que seja capaz de

⁸⁵ *Polymerase Chain Reaction*. Técnica que revolucionou o estudo do DNA.

⁸⁶ BROOKS, Max. *World War Z: An Oral History of the Zombie War*. Estados Unidos: Three Rivers Press, 2007.

⁸⁷ BROOKS, Max. *O Guia de Sobrevivência Zumbi: Ataques Registrados*. Ilust. Ibraim Roberson. Trad. Leonardo Villa-Forte. São Paulo: Rocco, 2011.

⁸⁸ BROOKS, Max. *The Zombie Survival Guide: Complete Protection from the Living Dead*. Ilust. Max Werner. Estados Unidos: Three Rivers Press, 2003.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 09.

⁹⁰ Max Brooks sustenta essa descrição no mito médico de que os humanos utilizam apenas 10% do cérebro, mito desbancado por neurocientistas contemporâneos. Cf. VREEMAN, Rachel C. & CARROLL, Aaron E. Medical Myths. *BMJ*, vol. 335, dez./2007. p. 1288-1289.

expandir a capacidade cerebral, até mesmo para conceber comunicações não verbais, como ocorre nos fungos⁹¹. Talvez zumbis sejam não-verbais não porque não são capazes, mas porque não têm mais necessidade. Nesse sentido, talvez a supremacia da linguagem promovida na filosofia seja, de fato, um atestado de limitação da espécie humana.

Novamente para Margulis & Sagan⁹², sistemas dissipativos, como um tornado, por exemplo, podem usar a neguentropia⁹³ para aumentar sua ordem, mas eles duram apenas um período curto. A vida, no entanto, além de conservar ordem, interage com o seu meio, se preservando e se protegendo. Os fatores que produziram esse esse ponto de “fracionamento“, esse ponto de passagem do ”comportamento dissipativo” para o ”comportamento vivo”⁹⁴ é desconhecido, mas só precisaria ter acontecido uma vez.

A vida se mantém criando mais de si mesma. A vida é indissociável do *comportamento* dos vivos: as células expandem seus próprios limites. Aqui, contudo, chegamos a uma diferença fundamental entre os vivos e os mortos-vivos. Os vivos possuem um sistema autorreparador e seus tecidos se renovam com frequência, uma outra função do metabolismo, que delimita vida. Os mortos-vivos, de modo geral, não possuem a capacidade de regeneração que constitui a vida em si. Eles estão em um estado de metabolismo reduzido que evita a própria morte pelo maior tempo possível, até que eles possam criar mais zumbis, por meio da contaminação e do contágio. Existe a possibilidade de que, assim como acontece nos vivos, o metabolismo zumbi reduza conforme a escassez de alimentos aumenta.

⁹¹ Cf. ADAMATZKI, Adam. Language of fungi derived from their electrical spiking activity. *R. Soc. Open Sci.* v. 09, v. 04, abr./2022. 15p. & BITTENCOURT, T. *et al.* Fungal Extracellular Vesicles Are Involved in Intraspecies Intracellular Communication. *mBio*, vol. 13, v. 01, jan.-fev./2022. 14p.

⁹² MARGULIS, Lynn. SAGAN, Dorion. *What is Life?* Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2000.

⁹³ Nome dado à entropia negativa.

⁹⁴ MARGULIS, Lynn. SAGAN, Dorion. *What is Life?* Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2000. p. 58.

Para Margulis & Sagan, indo de encontro ao conceito de Beth Dempster⁹⁵, a vida é *autopoiética*. Vírus, entretanto, não são. Não têm metabolismo e são muito pequenos para se manterem sozinhos. Eles só agem quando entram em uma célula autopoiética, a partir daí se reproduzindo. Wendell Stanley, laureado pelo Nobel por ser o primeiro a cristalizar vírus de mosaicos de tabaco, também questionou em seu discurso de vitória o *status* de vivente dos vírus, apenas recém-descobertos, muito antes de Margulis & Sagan:

Reprodução, mutação e atividade metabólica há muito são consideradas propriedades únicas e especiais dos organismos vivos. Quando se descobriu que os vírus possuíam a capacidade de se reproduzir e de mutar, houve uma tendência clara de considerá-los como organismos vivos muito pequenos, apesar de a questão da atividade metabólica permanecer sem resposta. [...] Por exemplo, vários vírus são menores que certas moléculas de proteína de hemocianina, e vários vírus são maiores que o organismo de pleuropneumonia, que é um organismo vivo aceito, capaz de crescer em meios artificiais. O fato de, em relação ao tamanho, os vírus se sobreporem aos organismos do biólogo em um extremo e às moléculas do químico no outro extremo apenas serviu para aumentar o mistério sobre a natureza dos vírus. Além disso, tornou-se óbvio que uma linha divisória clara entre o que é vivo e o que não é vivo não poderia ser traçada, e este fato serviu para alimentar a discussão sobre a pergunta milenar: 'O que é a vida?'⁹⁶.

Tenho a intuição de que foi por este motivo que zumbis e vírus se aliaram no imaginário popular. Ora apresentando características dos vivos, ora adquirindo características dos inanimados, ora tudo ao mesmo tempo, os zumbis, assim como os vírus, desafiam as noções de vida e não-vida. Webb & Byrnan⁹⁷ afirmam que zumbis são, sim, entidades vivas e cognoscentes, pois seus cérebros ainda processam informações, ainda que minimamente. A retenção de memórias, o discernimento de responder ao ambiente e de interagir, ainda que seja caçando ou andando em bandos, é prova disso. É possível, então, chamar os zumbis de sistemas dissipativos

⁹⁵ DEMPSTER, Beth. "Sympoietic and Autopoietic Systems: A New Distinction for Self-Organizing Systems". *Proceedings of the World Congress of the Systems Sciences and ISSS*, 2000 (Toronto).

⁹⁶ STANLEY, Wendell M. The isolation and properties of crystalline tobacco mosaic virus. *Nobel Lecture*, 12 dez., 1946.

⁹⁷ WEBB, Jen; BYRNAND, Sam. Some Kind of Virus: The Zombie as Body and as Trope. *Body & Society*, v. 14, n. 02, 2008. p. 83-98.

biodependentes? Talvez. Nesse sentido, cabe explorar o conceito de *Gaia*, tal como cunhado por James Lovelock.

A partir da definição de Schrödinger, de que a vida é um sistema capaz de dissipar entropia e manter sua ordem, Lovelock⁹⁸, ainda que a considere vaga e abrangente, a leva um passo adiante: ela sugere que há dois processos na manutenção da vida. O primeiro seria na “fábrica”, i.e. o ser vivo, onde a energia e os materiais brutos são trabalhados, resultando na redução de entropia, que é então descartada em um segundo processo, que acontece no ambiente que recebe os “resíduos”⁹⁹.

Na teoria anterior, a vida emprestava gases da atmosfera e os retornava sem mudanças, mas para Lovelock, Gaia possui propriedades que não poderiam ser previstas pela soma de suas partes. Uma entidade, como o cientista chama, capaz de adaptar, como a maioria dos seres vivos, o ambiente às suas necessidades. A diminuição de entropia, ou seja, o estado de constante desequilíbrio de gases atmosféricos, é a prova.

Lovelock afirma que esta visão é uma alternativa ao pensamento que encara a natureza – ou seja, esse conjunto de vida, oceano, floresta, atmosfera – como algo a ser conquistado ou submetido à vontade humana. Essa visão também é mais animadora do que pensar em um bloco de pedra girando eternamente ao redor do sol. É agora que, se tiver alguém lendo, vai perguntar: e os zumbis?

Gaia não é viva por si só, mas é viva porque a vida que contém regula seus elementos a ponto de continuar mantendo a vida. Ela não é vida por si só. Os zumbis simbiotes do qual falo também são sistemas não exatamente vivos, não exatamente mortos, mas que contém características dos vivos. Ambos são “sistemas dissipativos biodependentes”. Ambos são *sobrevida*.

⁹⁸ LOVELOCK, James. *Gaia: A New Look at Life on Earth*. Oxford e Nova Iorque: Oxford, 2000.

⁹⁹ *Ibidem*. p. 05.

2.2 Derrida, Blanchot, Maggie e *survie*

Maggie¹⁰⁰ é uma garota adolescente do interior da Louisiana que fugiu de casa para ir até a cidade e acabou infectada pelo *Necrovirus*, um patógeno que transforma seus hospedeiros em zumbis – *necroambulists* – canibais, mas de forma extremamente lenta – durando de seis a oito semanas. Seu pai, Wade – interpretado por Arnold Schwarzenegger! –, é um respeitado pai de família rural e consegue retirar sua filha do hospital de infectados em Nova Orleans, com a ajuda do Dr. Vern Kaplan, depois de procurá-la por semanas.

Ela se fere de maneira tola, após alguns dias na casa rural de sua família, e seu dedo necrosa rapidamente. Em um ato de desespero, ela o decepa com a faca de cozinha. Wade insiste em cuidar da filha até os últimos dias, enquanto ela se transforma. Maggie encontra outro adolescente passando pelo mesmo processo, Trent, e tem momentos de honestidade profunda, apenas para mais tarde vê-lo ser levado pela polícia para a quarentena. Os vivos começam a cheirar diferente, como comida e sua madrasta, Caroline, leva seus dois meio-irmãos para a casa da irmã/tia, por medo de contaminação.

A situação começa a deteriorar, Wade consegue a injeção que aplicam aos terminais no centro de quarentena, e sabe que a hora está se aproximando. Ele dorme na poltrona da sala, espingarda em mãos, esperando Maggie se transformar definitivamente. Maggie, no entanto, sabendo que seu momento chegou, com muita dificuldade, beija seu pai e sobe no telhado da casa rural da família. De lá, relembra sua mãe e os dias felizes que teve no campo, rodeada de margaridas, e se joga.

A experiência de *Maggie*, embora vinda de um roteiro e filme de baixo orçamento e de um filme aparentemente vazio, se assemelha às das duas obras de

¹⁰⁰ *MAGGIE* (Maggie: a transformação). Dir. Henry Hobson. Estados Unidos e Suíça: Lionsgate Films, 2015 (95 min.).

ficção tratadas por Derrida em *Demeure*¹⁰¹: *O caso do Sr. Valdemar*¹⁰², de Edgar Allan Poe e *The Instant of my Death*¹⁰³, de Maurice Blanchot. Nestas obras, a principal análise de Derrida será sobre a *sobrevida*, assunto que o mobilizou por boa parte de sua vida e de suas obras. Ele diz: “Eu sempre me interessei por esse tema da sobrevivência, cujo sentido não se dá ao viver e morrer. Ele é originário: a vida é sobrevivência. Em seu sentido comum, sobreviver significa continuar vivendo, mas também viver após a morte”¹⁰⁴.

Para Derrida, o instante da morte de alguém é dividido e se torna um momento de indefinição – se está, mas não se está morto –, e naquele ponto, a imortalidade toma conta como uma “experiência inexperiente”: se é imortal pois não se pode mais morrer. No conto de Blanchot, um garoto jovem tem sua morte decretada: “*Voilà à quoi vous êtes parvenu*”¹⁰⁵, mas escapa da morte de fato, pois um tiroteio havia sido deflagrado. O jovem havia então, deixado o mundo sem deixá-lo, ainda assim estando sem mundo.

Para Jeffrey Jerome Cohen¹⁰⁶, os zumbis integram uma zona lacunar da trama do mundo conhecido, e nesta brecha, da qual surgem os zumbis, não é um espaço nem real nem quimérico, mas é o que faz as certezas se esvaírem, incluindo a certeza do que é a vida. Então, não se trata, é claro, de uma imortalidade platônica¹⁰⁷ ou cristã, ainda que o exercício proposto por este trabalho se assemelhe ao exercício de imaginação dos fins do tempo monástico. Não se trata de uma transcendência ou o

¹⁰¹ DERRIDA, Jacques., BLANCHOT, Maurice. *The Instant of my Death & Demeure: Fiction and Testimony*. Trad. Elizabeth Rottenberg. Califórnia: Stanford UP, 2000.

¹⁰² POE, Edgar Allan. *O caso do sr. Valdemar*. IN: POE, E. A. *Contos de terror, de mistério e de morte* [recurso digital]. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 7p.

¹⁰³ DERRIDA, Jacques., BLANCHOT, Maurice. *The Instant of my Death & Demeure: Fiction and Testimony*. Trad. Elizabeth Rottenberg. Califórnia: Stanford UP, 2000.

¹⁰⁴ *Idem*. *Aprender por fim a viver*. Trad. Nicolás Bersihand. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 23, tradução minha.

¹⁰⁵ DERRIDA, Jacques., BLANCHOT, Maurice. *The Instant of my Death & Demeure: Fiction and Testimony*. Trad. Elizabeth Rottenberg. Califórnia: Stanford UP, 2000. p. 04.

¹⁰⁶ COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. *Journal of the Fantastic in the Arts*, v. 23, n. 3. 2012. p. 393-412.

¹⁰⁷ Cf. PLATÃO. *Fédon*. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. IN: *Coleção Os Pensadores*. Vol. Platão – Diálogos. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 61-132.

além metafísico-religioso. Não é um além-mundo, é um sem-mundo. É uma felicidade, embora o conto de Blanchot negue a palavra, de ser quase baleado, Derrida diz.

A testemunha é *sempre* a sobrevivente. Aquela que testemunha o outro morrer. Para testemunhar, é necessário viver mais e poder dar seu testemunho sobre o acontecido. Quando Blanchot escreve “*je suis vivant. Non, tu es mort*”¹⁰⁸, ele, ao mesmo tempo, mantém a fidelidade dos papéis: quem testemunha a morte a afirma para uma segunda pessoa, o morto, que afirma, ao contrário, sua vida, assim distorcendo e fundindo os papéis. Estes são temas caros a Blanchot.

Em *O caso do Sr. Valdemar*, de Edgar Allan Poe, esses papéis estão ainda mais embaçados: O conto é narrado em primeira pessoa, por um magnetizador¹⁰⁹ que procura experimentar a técnica em alguém *in articulo mortis*¹¹⁰. Ele encontra o Sr. Valdemar, que estava com tuberculose. Tal doença permitia o cálculo exato do período de morte, e perto do horário estimado pelos médicos, o narrador se preparava para iniciar os seus passes.

Com os passes, Sr. Valdemar sobreviveu a hora de sua morte, mas logo a sua fisionomia alterou-se para a de um morto. Ainda assim, pôde responder à pergunta do narrador:

– Sr. Valdemar, ainda está dormindo?

[...]

– Sim... não... estava adormecido... e agora... agora... *estou morto*¹¹¹.

¹⁰⁸ DERRIDA, Jacques., BLANCHOT, Maurice. *The Instant of my Death & Demeure: Fiction and Testimony*. Trad. Elizabeth Rottenberg. Califórnia: Stanford UP, 2000. p. 08.

¹⁰⁹ Magnetismo, teoria criada por Franz Anton Mesmer, que acreditava que havia um fluido universal que poderia ser manipulado através de imãs para a cura de doenças. Cf. LANSKA, Douglas J., LANSKA, Joseph T. Franz Anton Mesmer and the Rise and Fall of Animal Magnetism: Dramatic Cures, Controversy, and Ultimately a Triumph for the Scientific Method. WHITAKER, Harry, SMITH, C.U.M., FINGER, S. (Orgs.). *Brain, Mind and Medicine: Essays in Eighteenth-Century Neuroscience*. Nova Iorque: Springer, 2007. p. 301-320.

¹¹⁰ Na hora da morte, provável iminência de morrer. FONTE: <https://dicionario.priberam.org/inarticulomortis>. Acesso em: 09 mar. 2025.

¹¹¹ POE, Edgar Allan. O caso do sr. Valdemar. IN: POE, E. A. *Contos de terror, de mistério e de morte* [recurso digital]. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. sem notação de página, grifo original.

A morte tinha sido adiada pela ação magnética, e seus médicos discutiram a possibilidade de acordá-lo do transe magnético, mas optaram por deixá-lo magnetizado por sete meses, quando finalmente decidiram despertá-lo. Ao acordar definitivamente, seu corpo se putrefez diante dos presentes. O uso do bioeletromagnetismo como força zumbificadora seria utilizado no filme *One Dark Night*¹¹², no qual um ocultista russo recém-falecido retorna dos mortos e coordena cadáveres para atacar três garotas colegiais.

Derrida faz uma pequena menção a esse conto em *Demeure*, mas para mim, a obra de Poe tem um significado maior: ainda que seja um leve anacronismo, visto que a história *oficial* dos zumbis começa em 1968, eu gosto de pensar que Sr. Valdemar é o zumbi gótico por excelência, tanto pelos elementos que caracterizam o conto como literatura gótica quanto pelos elementos que caracterizam o personagem como um zumbi: um estado de morto-não-morto, as causas da “zumbificação”, o apodrecimento repentino de seu corpo. Maggie também está em estado de morta-não-morta, vendo a transformação ocorrer em seu corpo dia após dia, deixando de ser vivente e passando a ser morta. Uma testemunha de sua própria morte, junto com seu pai, Wade, que por sua vez, tem a difícil tarefa de “doravante, [...] sobrelevar o [...] desaparecimento”¹¹³ de sua filha. Não apenas isto, mas testemunhar o lento desaparecimento de um ente querido.

Em *La morte vivante*¹¹⁴, Catherine Valmont ressuscita após alguns homens derramarem substâncias tóxicas em sua cripta, no castelo onde morava. A zumbi tem apenas lembranças de sua amiga de infância, Hélène, a quem procura depois de saciar seu novo gosto por sangue, matando os homens que a despertaram. Com a

¹¹² *ONE Dark Night* (Numa noite escura). Dir. Tom McLoughlin e Michael Schroeder. Estados Unidos: The Picture Company, 1982 (89 min.).

¹¹³ DERRIDA, Jacques. *Aprender por fim a viver*. Trad. Nicolás Bersihand. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. p. 16, tradução minha.

¹¹⁴ *LA Morte Vivante* (A Morta-Viva). Dir. Jean Rollin. França: Films A.B.C., Les Films Aleriaz, Les Films du Yaka, 1982 (85 min.).

cumplicidade de sua amiga, Catherine recupera memórias e eventualmente, se dá conta de sua macabra situação:

- Catherine Valmont? Poderia falar um minuto? Tirei ontem. Esperava tirar outras. Me chamo Barbara Simon.
- Helene, é realmente encantadora. Jamais te deixarei, Helene. Sempre te amarei. Você não é Helene!
- Vim tirar umas fotos. Não lembra?
- Onde estamos?
- No castelo da família Valmont. Em seu castelo.
- Ajude-me.
- Como?
- Há muito sangue ao meu redor.
- Que disse?
- Sangue fluindo. Estou morta. Estou morta. Estou morta¹¹⁵.

Essa tomada progressiva de consciência, dos delírios sobre Hélène até a constatação de sua morte e de todo o sangue que havia derramado, amplia o horror do Sr. Valdemar, pois agora não se trata apenas da percepção da morte, mas do se faz quando morto, e no caso dos zumbis, o consumo de sangue ou carne humana, uma das proibições mais firmes da sociedade ocidental, se faz presente. Os zumbis não são mortos-vivos etéreos ou espectros filosóficos, mas, como escreve Cohen¹¹⁶, cadáveres em putrefação, cambaleantes, famintos por carne humana.

Todos esses contos, causos e audiovisuais tratados nesta seção levam para o mesmo caminho: perceber a sobrevida como um momento paradoxal, contraditório, impossível. E tal terreno é fértil para a produção de diferença: são novas perspectivas. Se a sobrevida torce o instante e introduz uma “antecipação retrospectiva”, o “contratempo e o póstumo no presente vivo”¹¹⁷. Se já ultrapassamos o limite da razão, do julgamento e do testemunho, agora ultrapassamos a própria noção de limite entre vida e morte.

¹¹⁵ *Ibidem*. Min. 01:03:03-01:04-31, tradução minha.

¹¹⁶ COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. *Journal of the Fantastic in the Arts*, v. 23, n. 3. 2012. p. 393-412.

¹¹⁷ DERRIDA, Jacques. *Aporias*. Estados Unidos: Stanford UP, 2012. p. 55.

3 SOBREVIVÊNCIA

Se o tempo histórico é o tempo da vida humana, a vida pré-histórica ou pós-histórica é o tempo dos sobreviventes

(David Lapoujade¹¹⁸)

Ele balança a cabeça para fora da janela em direção à Casa do Senado. "Eu era um estudante aqui", diz ele. "Meu grau foi em história. Nunca imaginei que viveria para ver o fim dela".

(*The Boy on the Bridge*¹¹⁹)

No terceiro capítulo de *A origem das Espécies*, chamado *Luta pela existência*¹²⁰, Darwin descreve e discute os fatores que levam as espécies a se multiplicarem e continuarem existindo, fatores que nem sempre são garantidos sem algum esforço. O maior objetivo de Darwin, neste capítulo, é demonstrar como acontece a adaptação das espécies para assegurar sua continuação. Em mídias de zumbis, é comum que os sobreviventes precisem trocar de local seguro, para buscar alimentos, medicamentos, armamentos e munições, buscar uma cura, um abrigo oficial do governo ou ainda, despistar um ataque: o grupo de Rick, indo ao CDC¹²¹; Joel escoltando Ellie até o hospital dos Vagalumes¹²², o pequeno grupo de *The Girl with All the Gifts*¹²³, entre muitos outros. Neste momento, a *luta pela existência* entra em jogo.

Um exemplo bem marcado dessa luta é a trajetória de Jim e Selena, de *28 Days Later*¹²⁴: logo no primeiro ato eles perdem o companheiro Mark, são protegidos na

¹¹⁸ LAPOUJADE, David. *A alteração de mundos: Versões de Philip K. Dick*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2022. p. 95.

¹¹⁹ CAREY, M. R. *The Boy on the Bridge*. Nova Iorque: Orbit, 2017. p. 376, tradução minha.

¹²⁰ DARWIN, Charles. *Luta pela existência*. IN: *A Origem das espécies*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Ubu, 2018. p. 115-139.

¹²¹ *THE Walking Dead*. Cria. Frank Darabont. Estados Unidos, AMC Studios, 2010 (11 temporadas, 10.620min.).

¹²² *THE Last of Us*. Prod. Neil Druckmann e Craig Mazin. Estados Unidos, HBO, 2023 (2 temporada, 907 min.).

¹²³ *THE GIRL with all the Gifts* (Melanie: A Última Esperança). Dir. Colm McCarthy. Inglaterra: Warner Bros. Pictures, 2016 (111 min.) & CAREY, M. R. *The Girl with All the Gifts*. Londres: Orbit, 2014.

¹²⁴ *28 Days Later* (Extermínio). Dir. Danny Boyle. Inglaterra e Estados Unidos: 20th Century Fox e Fox Searchlight Pictures, 2002 (113 min.).

casa de pai e filha, com quem saem para buscar um abrigo oficial – que em nenhum filme existe mesmo! – depois de ouvirem uma transmissão no rádio. O trajeto sem intempéries é interrompido por um engarrafamento frente a um grande incêndio no horizonte. Frank, o pai, é infectado e morre baleado enquanto se transformava por militares camuflados na mata. Hannah, Selena e Jim são resgatados pelos soldados e depois de algumas demonstrações duvidosas, Jim confronta o sargento:

- Peço desculpas. Um drinque?
- Estamos agradecidos pela proteção e por encontrar outras pessoas. Mas se vamos ficar...
- Quem teve que matar?
- Não matei ninguém.
- Não estaria vivo se não tivesse matado ninguém.
- Eu matei um garoto.
- Uma criança?
- Mas foi obrigado. Senão, ele teria matado você. Sobrevivência. Eu entendo. Prometi mulheres a eles.
- O quê?
- Há oito dias peguei Jones com a arma na boca. Disse que ia se matar porque não havia futuro. O que poderia dizer a ele? Repelimos os infectados até que morram de fome e daí? O que vão fazer nove homens exceto esperar a morte? Saímos do bloqueio, fiz aquela transmissão e prometi mulheres. Porque mulheres significam um futuro¹²⁵.

Os problemas coincidem: a *luta pela existência* do reino animal, tratada por Darwin, e a *luta pela existência* de Jim, Selena, Hannah, e os militares. Mas também, nesse filme, a *luta pela existência* contra os militares – que têm interesses pouco nobres em Selena e Hannah – e contra os zumbis.

3.1 Predação, parasitismo, mutualismo

Na sua forma imatura e assexuada, o *Ophiocordyceps* derrubou a nossa civilização global no espaço de três anos. A única razão pela qual ele não alcançou o status de pandemia global de uma vez, a única razão pela qual quaisquer bolsões de humanos não infectados foram capazes de sobreviver,

¹²⁵ *Ibidem*. Min. 01:19:45-01:21:36, tradução minha.

foi porque o organismo imaturo só pode se propagar – na forma da neotenia¹²⁶ – em biofluidos¹²⁷.

Quando há um “infectado” em filmes de zumbis e fora deles, isso significa que aquela pessoa está sendo hospedeira de um organismo cuja interação biótica se dá de forma parasitária. O hospedeiro só está de fato “doente”, de acordo com a biologia, se ele apresenta sintomas que são explicitamente prejudiciais, ou seja, se está infectado com um *patógeno*. Os parasitas podem ser macro e micro: os do primeiro tipo apenas crescem no hospedeiro, mas não se multiplicam; sua biologia produz estágios infecciosos desenhados para infectar novos hospedeiros. Os microparasitas, de modo geral, nos interessam mais¹²⁸. Microparasitas se multiplicam dentro de seus hospedeiros, sendo quase impossível e “geralmente inapropriado”¹²⁹ tentar mensurar a quantidade de parasitas em um hospedeiro, sendo a referência, normalmente, o número de hospedeiros.

Parasitas – macro e micro, igualmente – podem ter um ciclo de vida direto ou indireto: no primeiro caso, eles são transmitidos de hospedeiro para hospedeiro, enquanto no segundo, há um vetor intermediário – que podem ter apenas a função de transmissão, ou ainda, ser um hospedeiro no qual o parasita vai crescer e se multiplicar. O *esquistossoma*, por exemplo, foge das divisões entre micro e macro, pois quando seu hospedeiro é o caramujo, ele toma a forma micro, mas quando infecta o humano, adquire a forma macro. A transmissão sem vetor pode ser tanto instantânea quanto dormente, quando o organismo espera durante um período pelo novo hospedeiro.

¹²⁶ Persistência das características larvais na idade adulta, em alguns animais. FONTE: <https://www.dicio.com.br/neotenia/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

¹²⁷ CAREY, M. R. *The Girl with All the Gifts*. Londres: Orbit, 2014. p. 288, tradução minha.

¹²⁸ Embora *The Girl with All the Gifts* e *The Last of Us* apresentem macroparasitas, ou seja, macrofungos que são visíveis na dissecação de um hospedeiro doente, a maior parte dos filmes de zumbis apresentam microparasitas, em especial, vírus.

¹²⁹ BEGON, Michael; TOWNSEND, Coling R. *Ecology: From Individuals to Ecosystems*. Hoboken: Wiley, 2021.

Os parasitas ainda podem ser biotrópicos, que precisam do hospedeiro vivo para sobreviverem; e necrotrópicos, que matam o hospedeiro e continuam a viver neles. Esses parasitas do segundo tipo podem ainda ser pensados como predadores detritívoros, isto é, se alimentam de matéria orgânica em decomposição. O hospedeiro torna-se, sobretudo, o habitat do parasita. Ainda, os parasitas têm uma gama de hospedeiros possíveis, cujas respostas são diferentes: o hospedeiro “natural” se coevoluiu com o parasita, e sua infecção é assintomática, enquanto os chamados hospedeiros *dead-end* são suscetíveis às infecções, muitas vezes fatais, mas não as transmitem.

A ideia de um parasita necrotrópico, quase um predador, bagunça um pouco as ordens estabelecidas durante o desenvolvimento da biologia, iniciada no século XV, nas quais haveria uma cadeia alimentar e predatória muito bem definida. O parasita que infecta o hospedeiro vive em uma rede de interações bióticas, inclusive com os predadores naturais de seu hospedeiro, o que gera uma relação de competição entre duas espécies em lados opostos da cadeia alimentar. Assim, os parasitas também podem sofrer exploração, interferência e competição interespecífica.

Na competição interespecífica, uma espécie sofre reduções em fecundidade, sobrevivência e crescimento a partir da exploração – onde os indivíduos interagem indiretamente – ou interferência – quando uma espécie libera substâncias químicas que são tóxicas para outras – de outra espécie. Estes efeitos influenciam a evolução da espécie, que pode também, por sua vez, influenciar a distribuição e dinâmica do ecossistema. Estas espécies “competidoras” podem coexistir no mesmo espaço, mas em uma análise mais profunda, as condições são levemente diferentes (nichos).

É necessário também destacar que os ambientes nos quais essas espécies estão inseridas não são estáveis, mas sim uma mistura de habitats favoráveis e desfavoráveis, que frequentemente estão disponíveis apenas temporariamente. Assim, entender a competição interespecífica não é o suficiente, mas é preciso também considerar como o ambiente influencia esta interação. Mas se voltarmos aos

zumbis e aos parasitas necrotrópicos, é preciso considerar também a interação de predação.

Na predação – ação detritívora excluída –, um organismo (predador) consome o corpo de outro organismo (presa), quando este ainda está vivo na ocasião do ataque. As duas principais maneiras de classificar um predador são taxonômicas e funcionais. Na maneira taxonômica, os carnívoros consomem animais e os herbívoros consomem presas de outros níveis trópicos. Na maneira funcional, há quatro tipos principais de predadores: predadores verdadeiros, pasteiros, parasitoides e parasitas.

Enquanto os predadores verdadeiros matam sua presa momentos após o ataque e a consomem por inteiro, pasteiros consomem apenas parte da presa, o que raramente é letal. Parasitoides vivem livres como adultos, mas colocam ovos dentro, na superfície ou perto de insetos, que servem de hospedeiros para o desenvolvimento das larvas, que consomem o hospedeiro por completo, o matando. Os parasitas, por sua vez, consomem parte da presa como os pasteiros, mas seus ataques são concentrados, comumente, em apenas um hospedeiro durante sua vida, e portanto, pode-se dizer que há uma intimidade de associação entre parasita e hospedeiro.

Para os predadores, as preferências de consumo são, geralmente, fixas. Contudo, muitas espécies variam conforme a disponibilidade. Esta mudança depende não só da disponibilidade de presas comuns, mas também da potencialidade de um microhabitat específico. Vale lembrar que uma espécie pode ser predadora e presa na mesma cadeia e ambiente.

A relação de predação, não importa como ela se dê, conta com mecanismos de defesa das presas: no caso dos animais, correr é uma opção a mais. Mas além disso, alguns animais escolhem um retiro preparado, como, por exemplo, coelhos e caracóis, tatus-bola. Outros animais blefam, demonstrando ameaça: mariposas e borboletas, por exemplo, que têm olhos desenhados nas asas. Colorações e padrões que podem camuflar ou anunciar impalatabilidade, imitar espécies impalatáveis.

Em *Who are You Now?*¹³⁰, o grupo de sobreviventes protagonista se depara com o grupo primitivista – ou um culto, mesmo – chamado *Whisperers*. A técnica de camuflagem utilizada pelo bando consiste em vestir as peles de zumbis mortos, andando em meio à horda zumbi – que eventualmente eles descobrem como manipular para atingir os próprios objetivos –, se comunicando apenas com sussurros para não despertar a atenção dos caminhanes (zumbis). O grupo vê qualquer vestígio de *civilização* como uma praga a ser extinta, e defendem seus territórios, quando os têm, com completa violência.

Vale ressaltar também que interações bióticas não são fixas: um parasitismo pode evoluir para um mutualismo ou comensalismo. O caso da interação entre plantas e fungos é um bom exemplo: a colonização das plantas aquáticas no solo, ocorrida há 450 milhões de anos atrás se deu com auxílio dos fungos, que ganhavam carbono em troca de facilidade de acesso aos nutrientes do solo. No entanto, as interações entre os dois reinos ocorrem de acordo com os benefícios e desvantagens da relação, que são ditados pelos nutrientes do solo, textura e pH, distúrbios e disponibilidade de plantas hospedeiras. As interações são de parasitismo quando há um custo muito alto para um dos elementos, comensalistas quando há apenas benefício para um dos lados e mutualistas quando há benefício mútuo.

O comensalismo indica uma relação sem benefício mútuo, ao contrário do mutualismo, que apresenta uma relação benéfica recíproca entre os organismos. Ainda que nenhuma espécie viva em total isolamento, as relações entre organismos podem ser mais próximas ou mais distantes. É importante destacar que uma relação mutualista ou comensalista nem sempre é uma simbiose, que, para a biologia, significa que, na associação entre espécies, uma oferece um habitat à outra, e tal relação não deve ser vista como essencialmente livre de conflitos. Ainda, a relação

¹³⁰ WHO are You Now? [temporada 09, episódio 06]. *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Larry Teng. Rot. Eddie Guzelian. Estados Unidos: AMC, 2018 (44 min.).

simbiótica – seja ela parasitária, mutualista ou comensalista – exige uma adaptação ou evolução conjunta.

O mutualismo não deve ser visto, contudo, como uma relação amigável ou voluntária, como deixam claro Begon e Townsend¹³¹. É uma relação de exploração mútua, sobretudo, e o equilíbrio entre benefícios e custos não é estável, assim como todos os processos da natureza.

3.2 Vida nua, abandono, bando e horda

Giorgio Agamben escreveu diversas peças durante a pandemia de COVID-19, criticando e caracterizando as novas políticas de isolamento social como *estados de exceção*, escrevendo, neste percurso, sobre “supostas”¹³² epidemias. Essa polêmica levou diversas outras pessoas a escreverem réplicas, que por sua vez geraram tréplicas de outros envolvidos. Meu objetivo aqui não é tomar lados, embora eu os tenha. Mas, se o italiano teve problemas com as medidas de isolamento, ele certamente teria problema com um apocalipse zumbi e as ações tomadas pelos sobreviventes para manterem suas vidas.

Meu objetivo, nesta seção, é distorcer, deslocar e desvincular o conceito de *vida nua* com o de *biopolítica*. Isso porque ainda que a vida nua seja um conceito rico para pensar as comunidades de sobreviventes, que são despídos de seus estados de *sujeitos de direito*, os governos, a soberania, os representantes não estão lá. Em alguns casos, como as comunidades de *The Walking Dead*, *The Last of Us* e *Blood Quantum*, percebemos líderes – ou seja, “aqueles no interior do ordenamento que foram investidos de certos poderes”¹³³ – na escala micro. Na escala macro, no entanto, acho incoerente localizar a soberania nos zumbis, visto que Agamben teria também

¹³¹ BEGON, Michael; TOWNSEND, Coling R. *Ecology: From Individuals to Ecosystems*. Hoboken: Wiley, 2021.

¹³² AGAMBEN, Giorgio. L'invenzione di un'epidemia. *Quodlibet*, 26 fev. 2020. DISPONÍVEL EM: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>. Acesso em: 13 mar. 2025.

¹³³ AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer I: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 19.

dificuldades em posicioná-los como soberanos¹³⁴. Para pensar a sobrevivência em uma dominação zumbi, é preciso pensar em níveis ou camadas diferentes.

Seria possível, no entanto, considerar os próprios zumbis como uma espécie de vida nua, especialmente em sua origem: no cinema, de 1932 a 1968, os zumbis só podiam ser produzidos a partir de um *bokor*, um mestre vodu, que, a partir de um ritual intrincado e misterioso, cuja descrição foi publicada por Wade Davis em *The Serpent and the Rainbow*¹³⁵. Nesse caso, a própria autoridade espiritual seria soberana, com um *phantopoder*. Contudo, nesta seção, pretendo falar dos humanos que sobrevivem à infecção, não dos que “sucumbem” a ela.

Os sobreviventes, tendo vivido em sociedades organizadas e governadas, já estão, de certa forma, docilizados. É justamente esta docilidade que eles devem perder, até certo ponto, a fim de continuar vivendo como humanos. Há uma disputa entre a vida como *zoe* e a vida como *bios*. Os sobreviventes se organizam, como regra, em *bandos* que possuem um líder, que pode ser benevolente, justo ou o exato oposto. Dessa forma, ainda que muitos precisem se despir de certas regras morais da sociedade prévia, todos estão sujeitos à necessidade de serem comandados – um pertencimento, uma exclusão. Nesse sentido, estão igualmente dentro e fora do ordenamento.

O abandono pensado por Agamben, aqui, pode significar o desmoronamento das estruturas societárias, que, pela ausência, abandonariam todos os corpos dóceis que produziram à própria mercê. Com poucas exceções, entre elas, *The Last of Us*, em uma porção considerável dos universos zumbis, ainda que possuam militares, estes não respondem a ninguém. Entretanto, outro tipo de abandono cabe, também: as comunidades que decidem exilar ou não aceitar certos indivíduos. Nesse sentido,

¹³⁴ Para sua tese e posterior livro, Juliana Fausto indagou Agamben sobre a vida nua dos animais, ao que ele respondeu que, embora fosse possível conceber uma ação do poder sobre os animais, estes não possuem vida política, inviabilizando a aplicação do conceito de vida nua. Se animais não têm vida política, certamente os zumbis não a terão também. Cf. FAUSTO, Juliana. *A cosmopolítica dos animais*: São Paulo: N-1, 2020. p. 50.

¹³⁵ DAVIS, Wade. *The Serpent and the Rainbow*. Estados Unidos: Touchstone, 1997.

essas pessoas estão igualmente excluídas da micropolítica, mas submetidas a ela. Ainda, tais comunidades representam uma tentativa de organização sob o estado de exceção instaurado pela ausência das estruturas societárias.

A epígrafe de Lapoujade neste capítulo fala sobre pré e pós-história, assim como Agamben, de certa forma, compara estado de natureza e estado de exceção. Para o filósofo italiano,

[e]stado de natureza e estado de exceção são apenas as duas faces de um único processo topológico no qual, como numa fita de Möbius¹³⁶ ou em uma garrafa de Leyden¹³⁷, o que era pressuposto como externo (o estado de natureza) ressurgiu agora no interior (como estado de exceção)¹³⁸.

É o estado da pré-história infiltrado no estado da pós-história: para Agamben, esta é uma zona indistinta, portanto. Ele ainda escreve: “[...] o que reúne o devoto sobrevivente, o *homo sacer* e o soberano em um único paradigma, é que nos encontramos sempre diante de uma vida nua que foi separada de seu contexto e, sobrevivendo por assim dizer à morte, é, por isso, incompatível com o mundo humano”¹³⁹. Nesse sentido, a vida nua separada de seu contexto e sobrevivendo à morte é o próprio humano inserido em um cenário apocalíptico, dominado por zumbis, que também precisa abdicar de algumas pressuposições da vida em sociedade a fim de preservar sua vida.

É curioso também a aplicação da caracterização por Agamben da vida nua como matável, mas insacrificável, aos sobreviventes não-zumbis, cujas mortes são tomadas com não mais do que um lamento breve. No entanto, caso Agamben subscreva às minhas considerações, fico curiosa sobre como o filósofo interpretaria o

¹³⁶ Uma fita de Möbius ou faixa de Möbius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta em uma delas.

¹³⁷ A garrafa de Leyden, inventada por Pieter van Musschenbroek em 1746, é uma espécie primitiva de capacitor, dispositivo capaz de armazenar energia elétrica.

¹³⁸ AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer I: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 43.

¹³⁹ *Ibidem*. p. 107.

sacrifício no apocalipse. Em *Land of the Dead*¹⁴⁰ e *Dawn of the Dead*¹⁴¹, ocorrem sacrifícios em nome da salvação de outras vidas. Quando a vida matável consegue significar a própria morte, o que acontece, então?

Assim que o sobrevivente oferece sua morte para salvar o grupo – o *bando* –, ele demonstra uma profunda devoção pelo seu agrupamento, pela sua comunidade. O sacrifício, nesse caso, é a marca da docilidade, do desejo de estar inserido, não abandonado. Quando o sobrevivente troca sua morte pela vida do seu grupo, ele entra em uma zona de indiscernibilidade: ao mesmo tempo que ele próprio se abandona, escolhe sua separação, ele o faz em nome do eterno pertencimento, da eterna inclusão àquele grupo.

Agamben faz um breve menção ao texto de seu amigo¹⁴², Jean-Luc Nancy¹⁴³, *L'Être abandoné*. Nesse texto, Nancy desenvolve uma reflexão sobre a ontologia do ser abandonado – que, para mim, representa o ser abandonado pelo estado, que desmoronou. Uma ontologia na qual a única predestinação do ser é o abandono, que, por sua vez, esgota e leva o ser à pobreza do abandono. No entanto, o abandono também é profundamente abundante, no sentido de fazer abrir para uma fartura de possibilidades. Ainda, o ser em abandono não responde mais às estruturas cósmicas e metafísicas transcendentais.

O ser abandonado – em essência, o sobrevivente! –, não pode ser mais categorizado pela ontologia tradicional: “sem guarda e sem cálculo”¹⁴⁴. Além de abandonado, o ser é esquecido. Sua condição de abandono é também uma condição de miserabilidade, que, por sua vez, incentiva o esquecimento: do que se abandona e do que está abandonado. Nancy fala que o ser é abandonado no tempo e é

¹⁴⁰ *LAND of the Dead* (Terra dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005 (97 min.).

¹⁴¹ *DAWN of the Dead* (Madrugada dos Mortos). Dir. Zack Snyder. Estados Unidos: Strike Entertainment. 2004 (100 min.).

¹⁴² Ao menos até sua polêmica pandêmica.

¹⁴³ NANCY, Jean-Luc. *L'Être abandonné*. IN: *L'Impératif Categorical*. Paris: Flammarion, 1983.

¹⁴⁴ *Ibidem*. p. 144.

abandonado pelo tempo também, tal como na epígrafe de Lapoujade¹⁴⁵ deste capítulo. Se pudermos estabelecer uma correlação entre tempo e história, o encaixe é perfeito.

Em *Zombie Apocalypse*¹⁴⁶, o mundo colapsa em menos de um mês e se nos primeiros momentos da infecção, o governo ainda tentava conter a disseminação da doença ativamente, ou seja, estabelecendo abrigos, desenvolvendo vacinas ou combatendo os zumbis nas ruas, vinte dias depois as ações eram no sentido de combater passivamente o avanço do caos: destruir artérias de transporte como pontes, portos, rodovias, ferrovias, hidrovias e no sentido de detonar armas de pulsos eletromagnéticos, desabilitando eletrônicos. O filme acompanha um grupo de sobreviventes, seis meses depois do colapso das comunicações, em busca de uma ilha que eles nem mesmo sabem se existe. O abandono dos sobreviventes fica explícito, e ainda que algumas *regras* sejam introduzidas no começo, como o *procedimento padrão* de checagem para novos sobreviventes, ou mesmo que haja um líder razoavelmente bem estabelecido, um certo caos tedioso predomina no filme.

No final, a estrutura rígida da sociedade se prova de pouca ajuda; sobreviventes humanos são deixados com seus próprios meios sem esperança real de resgate ou apoio. Grupos *motley*¹⁴⁷ são forçados a se esconder, escondidos em abrigos de algum tipo onde eles se barricam e esperam em vão o problema passar¹⁴⁸.

Evie, de *Plague*¹⁴⁹, é uma mulher extremamente ingênua que se perdeu de seu marido, John, e convive em um celeiro isolado com um grupo um pouco hostil. Ela deseja aguardar no celeiro o retorno de seu esposo, enquanto o restante dos sobreviventes deseja seguir caminho. Um pouco antes do retorno de John e depois de uma discussão letal, o grupo parte. Alguns dias se passam e seu marido, atormentado pela situação e pronto para se matar, é salvo pela chegada de um misterioso homem,

¹⁴⁵ LAPOUJADE, David. *A alteração de mundos: Versões de Philip K. Dick*. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2022.

¹⁴⁶ *ZOMBIE Apocalypse*. Dir. Nick Lyon. Estados Unidos: Asylum, 2011 (97 min.).

¹⁴⁷ Grupos *motley* são grupos improvisados, desorganizados, diversos e unidos pela sobrevivência.

¹⁴⁸ BISHOP, Kyle. Raising the Dead: Unearthing the Non-Literary Origins of Zombie Cinema. *Journal of Popular Film and Television*, v. 33, n. 04, 2006, p. 202, tradução minha.

¹⁴⁹ *PLAGUE*. Dir. Nick Kozakis e Kosta Ouzas. Austrália: Exile Entertainment, 2015 (89 min.).

Charlie, que, logo integrado ao grupo, fornece água, medicamentos, gasolina e alimentos ao casal. O novo provedor se prova uma pessoa violenta quando tenta abusar sexualmente de Evie e isto incorre num conflito que acaba com Charlie morto, Evie baleada e um quarto personagem, um militar, também morto. O casal foge de carro buscando ajuda para Evie, que endurecida pela brutalidade dos acontecimentos, se vê baleando seu marido, que ela usa de isca para atrasar os zumbis enquanto ela foge.

O jogo de poder, o encrudescimento e o desprezo pelas normas sociais e leis que transformam os seres abandonados dos filmes de zumbis refletem o processo de esquecimento que se dá: um primeiro esquecimento produzido pela ausência e abandono do estado, seguido de um esquecimento produzido pelo horror da fuga dos mortos-vivos e um terceiro, produzido pelas disputas internas, reorganizações e reformulações dos grupos e as ameaças que membros dessas aglomerações podem inflingir nos demais.

Outro exemplo é os mercenários da Unit 631 de *Bando*¹⁵⁰, a sequência de *Busanhaeng*¹⁵¹: dominantes em uma área de quarentena, submetem todos os sobreviventes alienígenas ao *damnatio ad bestias*¹⁵² do mundo pós-apocalíptico. O ex-militar Jung-seok é contratado pela máfia chinesa para retornar à Coreia do Sul quarentenada para recuperar um carregamento de armas e 20 milhões de dólares, esquecidos na carroceria de um caminhão. Lá ele encontra uma família, da qual ele se recorda de ter negado os pedidos de ajuda durante a sua evacuação do país, que o ajuda a recuperar o veículo e escapar da milícia. Jung-seok acaba ficando para trás com a família que o ajudou ao ter o caminhão sequestrado por outro sobrevivente renegado, que é assassinado a queima-roupa quando entrega o caminhão à máfia.

¹⁵⁰ *BANDO* (Península). Dir. Yeon Sang-ho. Coreia do Sul: Next Entertainment World (NEW), RedPeter Film, 2020 (115 min.).

¹⁵¹ *BUSANHAENG* (Invasão Zumbi). Dir. Yeon Sang-ho. Coreia do Sul: Next Entertainment World, 2016 (118 min.).

¹⁵² Execução comum no Império Romano na qual o condenado era morto por animais selvagens, sobretudo leões, sob os olhos de uma plateia.

Mais uma camada pode ser adicionada quando o filme *Herd*¹⁵³ é analisado. Um casal lésbico em uma viagem de acampamento volta à civilização e acaba preso em uma disputa de milícias: de um lado, *rednecks* extremistas religiosos e conservadores, com quem acabam abrigadas, preconceituosas com a relação amorosa de Alex e Jamie, de outro, uma milícia militarizada cruel. Alex acaba mordida e as duas tentam fugir para evitar a execução. a sangue-frio que é de praxe do grupo. Novamente: disputas entre grupos, disputas de liderança, disputas ideológicas... e zumbis. Os casos nas mídias são incontáveis.

O *pollakôs* de Nancy – nesse caso, a multiplicidade do abandono –, então, funciona para indeterminar o *status* do sobrevivente. Assim, o abandono não seria uma ausência, mas um potencial: de criar novos modos de existência, de vida. “De um mundo que não nos abandona, e que mantém o homem no seu seio, não temos uma ideia, nem uma lembrança, nem um pressentimento”¹⁵⁴. No entanto, há que se discordar de Nancy na questão que proponho: o ser transporta, sim, algo de mais antigo que seu abandono. Ele transporta o desejo de existir em comunidade, especialmente se esta conta com um líder.

Submetido a uma lei, pré apocalíptica, o ser abandonado se vê perdido quando esta é arruinada. Nem sua substância, nem sua subsistência, são dele. Ainda, nem a reserva, nem a riqueza, nem a acumulação primitiva são características do ser abandonado. O *aqui* é a única realidade do sobrevivente: não tem espaço e não tem tempo, só abandono.

¹⁵³ *HERD*. Dir. Steven Pierce. Estados Unidos: Framework Productions, 2023 (97 min.).

¹⁵⁴ NANCY, Jean-Luc. *L'être abandonné*. IN: *L'Impératif Cathégorique*. Paris: Flammarion, 1983. p. 148, tradução minha.

4 SUBSISTÊNCIA

“Tirar o máximo proveito dos recursos disponíveis – que é a norma implícita no significado formal de econômico – refere-se a situações em que a escolha é induzida por uma insuficiência de meios, estado de coisas que é justificadamente descrito como uma situação de escassez. Nesse contexto, os termos escolha, insuficiência e escassez devem ser cuidadosamente examinados em sua relação mútua, pois as afirmações dos analistas econômicos assumem formas variadas”

(Karl Polanyi¹⁵⁵)

Se, como afirma Sartre¹⁵⁶, o acontecimento histórico é marcado pelo enriquecimento e, como explicitado no capítulo anterior, o tempo dos sobreviventes apocalípticos é o tempo da pós-história, me parece que é necessário, antes de ampliarmos o *zoom*, investigar minimamente o cenário ao qual ambos zumbis e sobreviventes estão submetidos: a subsistência.

O consumo de enlatados é quase uma norma nas mídias de zumbis. Os grupos de sobreviventes buscam mercados, mercearias e fábricas para manter a ingestão de nutrientes. Com frequência, só restam refrigerantes, doces e salgadinhos, cujas datas de validade são demasiadas prolongadas. Em *28 Days Later*¹⁵⁷, Jim alimenta-se, logo que acorda de seu coma, dos salgadinhos e refrigerantes disponíveis nas máquinas do hospital, no cenário pós-apocalíptico, o personagem passa por uma franquias da *Costa Coffee* e Michael Newbury escreve: “[p]ode não haver pessoas ao redor, e o mundo parece estar em desordem, mas Jim ainda está na frente de um formidável banco de lanches e opções de bebida”¹⁵⁸, então, tais alimentos – se é que podem ser chamados assim –, podem ser pensados como uma das heranças da sociedade ocidental e suas

¹⁵⁵ POLANYI, Karl. *A subsistência do homem e outros ensaios*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p. 69-70.

¹⁵⁶ SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*: precedido por Questões de método. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

¹⁵⁷ *28 Days Later* (Extermínio). Dir. Danny Boyle. Inglaterra e Estados Unidos: 20th Century Fox e Fox Searchlight Pictures, 2002 (113 min.).

¹⁵⁸ NEWBURY, Michael. Fast Zombie/Slow Zombie: Food Writing, Horror Movies, and Agribusiness Apocalypse. *American Literary History*, v. 24, n. 1, 2012. p. 87, tradução minha.

substâncias *foodlike*. Mais além, o Major West reclama do omelete estragado servido por um de seus soldados, e ainda que a comida não estivesse apta para o consumo, acredito que há um marcador de privilégio diegético: os mais poderosos têm acesso a alimentos de melhor qualidade, possível de ser observado também em *Land of the Dead*¹⁵⁹ e os sucos presumivelmente frescos disponíveis em *Fiddler's Green*.

Em *The Girl with All the Gifts*¹⁶⁰, os sobreviventes encontram apenas doces e refrigerantes ainda válidos. Isso fica ainda mais explícito em *Dawn of the Dead*¹⁶¹, que narra a trajetória de sobreviventes que se abrigam em um *shopping center* e desfrutam de uma abundância exagerada, banquetes, trocas de roupa, *playcenters*. No original de 1978, os sobreviventes chegam a emular uma casa de classe média nos escritórios do prédio, montam uma sala de TV confortável, uma cozinha e quartos e acabam entediados com a própria normalidade de suas novas vidas.

Um exemplo interessante, contudo, é o de *The Walking Dead*¹⁶²: no primeiro episódio da terceira temporada¹⁶³, o grupo de sobreviventes liderado por Rick Grimes encontra uma prisão, parcialmente tomada por zumbis e com muita área externa. Depois de “limpar” o terreno, o grupo janta e conversa:

- Amanhã vamos colocar todos os corpos juntos e mantê-los longe da água. Se der para cavar um canal sob a cerca, teremos bastante água fresca.
- Esse solo é bom. Podemos plantar umas sementes, cultivar tomates, pepinos, grãos de soja...¹⁶⁴

Eventualmente, o modo de produção capitalista altamente dependente de fábricas, conservantes e embalagens cai por terra, sendo necessário, então, voltar a

¹⁵⁹ *LAND of the Dead* (Terra dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005 (97 min.).

¹⁶⁰ CAREY, M. R. *The Girl with All the Gifts*. Londres: Orbit, 2014.

¹⁶¹ *DAWN of the Dead* (Despertar dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Laurel Group, 1978 (127 min.) & *DAWN of the Dead* (Madrugada dos Mortos). Dirigido por Zack Snyder. Estados Unidos: Strike Entertainment. 2004 (100 min.).

¹⁶² *THE Walking Dead*. Cria. Frank Darabont. Estados Unidos, AMC Studios, 2010 (11 temporadas, 10620min.).

¹⁶³ SEED [temporada 03, episódio 01]; *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Ernest Dickerson. Rot. Glen Mazzara. Estados Unidos: AMC, 2012 (46 min.).

¹⁶⁴ *Ibidem*. Min. 00:12:52-00:13:07.

um modo de produção de subsistência, guiado por procedimentos da agroecologia e permacultura, como rotatividade de colheitas, armazenamento e curadoria de sementes, controle de pragas natural e compostagem, entre outros. Karl Polanyi afirma em *A subsistência do homem*¹⁶⁵ que a barreira para pensar amplamente a questão da subsistência é a mentalidade de mercado, “um hábito de pensamento arraigado, peculiar às condições de vida no tipo de economia que o século XIX criou nas sociedades industrializadas”¹⁶⁶.

Baudrillard¹⁶⁷ ainda ressalta que, antagônico a outrora, os humanos agora vivem rodeados de objetos e não outros humanos. Isso caracteriza o que o autor chama de “tempo dos objetos”¹⁶⁸. Essa multiplicação dos objetos, entretanto, não pode ser pensada como positiva, pois não há diversidade: há mais objetos em quantidade, mas em menor diversidade. Da mesma forma que os nossos zumbis antigos, aqueles reativos, que são reflexos da própria modernidade, são produtores de mesmidade.

4.1 Autonomia, autossuficiência e agricultura alternativa

Enquanto os zumbis tendem a ser nômades, ocupando o território conforme a disponibilidade de alimento, os sobreviventes – depois de um período de nomadismo, procurando um local de abrigo permanente – tendem a ser sedentários, estabelecendo comunidades muradas. Estes dois modos gerais de vida são ditados pela escassez. Nesse sentido, ambos desenvolvem modos de subsistência diferentes: os zumbis, mais disponíveis à adaptabilidade, sofrem mutações; os sobreviventes precisam resgatar conhecimentos ancestrais de agroecologia e permacultura.

¹⁶⁵ POLANYI, Karl. *A subsistência do homem e outros ensaios*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

¹⁶⁶ *Ibidem*. p. 47.

¹⁶⁷ BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Trad. Artur Morão. Portugal: 70, 1995.

¹⁶⁸ *Ibidem*. p. 15.

Nesse sentido, ocorre uma anulação da dinâmica de poder mundial: se o Terceiro Mundo¹⁶⁹ detém a maior parte da prática agroecológica, fundamental para a autonomia dos sobreviventes, e poucos países do chamado Primeiro Mundo são atualmente autossuficientes – porque dizimaram a sua população nativa muito antes –, é justo pensar que as chances de aplicações destas técnicas serão mais bem-sucedidas nestes países. Assim, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e demais agrupamentos hoje marginalizados, têm, como em *Blood Quantum*¹⁷⁰, uma imunidade – talvez não tão figurativa: “Fico preocupado é se os brancos vão resistir. Nós estamos resistindo há 500 anos”¹⁷¹, afirmou Ailton Krenak na ocasião da eleição do ex-presidente –, atualmente réu e futuro presidiário – Jair Bolsonaro em 2018.

Mas todo o futuro pós-apocalíptico não será baseado na escassez por muito tempo: as ruínas da cidade, retomadas pela fauna e flora; o solo erodido, recuperado pelos processos naturais, uma vez que não estejam mais submetidos à monocultura exploratória. E as vacas! No Brasil, ao menos, a população de gado é maior que a de humanos¹⁷². Ainda que eu mesma – vegana há mais de 10 anos – não consumiria sob hipótese alguma, e mesmo que não seja nenhuma necessidade fundamental, a fome é improvável.

Jeffrey Jerome Cohen¹⁷³ brinca com o estatuto da carne nas sociedades ocidentais modernas, comparando a proliferação dos zumbis com a popularização da

¹⁶⁹ Ao contrário das expressões “subdesenvolvido” ou “em desenvolvimento”, que se balizam pelo já defasado conceito de desenvolvimento, a expressão “Terceiro Mundo” surge na coalizão de países asiáticos e africanos recém-independentes no início da Guerra Fria. Escolho essa expressão também em reconhecimento ao brilhante trabalho do geógrafo Milton Santos, que prefere este termo. Cf. SANTOS, Milton. *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. Trad. Sandra Lencioni. São Paulo: EDUSP, 2013.

¹⁷⁰ *BLOOD Quantum*. Dir. Jeff Barnaby. Canadá: Prospector Films, 2019 (96 min.).

¹⁷¹ MARTINS, Christiana. “Somos índios, resistimos há 500 anos. Fico preocupado é se os brancos vão resistir” [entrevista com Ailton Krenak]. *Jornal Expresso* [Portugal]. Seção Internacional. Publicado em 19 out. 2018. DISPONÍVEL EM: <https://web.archive.org/web/20200617111059/https://expresso.pt/internacional/2018-10-19-Somos-indios-resistimos-ha-500-anos.-Fico-preocupado-e-se-os-brancos-vaao-resistir> [visualização em cache]. Acesso em: 17 mar. 2025.

¹⁷² DISPONÍVEL EM: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/com-rebanho-de-2344-milhoes-brasil-tem-mais-gado-que-pessoas-mostram-dados-do-ibge/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

¹⁷³ COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. *Journal of the Fantastic in the Arts*, v. 23, n. 3. 2012. p. 393-412.

chamada dieta paleolítica, que exalta as carnes e desdenha dos grãos, “renuncia[ndo] à humanidade agrícola por uma fantasia de caçador-coletor primal que devoravam o que matavam ou roubavam com suas próprias mãos”¹⁷⁴. O autor jocosamente afirma que as dietas zumbis são as mais sustentáveis a longo prazo, visto que a carne humana é a mais negligenciada na cultura mais carnofílica do planeta. Acrescento que na dieta zumbi não há desperdício: a comida não estraga e é consumida por completo.

*The Living Dead at the Manchester Morgue*¹⁷⁵ é um filme no qual uma máquina agrícola pesticida é a responsável pela ressurreição dos zumbis. George, o protagonista, já não muito fã das tecnologias pesticidas da Europa dos anos 1970, acaba por descobrir que uma máquina tratorada posta em testes numa fazenda próxima a um cemitério é a causa do levante dos cadáveres, assim como da agressividade proeminente nos recém-nascidos daquela área.

A máquina, que funcionava por efeito de “radiação ultrassônica”, confundia os sistemas nervosos mais “primitivos”, como o de insetos com comportamento de peste, humanos recém-mortos e humanos recém-vivos. George, o ambientalista – característica deduza por um comentário feito pelo personagem minutos antes do início da transformação –, é o único a entender o que estava acontecendo no ambiente rural da Inglaterra, assumindo que até uma planta recém-morta ainda retinha partes de seu sistema nervoso.

Em *Les Raisins de la mort*¹⁷⁶, uma pequena vila na França começa a apresentar casos de pessoas agressivas atacando outras, com lascerações, pústulas e escoriações e sem motivo aparente. O filme oferece pistas das razões para essas alterações no primeiro ato, mas é no terceiro, quando Élisabeth encontra Michael, seu noivo e dono de um vinhedo, já tomado pela misteriosa doença, que o espectador descobre que o

¹⁷⁴ *Ibidem*. p. 403, tradução minha.

¹⁷⁵ *THE Living Dead at Manchester Morgue*. Dir. Jorge Grau. Espanha e Itália: Hallmark Releasing Corp. e Ambassador Film Distributors, 1974 (93 min.).

¹⁷⁶ *LES Raisins de la mort* (As uvas da morte). Dir. Jean Rollin. França: Rush Distribution, 1978 (85 min.).

personagem envenenou toda a vila com pesticidas não testados, depois de um grande festival em celebração à colheita de uvas da região. Apenas aqueles que beberam vinho foram vitimados¹⁷⁷.

Em *Toxic Zombies*¹⁷⁸, uma iniciativa governamental anti-drogas que consistia em pulverizar o agente químico *Dromax* em plantações ilegais de *cannabis* acaba por pulverizar alguns *hippies* que trabalhavam em uma dessas áreas. A substância, como sabemos desde o início, não havia sido testada de forma adequada, mas os funcionários do governo não se importaram com danos colaterais, já que os possíveis mortos seriam só alguns *hippies*.

- Considerando a hora, vou direto ao ponto. Acabo de saber que dois dos nossos homens de campo em operação torpedado desapareceram. Eles foram dados a 60 milhas área de busca dois dias atrás e não foi ouvido desde então.
- Talvez eles estejam perdidos.
- Não é provável. Esses homens são todos especialistas. Eles provavelmente foram emboscados.
- Eles devem ter encontrado os produtores de droga.
- Exatamente. É por isso que temos que agir rápido antes de colher a sua colheita e desaparecer. Você está ciente deste novo herbicida chamado *Dromax*?
- Claro. É o material mais forte que já encontraram, mas eu entendo que eles estão um pouco preocupados com os efeitos colaterais.
- Nossa pesquisa diz que pode ser perigoso. Eles ainda não terminaram de testá-lo.
- De qualquer forma, essa coisa é fora dos limites deste tipo de operação.
- Levaria duas semanas para obter autorização para os herbicidas habituais. Essa colheita poderia estar na Califórnia até lá. Há uma meia tonelada de *dromax* sentado em um armazém em Knoxville. O chefe do escritório lá me deve um favor. Eu poderia arranjar um pequeno envio para um espanador local com alguns telefonemas.
- Eu não sei, parece arriscado.
- Dê uma olhada neste mapa. Essa é a área bem ali. Nós limpamos isso há 30 anos para uma barragem que nunca foi construída. Apenas algumas estradas muito pobres, completamente inacessíveis seis meses do ano. Não há ninguém lá para respirar o pó.
- E o nosso homem de campo nesta área? Ele não visita esta região?
- Quatro vezes por ano. Podemos ter certeza que ele mantém o nariz fora de lá até terminarmos.
- E os próprios produtores de drogas?

¹⁷⁷ Aqui, vale notar também que a personagem de Brigitte Lahaie, creditada como *La grande femme blonde*, é imune aos pesticidas, embora não fique explícito o motivo.

¹⁷⁸ *TOXIC Zombies* (Alt. *Bloodeaters*). Dir. Charles McCrann. França: CM Productions, 1980 (89 min.).

- Oh, você está falando sobre as pessoas que provavelmente assassinaram dois oficiais federais. De qualquer forma, eu acredito que o cultivo de maconha em propriedade federal ainda é um crime neste país. Agora, quão chateado você realmente ficaria se algumas dessas pessoas ficassem doentes? Hmm? E lembre-se, não sabemos que o dromax é tóxico para os seres humanos.
- Você sabe, eu aposto que a sede iria adorar se pudéssemos alcançar esses caras.
- Agora você está falando¹⁷⁹.

Outras obras ainda trabalham com rejeitos tóxicos como causa para a zumbificação, como *La Morte Vivante*¹⁸⁰, *Return of the Living Dead*¹⁸¹ e *Extinction: The G.M.O. Chronicles*¹⁸². Todas estas produções, intencionalmente ou não, localizam estas catástrofes químicas na ganância ou incompetência típicas do modo de produção capitalista. A questão é que o capitalismo e o seu modo de produção agrícola, a monocultura, não são inteligentes. O sistema de monocultura é dominante, pois ele é o mais fácil: planta-se soja e milho até esgotar a terra, que vira pasto para o gado, e desmata-se novas áreas para a produção das mesmas plantas. As técnicas da agroecologia demandam muito mais trabalho e conhecimento, rejeitado pelo sistema de pensamento gestado e educado como irmão gêmeo do capitalismo. Isso porque este conhecimento vem de pessoas que são *outras*. A base epistemológica da agroecologia é diferente daquela da ciência ocidental: enquanto a do agro pop baseia-se na eficiência e na tecnologia, a do agroecológico entende sobre quais bases ecológicas os sistemas agrícolas tradicionais foram desenvolvidos. Nesse sentido, a abordagem é a holística¹⁸³.

¹⁷⁹ *Ibidem*. Min. 00:07:49-00:09:55.

¹⁸⁰ *LA Morte Vivante (A Morta-Viva)*. Dir. Jean Rollin. França: Films A.B.C., Les Films Aleriaz, Les Films du Yaka, 1982 (85 min.).

¹⁸¹ *RETURN of the Living Dead (A Volta dos Mortos Vivos)*. Dir. Dan O'Bannon. Estados Unidos: Hemdale Film Corporation, 1985 (91 min.).

¹⁸² *EXTINCTION: The G.M.O. Chronicles*. Dir. Niki Drozdowski. Alemanha: Cinema Ergo Sum Filmproduction, Dark Legend Entertainment, Kölner Filmhaus, 2011 (114 min.).

¹⁸³ Do grego *holos*: Abordagem ou conceito teórico que busca entender os fenômenos de uma maneira integral, por oposição à análise analítica de seus constituintes, em separado. FONTE: <https://www.dicio.com.br/holismo/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

A preocupação básica da agroecologia é a preservação do ecossistema, constituído por organismos que participam em interações – fatores bióticos –, e componentes físicos e químicos, como luz, solo, umidade e temperatura – fatores abióticos –, ambos codependentes, em uma rede intrincada de relações. Cada ecossistema, cuja limitação é arbitrária (não respeita divisões geográficas políticas), tem entre as suas características a diversidade de espécies, a abundância ou escassez de uma espécie ou outra, a espécie dominante, a estrutura da vegetação e a estrutura trófica, ou seja, como a distribuição nutritiva acontece nesta comunidade. Os ecossistemas são também agrupados em razão de suas funções, que são divididas em: fluxos de energia, ciclagem de nutrientes, mecanismos de regulação de populações (as relações bióticas que foram analisadas no capítulo anterior) e processos dinâmicos (estresses e distúrbios).

Não existe um manual que analise todo e qualquer ecossistema a fim de implementar um agroecossistema. Cada espaço deve guiar-se pela imitação do ecossistema original, buscando uma prática que seja movida sobretudo pelo sol; além disso, os ciclos de nutrientes e mecanismos de autocontrole das populações devem ser mantidos. Há, no entanto, uma sequência de “boas práticas” a serem implementadas: a redução da dependência de insumos comerciais, a utilização de recursos disponíveis no local e recursos renováveis, o destaque para a reciclagem de nutrientes e a introdução de espécies que propiciem diversidade funcional. Ainda, o sistema deve ser adaptado às condições locais e deve aproveitar os microambientes disponíveis. Além da manutenção da diversidade e continuidade espaço-temporal, os rendimentos devem ser otimizados, a diversidade genética local deve ser resgatada e conservada, assim como os conhecimentos e culturas locais.

O conhecimento agroecológico deve partir de novos paradigmas de pensamento, aposentando os antigos, inaugurados pela ciência moderna: “[a]s propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da dinâmica do conjunto”; “[c]ada estrutura é considerada como manifestação de um processo

subjacente, não sendo a interação entre as estruturas, o que gera o processo”; “[a] observação é dependente do observador, portanto as descrições científicas não são objetivas, independentes do processo de conhecimento”; “[o] conhecimento deve ser representado como uma rede de relações sem hierarquia, e não como construção de leis e princípios explicados individualmente”; e “[o]s cientistas devem substituir a busca da verdade absoluta e da certeza por descrições aproximadas e limitadas da realidade”¹⁸⁴.

Estes fatores são – como tudo –, cooptados pelo capitalismo, que os transforma em conhecimentos científicos, ignorando a dimensão integral da agroecologia. Os fatores socioambientais, como a matriz sociocultural e práxis intelecto-política são ignoradas nessa esfera do estudo da agroecologia. Assim, os processos de transição pós-apocalíptica entre agricultura de mercado e agricultura ecológica devem, sobretudo, considerar os fatores socioculturais e políticos do grupo a ser atendido por essa empreitada em busca de um novo paradigma de abundância.

Isso tudo implica numa fuga do processo de ocidentalização, de desenvolvimento – ainda conectado com as noções de evolução, crescimento e maturação. Porque a ideia de Darwin de *evolução* foi cooptada pela política meritocrata, conservadora, liberal e de extrema-direita, neste trabalho, escolho chamar de *adaptação* – também ideia de Darwin –, coisa da qual estes grupos não são capazes.

Conforme o tempo passa, o apocalipse deixa de ser um evento recente, a população humana decai e a população zumbi sobe, os sobreviventes desenvolvem habilidades agroecológicas, já que não dispõem de recursos ou terras abundantes, os zumbis se adaptam para a disponibilidade de cada vez menos alimento. Que tipo de interação simbiótica ou adaptação poderia providenciar o combustível necessário para alimentar essa população? Como equilibrar as populações, levando em conta as

¹⁸⁴ GOMES, João Carlos Costa. Bases Epistemológicas da Agroecologia. IN: AQUINO, A. M. de, DE ASSIS, R. L (Eds.). *Agroecologia: Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p. 88-89.

peculiares necessidades? A existência no pós-apocalipse a médio ou longo prazo deixa de ser sobre matar ou ser morto, como mostram a maioria das mídias e como escrevem Webb & Byrnannd¹⁸⁵, mas de reconstruir uma empatia global deixada de lado pelo modo de vida ocidental moderno e/ou pela eclosão do apocalipse.

Atualmente, os sistemas agroecológicos dependem de decisões políticas – como demarcação de terras indígenas ou terras disponibilizadas para a reforma agrária, sobretudo com pressão de movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, no Brasil. Para os sobreviventes do apocalipse – e agora este termo começa a me incomodar –, a agroecologia será a chave para uma terra autossustentável. Em *The Boy on the Bridge*, já no epílogo, Melanie, protagonista de *The Girl with all the Gifts*, já integrada aos *hungries* de segunda geração, oferece ajuda agrícola aos sobreviventes isolados nas montanhas frias:

“Coronel, nós viemos aqui para ajudá-los”

Carlisle já está se afastando enquanto ela fala. Ele foi pego lá, à cúspide do movimento. Melanie ri envergonhada – como se não pudesse acreditar que estavam vendo esta conversa de ângulos tão diferentes. Que as coisas que ela tomou como dadas ainda precisavam ser ditas.

Alguém tem que fazer o papel de homem sério. Foss acha que é ela. “Do que você está falando?” Ela pergunta.

Melanie aponta para baixo da encosta. O resto de sua comitiva seminua avançara um pouco, e agora eles estavam colocando caixas e caixas em um monte de pedras áspero. “Comida”, diz ela, “e remédios... Os refrigeradores de plástico estão cheios de coelhos, recém capturados quando subimos. As caixas de madeira são maçãs e ameixas verdes. Vocês podem comer isso, não é?”

“Ameixas verdes?” diz McQueen. É difícil ler seu tom, mas a boca de Foss encheu-se de saliva apenas ao ouvir a palavra.

“Pensamos que frutas frescas e proteínas seriam suas necessidades mais urgentes”, diz Melanie, “O resto é negociável. Nós não cultivamos grãos para nós mesmos, obviamente, mas podemos cultivá-lo para vocês. Vocês nos dirão o que precisam. O que não temos, vamos encontrar ou fazer”.

Eles ficam sem palavras por um momento ou dois. Então o coronel, que ainda está de pé e meio virado para longe da garota, faz a pergunta que é mais importante em todas as mentes.

“Por quê?”

Melanie não parece entender, então ele pergunta novamente. “Por que vocês fariam isso?”

¹⁸⁵ WEBB, Jen; BYRNAND, Sam. Some Kind of Virus: The Zombie as Body and as Trope. *Body & Society*, v. 14, n. 2, 2008. p. 83-98.

"Porque podemos", diz ela. Ela parece genuinamente intrigada pela questão. "Porque pensamos que você tinha ido embora e estamos tão felizes que estávamos errados. Que o seu povo e o meu povo pode se conhecer, conversar e aprender uns com os outros. De outra forma, vocês teriam sido apenas lendas para nós". Ela sorri, como se esse pensamento lhe parecesse engraçado. "Eu sei como funcionam as lendas. Em algumas gerações, haveria mil histórias selvagens sobre você, e a verdade... bem, a verdade seria apenas uma história um pouco menos interessante do que o resto. Agora que os encontramos, vamos continuar procurando. Não só aqui na Escócia, mas em todo o mundo. Já começamos a equipar uma expedição para a França e Suíça. Quero dizer, para os lugares que costumavam ser França e Suíça. Talvez não sejam os únicos"¹⁸⁶

Este trecho demonstra que além das possibilidades de interações com os próprios ecossistemas, o pós-apocalipse zumbi também apresenta uma cooperação interespecies, uma meta-simbiose: uma simbiose interespecies de uma forma e outra simbiose interespecies de outra forma. É a restauração do ecossistema Terra. Kerstin Oloff¹⁸⁷ escreve que zumbis jamais poderiam ser fazendeiros, jardineiros, semeadores ou agricultores, pois estas profissões dependeriam de uma relação com a terra. É evidente que eu discordo. A maior reforma – ousado dizer “revolução” – agrária é o apocalipse zumbi.

4.2 Bateson, Bookchin, Shiva e a ecologia da mente

“a uniformidade e a diversidade não são apenas maneiras de usar a terra, são maneiras de pensar e de viver”

(Vandana Shiva¹⁸⁸)

Aqui, a escassez se apresenta na forma de “falta de alternativas”, como estabelece Vandana Shiva: um processo no qual as diversidades somem da percepção moderna, que, demasiada acostumada a pensar em termos de monoculturas, o que

¹⁸⁶ CAREY, M. R. *The Boy on the Bridge*. Londres: Orbit, 2017. p. 389-390, tradução minha.

¹⁸⁷ OLOFF, Kerstin. ‘Greening’ The Zombie: Caribbean Gothic, World Ecology, and Socio Ecological Degradation. *Green Letters: Studies in Ecocriticism*, v. 16, n. 1, 2012. p. 31-45.

¹⁸⁸ SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Trad. Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003. p. 17.

leva à destruição da natureza, de comunidades e de tecnologias¹⁸⁹. O trabalho de Shiva, assim como o meu – ainda que de forma secundarizada –, trata do colonialismo e da colonialidade como modos de empobrecimento da terra e da mente. Por uma visão monocultural, a cultura dos ameríndios não era vista como cultura, apenas como descivilização, que precisava ser consertada. O modo de subsistência não era o suficiente para os colonizadores, já acostumados com os luxos que Rousseau já denunciava¹⁹⁰.

Essa falta de alternativas se apresenta também nos monopólios dos produtos de consumo. No início de 2025, Donald Trump tomou posse como o 47.º presidente dos Estados Unidos. Na cerimônia, os quatro principais bilionários estavam presentes: Mark Zuckerberg, CEO da *Meta* (que controla serviços como o *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*); Jeff Bezos, CEO da *Amazon*, *Blue Origin* e *The Washington Post*; Sundar Pichai, CEO da *Google*; e Elon Musk, CEO da *Tesla*, *SpaceX*, *Neuralink* e *Twitter* (atualmente *X.com*). Musk já havia demonstrado seu caráter nazifascista e *incel* – que foi irremediavelmente confirmado com a saudação nazista feita no mesmo dia –, e foi seguido diretamente por Mark Zuckerberg, que agora permite, com todas as palavras, que o público LGBTQIA+ seja associado à doenças mentais, que os usuários de seus produtos se autodeclarem intolerantes em relação à etnia, religião ou orientação sexual¹⁹¹ e que mulheres sejam comparadas a animais.

Tudo isso me levou a um longo período de repensar a minha presença *online*, e tomei ações como substituir os produtos da *Meta* – quase impossível com o monopólio do *WhatsApp* no Brasil – e da *Google* – substituí o *GMail* por *Proton*, o *GMaps* por *Waze* e o *GDrive* pelo *Sync*, embora o *smartphone* ainda rode *Android*, um

¹⁸⁹ Falo em “tecnologia” no sentido mais abrangente: as construções de iglus, os modos de produção e até a sabedoria de produzir mais diversidade, como no caso dos indígenas amazônicos. Cf. ROSSER, Neil *et al.* Hybrid speciation driven by multilocus introgression of ecological traits. *Nature*, v. 628, 25 abr./2024, p. 811-834.

¹⁹⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes. IN: *Coleção Os Pensadores*. Vol. Rousseau II. São Paulo: Abril Cultural, 1999. p. 179-302.

¹⁹¹ DISPONÍVEL EM: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/07/meta-passa-a-permitir-que-doenca-mental-seja-vinculada-a-genero-ou-orientacao-sexual-em-posts-no-facebook-instagram-e-threads.ghtml>. Acesso em: 23 mar. 2025.

sistema operacional baseado na *Google*, por pura *falta de alternativa*. Dizem que não adianta, pois não há consumo consciente sob o capitalismo. Eu prefiro acreditar que Boicotes, Sanções e Desinvestimentos¹⁹² estão no leque extremamente limitado de ações que o cidadão comum pode tomar.

A minha ausência no *Instagram* certamente refletiu em menos contatos com os meus amigos e familiares, menos convites para o bar mais próximo. *Quem não é visto, não é lembrado*. E então, eu fico entre os meus princípios éticos de não participar de redes onde não sou respeitada, ou correr o risco de ser desrespeitada para não perder os contatos com as amizades que tenho. A questão é: eu quero manter amizades com pessoas que não se lembram de mim ou que me obrigam a usar um serviço tão vil? Acho que não. Não vou oferecer a conclusão mais do que superficial de que “somos todos zumbis” – não nesse sentido, ao menos –, mas há um impacto de redução de alternativas, de produção de mesmidade, que certamente nos leva a pensar naqueles outros zumbis tradicionais.

Os bolsões de pobreza, em maior ou menor escala, também representam muito bem as monoculturas da mente: o colonialismo ensina a dependência de um certo tipo de produto – principalmente alimentar –, apaga os saberes tradicionais de plantio e, por fim, deixa de entregar esses produtos a certas regiões de difícil acesso. Murray Bookchin escreve no prólogo de *Por una sociedad ecológica*¹⁹³ sobre o aumento alarmante – já em 1978! – dos casos de câncer, cuja porcentagem de 85 pontos eram causados por alterações no meio ambiente.

Na meta-análise conduzida por Louzada *et al.*¹⁹⁴, uma sequência de doenças foram relacionadas com o consumo de ultraprocessados. Novamente, por *falta de*

¹⁹² Referência ao movimento BDS, liderado por palestinos para a liberdade, justiça e igualdade. O BDS defende o princípio simples de que os palestinos têm direito aos mesmos direitos do resto da humanidade. FONTE: <https://archive.bdsmovement.net/pt>. Acesso em: 26 mar. 2025.

¹⁹³ BOOKCHIN, Murray. *Por una sociedad ecológica*. Trad. Josep Elias. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

¹⁹⁴ LOUZADA, Maria Laura da Costa *et al.* Impacto do consumo de alimentos ultraprocessados na saúde de crianças, adolescentes e adultos: revisão de escopo. *Cad. Saúde Pública*, v. 37, sup 1:e00323020, 2021. 48p.

opção: hortifrutis não chegam na maior parte dos lugares periferizados, carnes de qualidade também não. O que chega são congelados, produtos com validade exacerbadamente longa, devido ao alto teor de conservantes, estabilizadores e outras substâncias voltadas para a longevidade dos lucros. Ainda, *por falta de alternativa*, não se detém do mesmo tempo para cozinhar, ou também do dinheiro para buscar alimentos de qualidade em outras localidades.

Na filosofia, no primeiro semestre da minha graduação, eu tive uma disciplina de lógica analítica, uma disciplina de leitura de textos filosóficos, uma disciplina sobre Karl Marx e uma disciplina sobre Ficção Científica. Entrei na graduação já mais velha, com 27 anos, em princípio apenas por curiosidade. Imaginei que faria apenas o que fiz por 90% do curso: ler filósofos já mortos há 2500, 1000, 500, 400, 300 anos e escrever sobre o que havia lido. Isso é monocultura da mente. Mas a disciplina de Ficção Científica, com o Prof. Dr. Marco Antonio Valentim, plantou a semente da diversidade no meu cérebro. Aprendi a ler mulheres, aprendi a ler pensadores do Sul Global, não-ocidentalizados, aprendi a ler pensadores ainda vivos, escrevendo sobre temas que aconteciam naquele momento.

Ideias assim, descentralizadas, não hierárquicas e tecnologias voltadas para a ecologia – da terra ou da mente – retiram a humanidade da escassez, da falta de alternativas. Bookchin pensa o conceito de pós-escassez, que “não significa profusão, abundância nem consumo insensato”¹⁹⁵. Para o filósofo anarquista, a palavra escassez é usada em seu sentido helênico, ou seja, designando uma existência histórica da carência dos meios de existência fundamentais. Além disso, o termo remete à necessidade do trabalho contínuo e exploratório a fim de solucionar essa carência. Essa é uma querela, escreve o autor, entre os anarquistas e marxistas, sendo que esses segundos relacionariam o conceito de pós-escassez ao consumo.

¹⁹⁵ BOOKCHIN, Murray. *Por una sociedad ecológica*. Trad. Josep Elias. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978. p. 11, tradução minha.

Essa pós-escassez, aqui, seria o período de domínio das tecnologias ecológicas e de completa integração, de ambos zumbis simbiotes humanos-fungos e humanos sobreviventes sobrevivendo, ao ecossistema: nem os simbiotes e nem os sobreviventes viveriam em abundância – muita quantidade, pouca variedade –, mas sim em diversidade – quantidade adequada, muita variedade. Gregory Bateson sugere que essa mudança ocorreria por uma alteração na unidade darwiniana: de linha familiar, espécie ou subespécie para organismo + ambiente. Isso tornaria a unidade de sobrevivência idêntica à unidade da mente. Nesse sentido, a ecologia da mente é o estudo da sobrevivência das ideias e programas em circuitos.

PARTE DOIS – MODOS DE EXISTÊNCIA ESPECÍFICOS

5 EMERGÊNCIA

Nova Iorque. Um barco à deriva e dois policiais, dos quais um vai investigar a embarcação, sem reforços. De um dos compartimentos, um gigante zumbi o ataca. Anne, a filha do dono do barco e Peter, um jornalista, decidem viajar até a ilha caribenha fictícia de Matool, de onde o pai da mulher a enviou uma carta, denunciando sua doença e os maus tratos aos quais estava sendo submetido. Abaixo do mar, um zumbi e um tubarão disputam território em uma cena icônica do mestre do *gore* Lucio Fulci. Acima, a dupla, de carona até a ilha, socorre a desesperada Susan, em parte assustada pelo tubarão e em parte assustada pelo que ela pensava ser um homem andando no fundo do oceano. O barco quebra e o grupo é obrigado a parar em Matool, contra a vontade dos demais tripulantes além de Anne e Peter. A trama se desenvolve e os únicos sobreviventes são a dupla inicial. Novamente na embarcação, ligam o rádio e descobrem que Nova Iorque está tomada por zumbis, epidemia causada pelo começo do filme. A ciclicidade de *Zombie 2*¹⁹⁶ e as proporções que o contágio tomam também me lembram *Return of the Living Dead*¹⁹⁷.

Em um depósito médico, um tanque de substâncias químicas do exército estadunidense é aberto e a fumaça do composto invade o sistema de ar, contaminando um cadáver da câmara fria do local. O zumbi, conhecido pelos fãs como Tarman, não morre nem com esquarteramento ou com ataques na cabeça. Assim, os responsáveis pelo depósito o queimam no necrotério vizinho. A fumaça do corpo cremado toma o céu e uma chuva a leva até o cemitério mais próximo. A ocasião se transformou em uma pequena epidemia, ainda reduzida a uma pequena cidade no interior dos Estados Unidos. Quando o exército toma conhecimento da situação, decide eliminar a cidade com uma bomba atômica, que por sua vez, gera novas chuvas e contamina o país inteiro. Uma *zumbiferação*.

¹⁹⁶ *ZOMBI 2* (Alt. *Zombie Flesh-Eaters*). Dir. Lucio Fulci. Itália: Variety Film, 1979 (91 min.).

¹⁹⁷ *RETURN of the Living Dead* (A Volta dos Mortos Vivos). Dir. Dan O'Bannon. Estados Unidos: Hemdale Film Corporation, 1985 (91 min.).

Eu sou legião. Fascinação do *homem dos lobos* diante dos vários lobos que olham para ele. O que seria um lobo sozinho? E uma baleia, um piolho, um rato, uma mosca? Belzebu é o diabo, mas o diabo como senhor das moscas. O lobo não é primeiro uma característica ou um certo número de características; ele comporta uma proliferação, sendo, pois, uma lobiferação. O piolho é uma piolhiferação..., etc¹⁹⁸.

5.1 Emergência como surgimento

Em 1492, Cristóvão Colombo atracou suas embarcações no que hoje é chamado de Haiti. Os nativos, chamados de forma generalizada de *Tainos*, foram forçados a um regime de escravidão e posterior extermínio por violência e varíola. Entre 1680 e 1786, os franceses sequestraram aproximadamente 800.000 africanos para trabalharem nas monoculturas de açúcar, café e índigo. Estes sujeitos coloniais eram frequentemente vistos como desprovidos de razão e mais próximos da natureza que seus algozes. Kerstin Oloff¹⁹⁹ escreve, baseada na centralidade do açúcar e da prata que Jason Moore²⁰⁰ postula para a constituição de uma nova ecologia mundial epocal, que além de produzir as divisões globais de trabalho, as monoculturas e o extrativismo exauriram as terras caribenhas, e então o capitalismo estaria configurado numa ruptura metabólica das relações intraterrestres e o estabelecimento de diferentes, outras e novas hierarquias no planeta.

Enquanto os europeus forçavam o cristianismo sobre os poucos nativos que sobraram após o extermínio e sobre os africanos sequestrados e escravizados, o Vodou, uma mistura de religiões, surgiu como resistência às monoculturas da mente, se tornando um filho hibridizado do imperialismo, síntese cultural e resistência ao cultivo das monoculturas mentais. As crenças de diversos grupos foram integradas à ideologia cristã ocidental, que quase venceu a disputa: embora 72% da população se

¹⁹⁸ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. 04. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: 34, 2012. p. 20.

¹⁹⁹ OLOFF, Kerstin. 'Greening' The Zombie: Caribbean Gothic, World Ecology, and Socio Ecological Degradation. *IN: Green Letters: Studies in Ecocriticism*, 16:1, 2012. p. 31-45.

²⁰⁰ MOORE, Jason. Capitalism As World-Ecology. *Organization & Environment*, Vol. 16, No. 4, dez./2003. p. 431-458.

declare católica²⁰¹, o Vodou é uma prática enraizada na cultura haitiana, o que leva, por exemplo, ao oferecimento de comida e vinho às imagens da Virgem Maria, às orações para seus familiares por orientação, à prática de confecção de bonecos voduns e até, para alguns vodunístas, à crença de que Jesus Cristo foi o primeiro zumbi²⁰².

O Vodou, longe de ser uma religião que traz esperança de uma pós-vida, é nascido de uma necessidade de sobrevivência, vingança e proteção, o que engendra significado e estratégias para a população pobre suportar os traumas da miséria e insegurança. Assim, os zumbis haitianos são essa forma de sobrevivência desesperançosa. Demonizado pelos europeus e futuramente por estadunidenses, o Vodou haitiano era – também, mas não apenas – uma manifestação ideológica das superestruturas: para o colonizado, o medo estava na possibilidade de, além de trabalhar durante toda sua vida, trabalhar também no pós-morte. Assim, os próprios colonos usavam a figura do zumbi como forma de provocar subserviência.

Mas os europeus também temiam os zumbis, que funcionavam também como uma expressão de resiliência: se a existência no pós-morte existe, também se mantém a resistência. Edward Said²⁰³ afirma que o poder narrativo é definidor de identidades: igualmente o poder de narrar as próprias histórias quanto o poder de impedir outras narrativas de surgirem. Ainda, as narrativas de emancipação e esclarecimento mobilizaram as pessoas no próprio mundo colonial para se levantarem e se livrarem da sujeição imperial. Após a vitória da Revolução Haitiana, o Vodou pôde se desenvolver sem pressões religiosas externas, contudo, só foi reconhecido como religião oficial do país em 2003.

Kyle Bishop²⁰⁴ escreve que os zumbis foram as únicas criaturas a passarem do folclore para o cinema sem passar por uma tradição literária estabelecida, ainda que

²⁰¹ Dados de 2015. Cf. RABELO, Miriam & ,DUCCINI, Luciana (Eds.) *Afro American Religious and New Age Practices*.

²⁰² MCALISTER, Elizabeth. *Rara! Vodou, Power, and Performance in Haiti and Its Diaspora*. Los Angeles e Berkeley: California UP, 2002. p. 110, tradução minha.

²⁰³ SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. Nova Iorque: Vintage Books, 1994.

²⁰⁴ BISHOP, Kyle. Raising the Dead: Unearthing the Non-Literary Origins of Zombie Cinema. *Journal of Popular Film and Television*, v. 33, n. 04, 2006, p. 196–205.

suas representações cinematográficas passem por característica do cinema de horror tradicional. O autor ainda afirma que os zumbis foram apropriados pela cultura estadunidense na mesma época da Grande Depressão, quando a população do país se tornou relativamente consciente do próprio despoder dentro do sistema capitalista. Nesse momento, o autor pontua, que os zumbis encarnaram as características de críticas ideológicas da modernidade capitalista. Isto se deu, sobretudo, devido a certas obras etnográficas.

Em 1929, chegou nas prateleiras estadunidenses a etnografia *The Magic Island*, de William Seabrook, na qual o autor conta suas experiências morando no Haiti. No capítulo ... *Dead Men Working in the Cane Fields*²⁰⁵, Seabrook conta como ficou surpreso ao descobrir que os zumbis haitianos não eram *mera superstição* e que a empresa HASCO – *Haitian American Sugar Company*²⁰⁶ – tinha zumbis em suas monoculturas. Ele relata o que seu amigo haitiano Polynice disse:

“Não, meu amigo, não, não. Existem muitos casos verdadeiros. Neste exato momento, ao luar, há zumbis trabalhando nesta ilha, a menos de duas horas de viagem da minha própria habitação [...] Se você cavalgar comigo amanhã à noite, sim, eu vou te mostrar homens mortos trabalhando nos canaviais. Perto até das cidades, às vezes há zumbis. Talvez você já tenha ouvido falar daqueles que estiveram na Hasco...”²⁰⁷.

Quando Seabrook viajou com Polynice para conhecer estes zumbis, ficou impressionado:

Os olhos eram os piores. Não era minha imaginação. Eles eram na verdade como os olhos de um homem morto, não brilhantes, mas fixos, sem foco, sem ver. O rosto inteiro, por falar nisso, era ruim o suficiente. Estava vazio, como se não houvesse nada por trás dele. Parecia não apenas inexpressivo, mas incapaz de expressão²⁰⁸.

²⁰⁵ SEABROOK, William. “... Dead Men Working in the Cane Fields”. IN: *The Magic Island*. Mineola/Nova Iorque: Dover, 2016. p. 92-103.

²⁰⁶ A HASCO atuou no Haiti de 1912 a 1987, e sua sobrevivência foi ameaçada por turbulências políticas nos anos que antecederam 1915, levando à invasão da Marinha estadunidense no Haiti em 1915, que durou até 1934.

²⁰⁷ SEABROOK, William. “... Dead Men Working in the Cane Fields”. IN: *The Magic Island*. Mineola/Nova Iorque: Dover, 2016. p. 94-95, tradução minha.

²⁰⁸ *Ibidem*. p. 101, tradução minha.

Zora Reale Hurston, antropóloga negra – e desacreditada como “supersticiosa” (por que será?) pelos colegas da área – e uma das pioneiras da etnografia haitiana escreveu como se criava um zumbi:

Talvez um dono de plantation tenha vindo ao Bocor para “comprar” alguns trabalhadores, ou talvez um inimigo queira o máximo em vingança. [...] Após a devida cerimônia, o Bocor em seu aspecto mais poderoso e temido monta um cavalo com o rosto voltado para o rabo do cavalo e cavalga depois de escurecer até a casa da vítima. Lá ele coloca seus lábios na fresta da porta e suga a alma da vítima e sai a toda velocidade. Logo a vítima adoece, [...] e em poucas horas está morta. [...] Todos concordam que o Bocor está lá no túmulo à meia-noite com a alma do morto. [...] A tumba é aberta pelos associados e o Bocor entra na tumba, chama o nome da vítima. Ele deve responder porque o Bocor passa a alma sob seu nariz por um breve segundo e acorrenta seus pulsos. [...] e o túmulo é fechado novamente como se nunca tivesse sido perturbado. [...] A vítima é cercada pelos associados e começa a marcha para o hounfort [templo voodoo e seus arredores] . [...] Primeiro ele passa pela casa onde morava. Isso é sempre feito. Deve ser. Se a vítima não passasse por sua antiga casa, mais tarde a reconheceria e retornaria. [...] Ela é levado ao hounfort e recebe uma gota de um líquido, cuja fórmula é mais secreta. Depois disso a vítima é um Zumbi²⁰⁹.

Aqui, vale ressaltar alguns pontos: 1) a ambiguidade dos zumbis, que ora servem como resistência, ora como mão de obra mais rentável que os próprios escravizados, mas que em momento algum oferece esperança; 2) este relato de Hurston foi desacreditado pelos etnógrafos brancos por ser demasiado supersticioso.

Logo, o zumbi foi incorporado pelos cinemas estadunidenses, em filmes como *White Zombie*²¹⁰ e *I Walked with a Zombie*²¹¹, onde ambas zumbificadas são mulheres, como que demonstrando que apenas as mulheres brancas – em oposição aos “bastiões da racionalidade”, os homens brancos – seriam corruptíveis pela superstição

²⁰⁹ HURSTON, Zora Neale. *Zombies*. IN: *Tell my Horse: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica*. Nova Iorque: HarperCollins, 2015. p. 181-193, tradução minha.

²¹⁰ *WHITE Zombie* (Zumbi Branco). Dir. Victor Halperin. Estados Unidos: Halperin Productions, 1932 (69 min.).

²¹¹ *I Walked with a Zombie*. Dir. Jacques Tourneur. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1943 (69 min.).

dos haitianos. Aproximadamente 10 filmes foram feitos com o tema “zumbificação” e “mortos-vivos” entre 1932 e 1968²¹².

*White Zombie*²¹³ apresenta um casal viajando ao Caribe para comemorar seu casamento, Neil e Madeline. O estilo do filme é muito inspirado pelo clássico *Dracula*²¹⁴, do ano anterior, que também tem no elenco Bela Lugosi, o famoso ator do cinema de terror da época. Aqui, o exotismo, o medo da dominação, da subversão e também da miscigenação estão presentes. O sucesso desse longa-metragem, diz Kyle Bishop²¹⁵, se deve também ao crescente fascínio das sociedades ocidentais pelo exotismo de outras culturas – entendidas como primitivas – na virada para o século XX. O zumbi se tornou, então, o “novo monstro para o Novo Mundo”²¹⁶.

*I Walked with a Zombie*²¹⁷, lançado onze anos depois, trata dos mesmos temas, porém o teor sexista do filme é mais carregado, um paradoxo intrigante: na mesma época, as mulheres estavam sendo incentivadas, depois do ingresso dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, a ocupar os postos de trabalho deixados pelos homens que constituíam as tropas enviadas. Figuras como Rosie, the Riveter e o slogan “*We Can Do It!*”. Mesmo durante a guerra, entretanto, os salários femininos eram inferiores e as condições de trabalhos de mulheres negras e latinas eram precarizadas.

Os outros filmes deste período seguem o mesmo padrão: geralmente a zumbificada é uma mulher (branca) e seus salvadores são homens (brancos), protegendo a donzela em perigo dos *selvagens* caribenhos. Tais filmes deram origem aos chamados tropos de televisão como o *Magical Negro*²¹⁸, o *White Man’s Burden*²¹⁹ e

²¹² A lista de Jamie Russell contém mais títulos, mas optei por excluir aqueles envolvendo ameaças alienígenas, transformações pontuais e os zumbis do tipo *zombie ruse*.

²¹³ *WHITE ZOMBIE* (Zumbi Branco). Dir. Victor Halperin. Estados Unidos: Halperin Productions, 1932 (69 min.).

²¹⁴ *DRACULA*. Dir. Todd Browning. Estados Unidos: Universal Pictures, 1931 (74 min.).

²¹⁵ BISHOP, Kyle. The Sub-Subaltern Monster: Imperialist Hegemony and the Cinematic Voodoo Zombie. *The Journal of American Culture*, v. 31, n. 2, 2008, p. 141–152.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 145, tradução minha.

²¹⁷ *I Walked with a Zombie*. Dir. Jacques Tourneur. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1943 (69 min.).

o *Mighty Whitey*²²⁰, respectivamente: quando um personagem negro possui poderes mágicos em decorrência de sua etnia; quando um personagem branco adota uma pessoa negra para cuidar e/ou guiar e; quando um personagem branco se insere em uma nova cultura (“exótica”) e torna-se um líder, guerreiro ou representante.

Esse tipo de tropo da exotividade, ainda que quanto mais apropriado pela cultura *pop*, mais é esvaziado do sentido original, perdura. A HQ *Anhangá*²²¹ representa, por exemplo, um homem branco preocupado com os animais morrendo e vai cobrar a comunidade indígena, que é representada de uma maneira grotesca. Na sequência, descobrimos que os macacos-aranha estão infectados – ou possuídos pela entidade *Anhangá* – e a história termina com uma criança indígena matando toda sua comunidade e caminhando em direção ao horizonte.

Nessa fantasia do homem branco, os reais preocupados com a natureza e a biodiversidade são os pesquisadores brancos, que ainda desprezam os credos indígenas quando debocham: “[q]ue história é essa de espírito? É um diabo? Um fantasma? [...] Então é o diabo que está matando os animais? Ora, faça-me o favor...”²²². O pesquisador branco, ainda, investigando a possibilidade de encontrarem uma onça, alerta: “[m]as só vai matar em último caso, entendeu? Só em último caso”²²³, mas nas páginas seguintes, ao ver uma onça – já morta! –, dispara, com desespero: “[a]tira nela!!! Atira nela!!!”²²⁴.

²¹⁸ DISPONÍVEL EM: <https://vtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MagicalNegro>. Acesso em: 20 jun. 2025.

²¹⁹ DISPONÍVEL EM: <https://vtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/WhiteMansBurden>. Acesso em: 20 jun. 2025.

²²⁰ DISPONÍVEL EM: <https://vtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/MightyWhitey>. Acesso em: 20 jun. 2025.

²²¹ PARRA, Lillo, ROCHA, Val Deir. *Anhangá*. IN: FERNANDES, Raphael (Org.). *Fome dos mortos*. São Paulo: Draco, 2016. p. 18-32.

²²² *Ibidem*, p. 21.

²²³ *Ibidem*, p. 22.

²²⁴ *Ibidem*, p. 24.

FIGURA 02 – PÁGINA INICIAL E FINAL DE ANHANGÁ



FONTE: *Anhangá*²²⁵

Ainda, filmes como *Juan de los Muertos*²²⁶ e *Black Demons*²²⁷ propagam estereótipos xenofóbicos e racistas sobre latinos: enquanto o primeiro representa um cubano preguiçoso que abre uma empresa destinada a lidar com membros das famílias dos contratantes que viraram zumbis, o segundo pinta o Brasil como uma floresta gigante, sem rodovias ou estradas, com pessoas de fé abalável e corrompidas e é racista – até no título!

Em 1968, aquilo que era mais como um discurso estadunidense sobre a “selvageria” do Haiti foi reapropriado, parcialmente inspirado por *The Last Man on*

²²⁵ *Ibidem*, p. 18 e p. 32.

²²⁶ *JUAN de los Muertos*. Dir. Alejandro Brugués. Espanha, Cuba: La Zanfoña Producciones; Producciones de la 5ta Avenida, 2011 (96 min.).

²²⁷ *BLACK Demons* (Noite Maldita). Dir. Umberto Lenzi. Itália: Shriek Show, 1991 (88 min.).

Earth, de 1964²²⁸, e transformado em um exercício ficcional futurista. A própria imagem do zumbi, uma fusão de vida e morte, é motivo de um colapso nas percepções humanas. Além disso, o zumbi, por “não ter” consciência, é retirado de sua própria história enquanto perde a noção de passado, presente e futuro: a ele, só existe o agora. As ficções do gênero estão em constante negociação entre a percepção do agora e a concepção de futuro.

Em *Night of the Living Dead*²²⁹, que tem fortes apelos raciais pela escolha do primeiro protagonista negro do cinema de terror da história, a praga zumbi é causada pela volta de uma sonda espacial de Vênus. Enquanto a corrida espacial estava a todo o vapor, o que em 1968 era um *plot* de ficção científica, um ano depois se realiza, com a viagem do primeiro homem à Lua. No filme, há uma disputa de narrativas entre os poderes militares e científicos, enquanto os sobreviventes vivem outra disputa de território no espaço diegético do filme, uma casa rural. Jeffrey Jerome Cohen²³⁰ aponta que o caráter revolucionário dos zumbis começou a aparecer nesta obra, que representa os mortos-vivos atacando não apenas corpos, mas propriedades também.

A sequência da trilogia clássica zumbi de George A. Romero é o filme *Dawn of the Dead*²³¹ e aqui, a utilização dos zumbis como crítica ideológica ao consumo e ao capital foi consolidada, aprimorada e difundida. O cenário é um *shopping center* reapropriado por um grupo de sobreviventes, dois militares e dois civis. O segundo grupo conversa, enquanto o primeiro confere o perímetro:

- O que eles estão fazendo? Por que eles vêm aqui?
- Provavelmente instinto, memória, o que costumavam fazer. Esse era um lugar importante em suas vidas²³².

²²⁸ *LAST Man on Earth* (Mortos não matam). Dir. Ubaldo Ragona. Itália e Estados Unidos: Associated Producers e Produzioni La Regina, 1964 (86 min.).

²²⁹ *NIGHT of the Living Dead* (Noite dos Mortos-Vivos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Image Ten, 1968 (96 min.).

²³⁰ COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. *Journal of the Fantastic in the Arts*, Vol. 23, No. 3. 2012. p. 393-412.

²³¹ *DAWN of the Dead* (O Despertar dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Laurel Group, 1978 (127 min.).

²³² *Ibidem*. Min. 00:29:27-00:29:17.

Romero inspirou uma dezena de diretores de cinema europeus a representar as criaturas, segundo Roger Luckhurst²³³: na Itália, Lucio Fulci; na França, Jean Rollin; na Espanha, Jorge Grau, que por sua vez dirigiu a produção *Living Dead at the Manchester Morgue*²³⁴, na qual a causa do apocalipse é uma máquina agrícola em testes que é capaz de alterar os sistemas nervosos mais primitivos, como o dos insetos. O que acontece, naturalmente, é que a máquina também é capaz de levantar os mortos e enraivecer os recém-nascidos. George, o protagonista, ainda se mostra um grande opositor dos pesticidas, discursando contra o *DDT* – que é sabidamente cancerígeno – e a máquina em testes que ele encontra na Inglaterra rural.

Em *Return of the Living Dead*²³⁵, clássico da década seguinte, vemos uma referência ao início do filme, o que colapsa a linha do tempo diegética. A notícia dos mortos se levantando chega aos militares, cujo plano de contenção é bombardear a cidade com uma bomba atômica e a chuva causada pela bomba, mas espalha a praga zumbi para o restante do país. O cemitério do filme tem suas portas pichadas com os dizeres “sem futuro”, uma referência aos acontecimentos do próprio filme e da música *God Save the Queen*, dos Sex Pistols²³⁶, já que o filme está recheado de personagens *punks*.

Rick Grimes, o protagonista da série *The Walking Dead*, que é o último ou penúltimo sucesso midiático de zumbis, descobre no episódio *TS-19*²³⁷, o *finale* da primeira temporada, que todos os sobreviventes estão infectados e que quando morrerem, mesmo que de causas naturais, serão automaticamente zumbificados. No

²³³ LUCKHURST, Roger. *Zombies: A Cultural History*. Reino Unido: Reaktion Books. 2016.

²³⁴ *THE Living Dead at Manchester Morgue*. Dir. Jorge Grau. Espanha e Itália: Hallmark Releasing Corp., Ambassador Film Distributors, 1974 (93 min.).

²³⁵ *RETURN of the Living Dead (A Volta dos Mortos-Vivos)*. Dir. Dan O'Bannon. Estados Unidos: Hemdale Film Corporation, 1985 (91 min.).

²³⁶ *GOD Save the Queen* [canção]. Sex Pistols. Comp. Glen Matlock, John Lydon, Paul Cook e Steve Jones. *IN: Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols* [álbum]. Inglaterra: Virgin, A&M, 1977.

²³⁷ *TS-19* [temporada 01, episódio 06]. *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Guy Ferland. Rot. Adam Fierro, Frank Darabont. Estados Unidos: AMC, 2010 (45 min.).

*finale*²³⁸ da segunda temporada apenas, quando membros do grupo liderado pelo ex-policia! presencial uma transforma!o sem mordida, Rick os conta o que Dr. Jenner o falou: “*we’re all infected*”. Assim, ! poss!vel prever o futuro de cada um e da humanidade inteira. Os personagens s!o retirados de suas hist!rias pessoais para serem inseridos em um futuro pr!-determinado, at! certo ponto: a zumbifica!o ! inevit!vel.

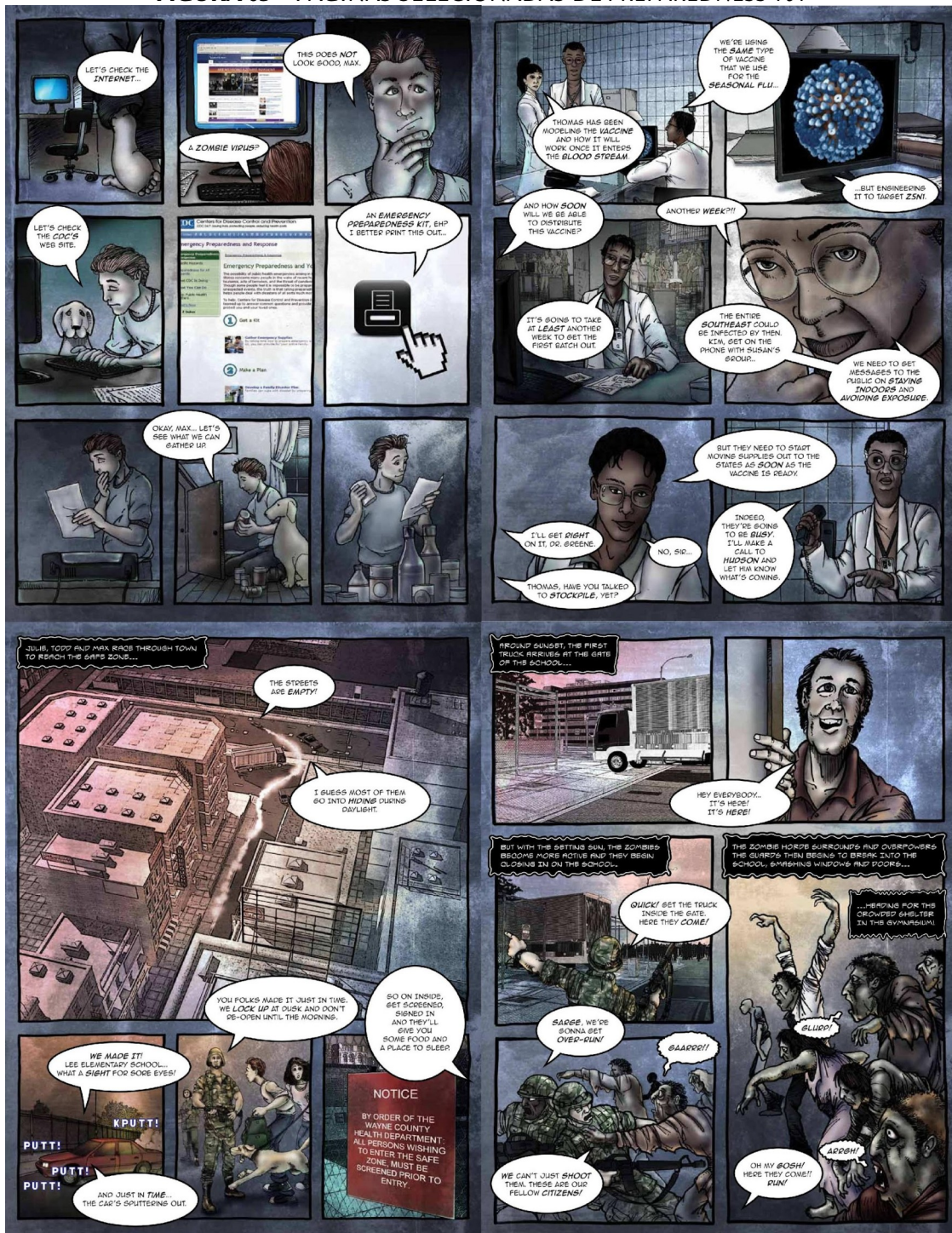
A emerg!ncia do zumbi culmina na sua utiliza!o para prop!sitos educativos sobre emerg!ncias. Durante a d!cada de 1990, as organiza!o! de sa!de estadounidenses e mundiais come!aram a utilizar o termo “infec!o!s emergentes” para identificar certas amea!as de sa!de potencialmente catastr!ficas, como a AIDS, que disparou os alarmes na d!cada anterior. Inspirado em *The Zombie Survival Guide*, de Max Brooks²³⁹, o *Center for Disease Control* dos Estados Unidos publicou a HQ *Preparedness 101*²⁴⁰, uma obra curta e hiperb!lica que retrata vacinas sendo desenvolvidas em apenas uma semana, abrigos militares realmente funcionais e que ensina, principalmente, o preparo de *kits* de emerg!ncia para imprevistos. A descri!o no *site* do CDC diz: “CDC tem um divertido novo jeito de ensinar a import!ncia do preparo para emerg!ncias”²⁴¹. A discrep!ncia entre a vis!o do CDC pelos criadores dos filmes de zumbis e a pr!pria ag!ncia governamental ! c!mica.

²³⁸ BESIDE the Dying Fire [temporada 02, epis!dio 13]. *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Ernest Dickerson. Rot. Robert Kirkman, Glen Mazzara. Estados Unidos: AMC, 2011 (43 min.).

²³⁹ BROOKS, Max. *The Zombie Survival Guide: Complete Protection from the Living Dead*. Ilust. Max Werner. Estados Unidos: Three Rivers Press, 2003.

²⁴⁰ ESTADOS UNIDOS. Department of Health and Human Services. Centers for Disease Control and Prevention. *Preparedness 101: Zombie Pandemic*. Cria. Maggie Silver. Ilust. Bob Hobbs. Estados Unidos: Center for Disease Control and Prevention, 2011.

²⁴¹ DISPON!VEL EM: <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/6023>. Acesso em: 20 jun. 2025, tradu!o minha.

FIGURA 03 – PÁGINAS SELECIONADAS DE *PREPAREDNESS 101*FONTE: CDC, 2011²⁴².

As quatro páginas da HQ selecionadas mostram, respectivamente: o personagem Todd consultando o *site* do CDC e imprimindo uma lista de materiais

²⁴² ESTADOS UNIDOS. Department of Health and Human Services. Centers for Disease Control and Prevention. *Preparedness 101: Zombie Pandemic*. Cria. Maggie Silver. Ilust. Bob Hobbs. Estados Unidos: Center for Disease Control and Prevention, 2011. p. 05, p. 19, p. 25 e p. 29.

para um *kit* de emergência; os funcionários do CDC certos de como e quando produzirão as vacinas; Todd, sua namorada, Julie e o cachorro Max chegando no abrigo militar e sendo bem recepcionados pelo soldado no portão e; as vacinas chegando no abrigo na semana seguinte enquanto os militares protegem os portões bravamente. Mais parecido com um conto de fadas do que com uma história de zumbis, e menos parecido ainda com a realidade de uma provável emergência infecciosa.

5.2 Emergência como urgência

O livro Revelações (ou Apocalipse) da Bíblia inicia-se com as memórias da revelação divina recebida por João – que estudiosos acreditam ser o próprio apóstolo. O primeiro trecho significativo descreve as ações dos anjos e suas trombetas finais:

O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que havia caído do céu sobre a terra. À estrela foi dada a chave do poço do Abismo. Quando ela abriu o Abismo, subiu dele fumaça como a de uma gigantesca fornalha. O sol e o céu escureceram com a fumaça que saía do Abismo. Da fumaça saíram gafanhotos que vieram sobre a terra, e lhes foi dado poder como o dos escorpiões da terra. [...] ²⁴³.

Em 2019 – e novamente em agosto de 2024 –, uma escuridão tomou a cidade de São Paulo, causada pela fumaça das queimadas na Amazônia, semelhante à ação do quinto anjo; em 2020, uma nuvem de aproximadamente 40 milhões de gafanhotos tomou o sul do continente, em especial a Argentina e o Paraguai e chegou perto do Brasil. Destruíram pastos, plantações de milho e paisagens.

Há diferenças a serem destacadas entre os nossos tempos, que alguns poderiam argumentar que evoca um imaginário apocalíptico e o imaginário cristão: 1) apesar de a temporalidade ser central em ambos os apocalipses, a centralidade do tempo no *nosso* apocalipse advém de uma visão ocidental da história, não da visão

²⁴³ *BÍBLIA*. Português brasileiro. Trad. Mateus Hoepers. Petrópolis: Vozes, 2001. Ap. 09:01-18.

escatológica cristã²⁴⁴; e 2) no nosso, s seres humanos possuem o domínio e a habilidade de intervir no curso da história, enquanto no apocalipse cristão não existe essa possibilidade, pois Deus é o único interventor²⁴⁵.

Neste nosso tempo, também nomeado de Antropoceno, a humanidade se tornou uma força e um poder – tanto no sentido de força bruta, quanto no sentido de poder foucaultiano. Para Chakrabarty²⁴⁶, os humanos no Antropoceno vivem dois tipos diferentes de “agora”: o “agora” da espécie humana se entrelaçou com o “agora” longo de uma nova escala temporal geológica e biológica, algo que nunca aconteceu antes na história da humanidade. Danowski & Viveiros de Castro²⁴⁷ argumentam também neste sentido:

O tempo está fora do eixo, e andando cada vez mais rápido, “As coisas têm mudado tão rápido que se tornou difícil acompanhá-las”, constatava, poucos anos atrás, Bruno Latour. Ele se referia ao estado do conhecimento científico a respeito do problema; mas, de algum tempo para cá, é o próprio tempo, como dimensão da manifestação da mudança (o tempo enquanto “número do movimento”, para falar como Aristóteles), que parece estar, não apenas se acelerando, mas mudando qualitativamente “o tempo todo”.

A abordagem em relação à crise ambiental mais efetiva de evocar o Apocalipse é o eco-catastrofismo – em oposição ao eco-modernismo e ao realismo planetário. Isso porque ela evoca os piores cenários, imaginando tempestades, secas, desastres ambientais, migrações em massa, conflitos e destruição da espécie humana – que, na verdade, não estão longe da realidade. A iniciativa *Climate Clock*²⁴⁸, por exemplo, abre sua página escrevendo:

²⁴⁴ ALT, Suvi. Environmental Apocalypse and Space: the Lost Dimension of the End of the World. *Environmental Politics*, v. 32, n. 5, 2023. p. 903-922.

²⁴⁵ ROTHE, D. Governing the end times? Planet politics and the secular eschatology of the anthropocene. *Millennium: Journal of International Studies*, v. 48, n. 2, 2020. p. 143-164.

²⁴⁶ CHAKRABARTY, Dipesh. *The Climate of History in a Planetary Age*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2021.

²⁴⁷ DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie, 2017. p. 23.

²⁴⁸ DISPONÍVEL EM: <https://climateclock.world/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

A ciência é clara: estamos enfrentando uma Emergência Climática. Décadas de crescentes emissões de carbono estão prejudicando os sistemas naturais e sociais dos quais a humanidade depende, ameaçando uma devastação ecológica e humana incalculável se não agirmos a tempo (#AgirATempo). A boa notícia é que ainda há tempo.

A página é repleta de referências aos *deadlines*, *lifelines*, *emergências* e ao tempo que falta até ser *tarde demais*. Atualmente, segundo o relógio disponível no site, faltam 4 anos e 120 dias para que sejamos incapazes de *reverter* o estrago. O *site* enumera diversas atitudes a serem tomadas para que seja possível manter a situação *como está*: a adoção de energia renovável, a garantia de soberania para terras indígenas, que os custos dos impactos climáticos sejam pagos pelo grupo G20, que dinheiro seja doado para o fundo *Green Climate*²⁴⁹, que mitiga situações de crise climática ao redor do globo, paridade de gênero nos parlamentos e desinvestimento em combustíveis fósseis. Estas atitudes a serem tomadas, no entanto, se identificam mais com um eco-modernismo moderado, reformista e conformista. Krenak afirma que este mundo que vivemos “tem um esquema tão violento que eu queria mais é que ele desaparecesse à meia-noite de hoje e que amanhã a gente acordasse em um novo”

250 .

Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, à vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia da finitude. Não vamos deixar de morrer ou qualquer coisa do gênero, vamos, antes, nos transfigurar, afinal a metamorfose é o nosso ambiente, assim como das folhas, das ramas e de tudo que existe²⁵¹.

O segundo trecho significativo do livro *Apocalipse* é o dos quatro cavalheiros do apocalipse: a conquista, a guerra, a fome e a morte. Aníbal Quijano²⁵² pensa em quatro domínios da matriz colonial de poder: controle da economia, da autoridade, do

²⁴⁹ DISPONÍVEL EM: <https://www.greenclimate.fund/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

²⁵⁰ KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 40.

²⁵¹ *Ibidem*. p. 43.

²⁵² QUIJANO, Aníbal. Coloniality and Modernity/Rationality. *Cultural Studies*, v. 21, n. 2–3, 1992. p. 22-32.

gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade. Embora a imagética que Quijano invoque para tais domínios seja a de um demônio com quatro cabeças, creio eu que estes podem ser pensados como os quatro cavalheiros do apocalipse colonial. A matriz colonial, para Mignolo²⁵³, tem como fundação histórica a própria teologia: foi a teologia cristã que criou as distinções entre cristãos, mouros e judeus no próprio “sangue”. Assim, a Primeira Grande Extinção Moderna, como chamam Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro²⁵⁴, “a maior catástrofe demográfica da história” tem seu lugar entre os apocalipses da vida real. O fim do mundo para os povos ameríndios deu início ao mundo moderno europeu: “[s]em o saque das Américas, não haveria capitalismo, nem, mais tarde, revolução industrial, talvez nem mesmo, portanto, o Antropoceno”²⁵⁵.

Em *World War Z*²⁵⁶, o tema da emergência está presente durante o filme todo. A obra é construída sobre um senso de urgência através das cenas rápidas, trilha sonora e atuação. Antes dos primeiros 15 minutos de filme, a construção da cena conta com um áudio de rádio de uma criança contando, e sua contagem se sobrepõe às imagens de um homem infectado se transformando. A contagem chega ao número doze ao mesmo tempo que vemos um primeiríssimo primeiro plano dos olhos esbranquiçados do novo zumbi.

Em uma das salas de controle do exército, o protagonista Gerry – um investigador da ONU²⁵⁷ – observa os painéis com números e projeções que crescem rapidamente enquanto escuta a argumentação do virologista de Harvard Dr. Fassbach sobre a origem do caos: “só pode ser viral, não há alternativa plausível”²⁵⁸.

²⁵³ MIGNOLO, Walter D. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham, Londres: Duke University Press, 2011.

²⁵⁴ DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2017. p. 142.

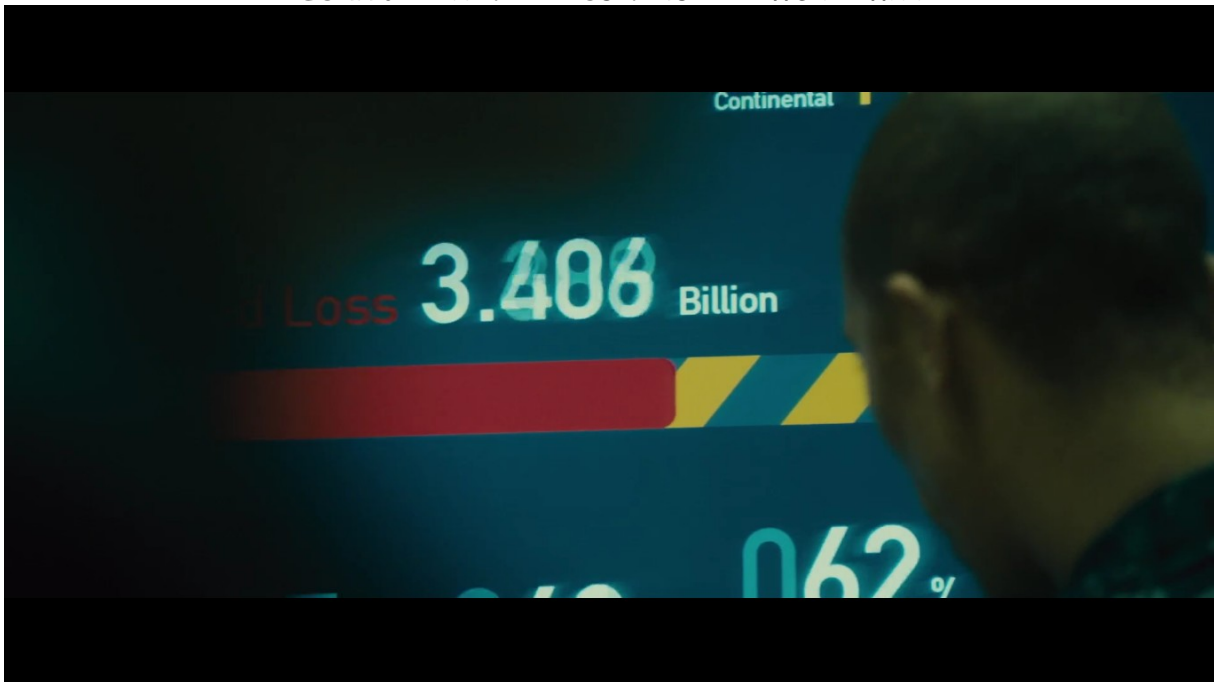
²⁵⁵ *Ibidem*. p. 145.

²⁵⁶ *WORLD War Z* (Guerra Mundial Z). Dir. Marc Forster. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2013 (116 min.).

²⁵⁷ Organização das Nações Unidas.

²⁵⁸ *WORLD War Z* (Guerra Mundial Z). Dir. Marc Forster. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2013 (116 min.). Min. 00:30:54-00:31:00.

FIGURA 04 – PAINEL DE CONTROLE DE WORLD WAR Z



FONTE: *World War Z*²⁵⁹

A *corrida* então, para achar o epicentro da pandemia e encontrar uma vacina, começa. Na Palestina, Gerry salva um soldado israelense decepando sua mão antes do final da contagem até 12. Em Cardiff, na sede da OMS²⁶⁰, o próximo destino do protagonista, Gerry testa a hipótese de que os hospedeiros do vírus – os zumbis –, evitam pessoas doentes. A teoria se prova verdadeira e nosso herói devolve a humanidade à humanidade.

Uma emergência no sentido de urgência é a crise – ou mutação, lembrando Latour²⁶¹ – ambiental, como foi visto acima. Mas em um outro sentido, pode ser uma crise política, como o episódio *Homecoming*, da série *Masters of Horror*²⁶², mostra. Nele, os soldados mortos em guerras ou veteranos mortos pelo descaso governamental voltam como zumbis. Não porque querem vingança, ou matar os vivos, mas porque querem impedir a reeleição do presidente estadunidense,

²⁵⁹ *Ibidem*. Min. 00:30:24.

²⁶⁰ Organização Mundial da Saúde.

²⁶¹ LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu, 2020.

²⁶² HOMECOMING [temporada 01, episódio 06]. *Masters of Horror* [seriado]. Dir. Joe Dante. Rot. Mick Garris, Sam Hamm e Dale Bailey. Estados Unidos: Anchor Bay Entertainment, 2005 (56 min.).

expondo as manipulações midiáticas e as mentiras políticas que sustentaram as guerras travadas pelo império norte-americano. Os zumbis aparecem todos uniformizados e muitos carregam equipamentos de auxílio à locomoção. Na primeira aparição de um morto-vivo no episódio, ele carrega uma muleta, o que torna o seu passo mais desajeitado que o de um zumbi normal. Os soldados retornados ainda dirigem seus caminhões militares, mas também, de forma hilária, retornaram para votar nas eleições.

O escritor dos discursos presidenciais David vai à televisão para debater com Jane e Marty, o apresentador, que entrevista durante a programação uma mãe de um soldado morto, que conta sobre como perguntou ao presidente os motivos pelos quais o filho dela havia morrido, já que as supostas armas de destruição em massa e o suposto programa nuclear do inimigo, os motivos para o início da guerra, não existiam de fato. David conta à mulher que seu irmão mais velho morreu na Guerra do Vietnã e que se tivesse apenas um desejo, seria que todos os jovens estadunidenses mortos na guerra retornassem. A próxima cena, em um bar, mostra David impressionando Jane com suas habilidades e truques de manipulação.

A ironia é que os veteranos realmente retornam. E embrulhados nas bandeiras que cobriam seus caixões. Os mortos-vivos dirigem-se, pouco a pouco, às cabines de votação antecipada, com seus colares de identificação, votam e caem, definitivamente mortos, ao chão. No mesmo programa televisivo do início, os aliados do presidente concorrendo à reeleição, acreditando que o fenômeno é um gesto divino de suporte ao presidente, elaboram discursos inflamados: “[n]em a morte parará a marcha para a liberdade!”²⁶³. Eventualmente, os funcionários da campanha de reeleição entendem que os zumbis querem votar “em qualquer um que termine essa terrível guerra”²⁶⁴, e o que era um sinal divino, agora são “demônios”, “enviados de Satã” saídos das

²⁶³ *Ibidem*. Min. 00:28:49-00:28:52.

²⁶⁴ *Ibidem*. Min. 00:31:22-00:31:32.

portas do inferno. O direito ao voto, antes defendido, agora deve ser limitado “pela capacidade cerebral” das criaturas.

O episódio também faz um comentário sobre a situação de vida dos veteranos de guerra dos Estados Unidos, que sofrem de problemas como falta de moradia, desemprego, problemas de saúde e de saúde mental decorridos da guerra e abuso de substâncias, quando um casal dono de uma lanchonete reconhece um dos veteranos zumbis da chuva, oferecem uma coberta e fazem um discurso sobre o filho deles que também está combatendo. Ainda, o espectador descobre que o irmão de David, supostamente morto no Vietnã, foi dispensado e morreu, assassinado pelo irmão, ainda criança, que tinha encontrado a arma²⁶⁵ que seria usada para o suicídio do veterano.

É claro que é a urgência e eficácia de uma eleição são discutíveis, mas o zelo pelo mito da democracia estadunidense afeta seus habitantes, mesmo os mais críticos das políticas internas e externas do império. Os comentários do episódio sobre a crise política ainda acabam sendo uma ferramenta de expressão de um sentimento patriótico de proteção da democracia a qualquer custo, até os últimos minutos, quando o presidente é reeleito – sem contar os votos dos veteranos mortos-vivos – e um grito de agonia generalizado é ouvido: dessa vez, os mortos de guerra voltavam para lutar. O país termina dominado pelos “verdadeiros” patriotas, que instauraram a paz e acabaram com todas as guerras.

²⁶⁵ Este é outro comentário interessante sobre a política armamentista estadunidense.

6 DESSUBJETIVAÇÃO

Que há uma dessubjetivação na transformação zumbi, creio que ninguém discordaria. O que eu pretendo é estabelecer uma diferença entre uma dessubjetivação positiva – ou seja, uma voltada para a multiplicidade – e uma dessubjetivação negativa – voltada para a uniformização e mesmidade. Suely Rolnik²⁶⁶ estabelece dois pólos da “micropolítica antropofágica” – termo cuja proximidade com a *lore* dos zumbis não poderia ser maior –: um reativo e um ativo. O primeiro, a autora escreve, “cria um terreno fértil para a incorporação acrítica da política de produção de subjetividade introduzida pelo capitalismo contemporâneo”²⁶⁷.

Essa subjetivação negativa, ou reativa, engendra uma dessubjetivação positiva, ou ativa, na qual há uma busca pelo dismantelamento de uma identidade projetada pelo e para o capitalismo e, nesse caso, a dessubjetivação corre em busca da multiplicidade, de ser outro, diferente ou ainda, muitos outros e diferentes ao mesmo tempo. Enquanto os zumbis tradicionais são vistos como ruins pelo senso comum pois a subjetividade, a “identidade”, nesse caso, é tida como positiva, eu quero investigar o inverso desse silogismo: se a subjetividade capitalista é reativa, então a dessubjetivação promovida pelos zumbis simbiontes seria, portanto, ativa, essencialmente positiva, voltada para a multiplicidade. Em cada seção, uma lente será usada.

É até possível pensar em uma noção de história: no início da história, com o homem pré-histórico, houve um longo processo de dessubjetivação, fixando os indivíduos nas ordens do poder o docilizando para o trabalho e a servidão, produzindo nele necessidades novas, uma (des)subjetivação negativa. Agora, na pós-história, no pós-apocalipse, há de se pensar um fim da forma-sujeito como ela vem sendo moldada há dezenas de séculos: uma (des)subjetivação positiva.

²⁶⁶ ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: N-1, Hedra, 2021.

²⁶⁷ *Ibidem*. p. 23.

6.1 Dessubjetivação negativa

Encontramos Ben à frente de uma casa rural no interior da Pensilvânia, EUA, saído de sua caminhonete, ainda com as luzes acesas. O personagem é um homem negro, alto, vestido com uma camiseta, uma camisa e um suéter leve, todos em cores claras. Imediatamente, Ben salva Barbra, que está em estado catatônico, de ser atacada por um zumbi. Dentro da residência, Ben prossegue para vedar a casa com tapumes improvisados. A trama de *Night of the Living Dead*²⁶⁸ se desenrola, com um grupo já formado de ainda sobreviventes, liderados por Harry Cooper, um arrogante senhor branco de colarinho branco, saindo do porão. Rapidamente Ben e o novo personagem antagonizam, discutindo qual seria o melhor lugar para se refugiarem.

Harry age de forma desprezível, sabotando as tentativas de Ben de sobreviver. Uma curiosidade sobre este filme, de 1968, é que Ben, um personagem negro, agride Harry, um personagem branco e esta é a primeira agressão com este arranjo racial representada no cinema. Gosto de pensar – e talvez não esteja errada – que Ben é o primeiro herói negro do cinema: a construção do filme é projetada para simpatizarmos com ele, e não com Harry. Sua subjetividade ficcional fica cada vez mais complexa e isto deixa o final do filme amargo: depois de ser o único sobrevivente de todos os personagens daquela casa, Ben ouve barulhos de pessoas e tiros e sai do porão para observar. Um dos membros de uma milícia *redneck*²⁶⁹ que caçava zumbis o enxerga na janela e o mata. O filme termina com cenas do cadáver de Ben sendo queimado e vilipendiado.

George A. Romero não admite ter escalado Duane Jones com o propósito de fazer um comentário racial sobre os EUA pós-Jim Crow. Ele escreve na introdução de *The Magic Island*:

²⁶⁸ *NIGHT of the Living Dead* (Noite dos Mortos Vivos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Image Ten, 1968 (96 min.).

²⁶⁹ O termo *redneck*, nos EUA, refere-se a trabalhadores rurais brancos de perfil conservador, muitas vezes associados à resistência a valores urbanos e progressistas.

Seria um final igualmente irônico se, como John e eu idealizamos, Ben, o inabalável herói, fosse branco, e depois de lutar durante uma noite de terror, fosse baleado pelas pessoas que ele esperava que o salvassem, mas quando Ben é negro, até eu sou obrigado a ver as conotações raciais²⁷⁰.

O sucesso entre a população negra estadunidense foi tão grande que Romero passou a escalar atores negros para personagens fortes masculinos²⁷¹ em todas as suas futuras produções de zumbis²⁷². Mas estou divagando, vamos ao que interessa: Ben não vira zumbi, mas tem arrancada de si sua subjetividade ainda vivo e mesmo depois de morto: reduzido a uma pilha de corpos pela cor de sua pele. Aprofundando ainda mais: Ben foi dessubjetivado por tecnologias discursivas hegemônicas. É esta dessubjetivação que quero investigar nessa seção: é um processo similar à subjetivação negativa, o outro lado da moeda.

Para Foucault, a identidade do indivíduo não é construída apenas por ele mesmo, mas sim por todos os discursos vigentes que o rodeiam. Foucault fez um trabalho em *A arqueologia do saber*²⁷³, *Os anormais*²⁷⁴, *História da Sexualidade*²⁷⁵ e *Vigiar e Punir*²⁷⁶ de mapear a origem, constituição e influência dos discursos em diversas esferas: médica, analisando os discursos constituintes da loucura; religiosa/moral, analisando os discursos constituintes da sexualidade; e pedagógica/empresarial/hospitalar/militar, analisando os discursos e práticas de controle e docilização do corpo.

²⁷⁰ ROMERO, George A. Introduction. IN: SEABROOK, W. *The Magic Island*. Mineola/Nova Iorque: Dover, 2016. p. xix, tradução minha.

²⁷¹ É uma pena que Romero tenha sido incapaz de retratar mulheres diversas em seus filmes. Se a presença feminina já vem num envelope fragilizado em seus filmes, personagens mulheres negras são inexistentes.

²⁷² *Martin* (1977) e *Creepshow* (1987), outras duas aclamadas produções de terror de Romero, não têm atores negros. Cf. *MARTIN*. Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Laurel Productions, Braddock Associates, 1977 (95 min.) & *CREEPSHOW* (Creepshow: Arrepio do Medo). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: United Film Distribution Company (UFDC), Laurel-Show Inc. 1982 (120 min.).

²⁷³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

²⁷⁴ *Idem*. *Os anormais*: Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

²⁷⁵ *Idem*. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

²⁷⁶ *Idem*. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2009.

Esses discursos, para Foucault, fazem parte de um processo de descentralização do sujeito, algo que, por um lado, poderia fornecê-lo a possibilidade de ser sempre outro – o que me leva à hipótese da segunda seção deste capítulo –, mas que, sobretudo, o preenche pela intensidade das definições vigentes de bom servidor, bom cristão, bom estudante, bom doente, que o impedem de pensar e viver de forma autônoma, já instaurando um enfraquecimento e desvinculação do sujeito com si mesmo. Nesse sentido, uma política pode demandar a dessubjetivação do sujeito, como no cenário extra e intra-diegético de *Night of the Living Dead*: do lado de fora, as leis Jim Crow; do lado de dentro, Ben sendo assassinado por uma milícia de *rednecks*.

Assim, a própria sobrevivência no pós-apocalipse zumbi produz uma dessubjetivação, ainda que mais crua. Ou se está sob as ordens do líder – como Rick Grimes afirma em *Beside the Dying Fire*²⁷⁷: “isso não é mais uma democracia” –, ou se está isolado, *gone rogue*, sujeito à ação dos zumbis e dos grupos sobreviventes inimigos – como o fim de Ben bem representa. Não há tempo para o cuidado de si para além do cuidado de si. Quando o sujeito, ainda que recheado de imposições discursivas, falha em as reproduzir, ocorre um processo de dessubjetivação superposto: o dismantelamento dos laços sociais, por esgotamento ou desgosto de si e dos outros. O desgosto de si, engendra, por sua vez, um distanciamento de si, outra dessubjetivação.

Há formas de resistir a essa dessubjetivação. E Klossowski²⁷⁸ tangencia uma quando pergunta se a existência filosófica não seria uma “evasão”, “um meio de sair do jogo”: “[e] é verdade que quem vive dessa maneira, isolado e com toda simplicidade, escolheu o melhor caminho para seu próprio conhecimento?”²⁷⁹.

²⁷⁷ BESIDE the Dying Fire [temporada 02, episódio 13]. *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Ernest Dickerson. Rot. Robert Kirkman, Glen Mazzara. Estados Unidos: AMC, 2011 (43 min.).

²⁷⁸ KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche y el círculo vicioso*. Trad. Roxana Páez. Buenos Aires: Altamira, 1995.

²⁷⁹ *Ibidem*. p. 15, tradução minha.

Certamente Jack Kerouac²⁸⁰ e Henry David Thoreau²⁸¹ afirmariam que sim. Vou chamar essa alternativa de “manutenção de subjetividade por evasão social”. Deleuze & Guattari²⁸² abordam outra, a forma *esquizo-revolucionária*: se o capitalismo busca territorializar o indivíduo e todas as partes que o compõem, a solução é desterritorializar. Parece que para a dupla, o caminho é acatar em partes a dessubjetivação – esquizo – para subvertê-la – revolução –, seguir os *fluxos* do desejo, negando também uma identidade fixa. A isso eu poderia dar o nome de “dessubjetivação por evasão molecular”. Quero falar mais dela na próxima seção. À terceira forma, dou o nome de “subjetivação por reforço de identidade”, que a mim remete ao próprio cuidado de si foucaultiano.

No diálogo *Primeiro Alcebíades*²⁸³, de Platão, Sócrates convence Alcebíades a cuidar da própria alma, que ao contrário do corpo ou ainda da junção entre corpo e alma, seria responsável pelo governo de si. Isso seria alcançado pelo conhecimento – ou autoconhecimento – da parte mais divina da alma: naquela em que reside a virtude específica da inteligência. A busca por uma vida virtuosa e sábia e a fuga da condição servil e do vício seria o caminho para se conhecer de fato.

No entanto, Sócrates aconselha Alcebíades, o conduzindo pelas questões sobre conhecimento e autoconhecimento de forma que Alcebíades encontre seu objetivo: o de se tornar um bom governante. A meta do discípulo, ainda que na época fosse, não é uma meta realmente despreendida, “nobre”: cuidar de si para ser uma pessoa melhor, mais justa, mais virtuosa, mas cuidar de si porque a virtuosidade o levaria ao

²⁸⁰ Jack Keroauc, escritor estadunidense do movimento *beatnik* – caracterizado por jovens anticonformistas –, mantinha viagens frequentes regadas a álcool e drogas, aceitou um emprego como guarda-florestal e mais tarde, isolou-se em uma colina em um casebre sem energia elétrica ou janelas por um período.

²⁸¹ Henry David Thoreau, pensador estadunidense que escreveu sobre filosofia, história, ecologia e ético-política, autor de *A Desobediência Civil*, obra que publicou após ter sido preso por sonegar impostos, viveu dois anos em uma cabana às margens do lago Walden como protesto político.

²⁸² DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2011.

²⁸³ PLATÃO. *Primeiro Alcebíades*. IN: *Diálogos*. Vol. V: Fedro, Cartas, Primeiro Alcebíades. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1975.

poder. Dessa forma, para Foucault, o cuidado de si helenístico e romano toma ares de “individualismo”, preocupação exclusiva com a conduta pessoal.

O filósofo indaga-se se tal consideração excessiva haveria enfraquecido a vida política, a reservando apenas às camadas mais desocup...²⁸⁴ ricas da população. O francês também elabora que este cuidado de si platônico poderia ter sido o legador do movimento moderno de culto à racionalidade – *Regras para a direcção do espírito*²⁸⁵, de René Descartes, é um exemplo dessa hipótese. Em Foucault, esse cuidado de si antigo, estudado em profundidade em *A Hermenêutica do Sujeito*²⁸⁶, é remodelado.

Essa cultura de si torna-se um preceito e uma atitude, aperfeiçoados por meio de procedimentos, práticas e receitas que foram refletidas, ensinadas e desenvolvidas²⁸⁷. No passar da régua, o cuidado de si foucaultiano é, sobretudo, um duelo de poder sobre a subjetividade: o eu deve estar forte a fim de não deixar o sistema, o maquinário capitalista exercer essa construção de subjetividade sobre o indivíduo. Ainda, Foucault ressalta em *Cuidado de si*²⁸⁸, que não se trata apenas do cuidado de si apenas sobre a alma, mas também sobre o corpo e seus prazeres.

Em *The Battery*²⁸⁹, os amigos Ben e Mickey, dois fãs de beisebol, tentam sobreviver ao apocalipse zumbi dessa forma: cuidando da alma, dos prazeres, do corpo. Enquanto Mickey vive conectado a um *walkman*, confundindo a trilha diegética e extra-diegética, Ben passa suas tardes pescando e praticando esportes. Uma cena especialmente movente é quando a dupla encontra a casa da namorada de Mickey, que está desaparecida. Vemos o personagem sentado em um quarto

²⁸⁴ Foucault fala especificamente sobre a necessidade de tempo para isso. Cf. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 8.ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 56.

²⁸⁵ DESCARTES, René. *Regras para a Direcção do Espírito*. Trad. João Gama. Lisboa: 70, 1985.

²⁸⁶ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*: Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

²⁸⁷ *Idem*. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 8.ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 50.

²⁸⁸ *Ibidem*.

²⁸⁹ *THE Battery* (Ben & Mickey Contra os Mortos). Dir. Jeremy Gardner. Estados Unidos: O. Hannah Films, 2012 (101 min.).

aparentemente feminino, e enquanto ele explora as gavetas, ouvindo um CD achado no quarto, o vemos espirrar um perfume no ar e apreciá-lo, além de guardar uma peça de roupa da namorada no bolso. Ben, enquanto isso, se deleita com as ferramentas e utensílios encontrados na garagem. Os dois escovam os dentes, apoiados no carro, com pasta e escovas encontradas na casa.

Enquanto Mickey anseia por contato físico e conforto, filmes, música, uma família e se encontra profundamente carente, reclamando de não ter visto outra pessoa outra que Ben por meses, a sua dupla está confortável na vida de sobrevivente, pensando em maneiras de sobreviver um dia depois do outro. Mais adiante, Mickey dorme no carro enquanto Ben se banha na cachoeira. Uma zumbi jovem se aproxima do carro fechado e o ocupante acorda, em um primeiro momento aterrorizado, mas a sua carência é tanta que ele começa a se masturbar²⁹⁰. Depois, quando ficam presos no mesmo carro por meses, cercados de zumbis, Mickey sai para tentar encontrar a chave do veículo perdida, enquanto o espectador acompanha o desespero do resistente Ben, mais apreensivo a cada segundo pela segurança de seu companheiro.

A cena final de *Cargo*²⁹¹, construída sobre a luta de Andy para prover segurança à sua filha bebê e para manter-se *subjetivado* até levá-la a um ponto seguro também trabalha com os sentidos do corpo. Neste universo, a transformação entre o momento da mordida e a dessubjetivação completa é de 48 horas, então depois de Andy ser mordido por sua esposa nos estágios finais da infecção, ele apresenta sinais progressivos. O seu encontro com a menina Thoomi, indígena, que cuida de seu pai já transformado na esperança de devolvê-lo a alma, gera diálogos interessantes e incorre no desejo de Andy de entregar sua filha à comunidade de Thoomi.

²⁹⁰ Há um questionamento pessoal meu em relação à objetificação feminina que persiste mesmo após a transformação zumbi e filmes como *Deadgirl* (2008) representam com angustiante perfeição esse processo. Contudo, essa cena, construída de forma cuidadosa e sensível, demonstra outro aspecto. Cf. *DEADGIRL (A Menina Morta)*. Dir. Marcel Sarmiento e Gadi Harel. Estados Unidos: Deadlydoll, Hollywoodmade, 2008 (101 min.).

²⁹¹ *CARGO*. Dir. Ben Howling e Yolanda Ramke. Austrália: Addictive Pictures, Causeway Films e Head Gear Films, 2017 (105 min.).

Nos momentos finais da sua transformação, Andy amarra um pedaço de carne em putrefação na ponta de um galho, veste a mochila de bebê com sua filha e Thoomi monta igualmente em suas costas, carregando o galho que guiaria Andy zumbi até a nova comunidade de sua filha. No encontro, muito comovente, Thoomi impede seus parentes de matarem Andy, puxa um perfume que era de Kay, esposa do homem, e borrifa o aroma perto dele, já transformado. O zumbi parece recobrar parte de sua vida anterior, muito sutilmente. Thoomi acena e Andy é finalmente morto.

Ambas as mídias representam os sentidos, sobretudo o olfato com os perfumes das cônjuges de Mickey e Andy, como capazes de produzir um cuidado de si que se assemelha, guardadas as devidas proporções, ao cuidado de si foucaultiano: ainda que a alma os tenha deixado, como crê Thoomi em relação a seu pai, tanto o sobrevivente quanto o zumbi, os sentidos podem carregar uma produção, manutenção ou retomada de subjetividade que atrase a infecção..

Mas no caso de Sam, o protagonista de *The Night Eats the World*²⁹², mesmo a sua paixão por música e acesso a instrumentos musicais e fitas cassete, após ficar isolado em um apartamento em Paris, são suficientes para conter a sua dessubjetivação, não como infectado zumbi, mas enlouquecido pela solidão. Os seus monólogos com o zumbi preso no elevador, Alfred, as alucinações que envolvem uma segunda sobrevivente baleada acidentalmente por ele e o risco que ele impõe sobre a própria vida ao tentar se aproximar de um gato na rua, ou ainda quando decide atrair os zumbis tocando bateria, são atestados de sua sanidade mental deteriorada pelo isolamento. É simbólico que Sam queime suas fitas cassete antes de libertar Alfred, deixar o prédio, ser perseguido por uma horda e contemplar o horizonte parisiense, incerto do futuro mas certo de que não deseja mais o isolamento: mesmo o cuidado de si falha, e toda a arte do mundo não consegue compensar a solidão do isolamento.

²⁹² *THE Night Eats the World* (A noite devorou o mundo). Dir. Dominique Rocher. França: Haut et Court, Canal+ e Ciné+, 2018 (93 min.).

6.2 Dessubjetivação positiva

Se a cooperação intra-espécies é necessária para apagar a forma-sujeito moderno-capitalista, isto é, se a espécie humana deve unir-se para revolucionar a forma-sujeito, a cooperação inter-espécies – uma união ecológica da espécie humana às demais espécies – é também essencial, de modo que, diante de infinitas simbiogêneses, é inevitável o surgimento de zumbis simbiotes humano-fungos, humano-bactérias ou humano-vírus. É necessário *involuir*²⁹³ subjetivamente e *evoluir* corporeamente. Esse caminho é em partes, inverso, em partes sincrônico ao tratado na seção anterior.



FONTE: Da autora (2024).

O conceito de evolução, como já explicitiei, se relaciona muito mais ao conceito de adaptação do que ao conceito de evolução neoliberal ao qual a teoria darwiniana foi relacionada posteriormente. Nesse sentido, subjetivação positiva – como vimos na seção anterior – e dessubjetivação positiva são duas etapas – talvez nem etapas separadas por rupturas, mas um certo jogo entre dessubjetivação e subjetivação na tentativa de reestabelecimento de si ou de subversão da subjetivação normativa dos discursos – do mesmo processo:

Suely Rolnik²⁹⁴ aponta para a possibilidade de cooptação capitalista das potências subjetivas criadas pelas hibridações de mundo, dissoluções de hierarquias globais e “ilusões” de estabilidade e identidade, elas todas alimentadas pela liberdade experimentalística, flexibilidade e irreverência. Para a autora, essas qualidades

²⁹³ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol. 04. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: 34, 2012.

²⁹⁴ ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: N-1, Hedra, 2021.

refinariam a perversão do regime, que instrumentaliza a vida a serviço do capital acumulado. Petit²⁹⁵ considera que o rechaço da realidade – enquanto identificada em sua totalidade com o capitalismo – abre caminho para pensar saídas ao próprio capitalismo – que aqui caracterizo como discurso subjetivante, sistema, norma, etc. Nesse sentido, a figura do zumbi – com tantas contradições e inteiramente desidentificada com a realidade, por ser, sobretudo, ficção – tem sua importância. Aqui, o que tem importância é justamente a saída deleuzo-guattariana da *esquizo-revolução*.

A identificação entre capitalismo e realidade tem como efeito converter a vida em autêntica forma de domínio. Mas, se a vida funciona como uma verdadeira forma de domínio, a própria vida se transforma em um campo de batalha. Hoje, a vida é o campo de batalha²⁹⁶.

É assim que o filósofo oferece a noção de raiva contra a própria vida, uma rejeição do mundo não enquanto negação ontológica, mas negação da realidade causada por esta. O ódio cria uma linha de separação entre o que se quer viver e o que não se quer viver. “Porque odiar a própria vida é a única maneira de mudá-la. Esse ódio que liberta o querer viver da nossa vida que tenta aprisioná-lo é o ódio livre”²⁹⁷. Assim, o ódio à subjetivação capitalista abre o caminho para uma dessubjetivação ativa.

Para Petit, a concepção tradicional de modernidade oferece uma imagem racionalista do mundo, que gera a dualidade do sujeito vs. objeto, implicando uma distância entre a humanidade e o mundo como conceito ontológico. A modernidade em si própria considerou-se uma crise, pensando-se arruinante da ordem tradicional. Petit, corroborando Bruno Latour²⁹⁸, considera o termo “crise” inadequado: enquanto o primeiro pensa que o que acontece atualmente é uma constante “fuga para a

²⁹⁵ PETIT, Santiago López. *Breve tratado para atacar a realidade*. São Paulo: sobinfluencia, 2023.

²⁹⁶ *Ibidem*. p. 18.

²⁹⁷ *Ibidem*. p. 14.

²⁹⁸ LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu, 2020a.

frente”, o segundo pensa, no contexto da “crise” climática, que o termo apropriado é “mutação”. Os pensamentos conversam ainda mais quando *Onde aterrar?*²⁹⁹ entra: Latour considera que há um atrator “fora do mundo” – uma constante “fuga para a frente” (ou *para cima*).

Este *progresso*, esta fuga para frente, colapsa as percepções de espaço-tempo, que, para Petit, são determinadas e impostas pelas distribuições do conjunto capital-poder. Contudo, tais ficções têm o mesmo *status* que a realidade, e portanto, são “a realidade que há”³⁰⁰. O cuidado de si – se é que podemos chamá-lo assim – de Petit se exprime na forma de “pensar contra o pensar”³⁰¹: movimentar uma unilateralização já conhecida. “[a]catar em partes a dessubjetivação – esquizo – para subvertê-la – revolução”. Parece que não se trata apenas de subverter os discursos subjetivantes normativos, mas também, produzir discursos sobre esse maquinário.

Petit opera uma crítica no sentido da potencialização do sujeito pela união entre intuição empírica e conhecimento *a priori*. O pensamento moderno, então, *realiza* o sujeito transcendental, que Petit chama de “rede de redes” e “sociedade em rede”, e portanto, globalização. Este *globalitarismo* produz uma “monocultura tecnoespírita da espécie”³⁰². E já que falamos de território global, Rolnik³⁰³ afirma que a experiência do sujeito identificada com a realidade restringe-se aos limites cartográficos, os naturalizando junto com sua autoimagem.

Contra isso, há duas soluções – dentro do contexto do quase inescapável capitalismo – que estão conectadas: a) a política noturna e; b) a política do anonimato. A primeira vem em oposição à política *iluminista*, em um antagonismo simples entre luz e sombra; a segunda vem de três maneiras distintas: vivenciar o anonimato, vivenciar o poder do anonimato e apropriar-se do poder do anonimato. A

²⁹⁹ *Idem*. *Onde aterrar?* Como se orientar politicamente no Antropoceno. Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.

³⁰⁰ PETIT, Santiago López. *Breve tratado para atacar a realidade*. São Paulo: sobinfluencia, 2023. p. 61.

³⁰¹ *Ibidem*. p. 63.

³⁰² DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *O passado ainda está por vir*. São Paulo: N-1 Edições, 2023. p. 05.

³⁰³ ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: N-1/Hedra, 2021.

política noturna favorece esta terceira relação. Os zumbis são a própria força do anonimato: ainda que lembrem, aqui ou ali, de traços de personalidade – identidade, subjetividade, individualidade, etc... –, serão sempre um coletivo, uma massa, uma horda³⁰⁴.

Parece-me que quando Petit afirma que a *vida* se tornou campo de batalha, é a própria subjetividade que está em jogo, apropriada pelo Capital, como reforça Rolnik³⁰⁵. O capitalismo assenhoreou-se da individualidade e da subjetividade, e, com a globalização, a *internet* e as redes sociais, inviabilizou o anonimato. Quando o autor se refere à apropriação do poder do anonimato, não se trata *exatamente* da anulação da subjetividade, mas da impossibilidade de reconhecimento – no sentido mais superficial da palavra – alheio. Ambas podem evocar os zumbis: sem subjetividade, sem capacidade de reconhecimento. O zumbi dialoga com as soluções propostas por Petit: é a representação total do anonimato. Não *se* reconhece e não reconhece outrem.

Considerar este indicador como o sinal de alerta pulsional implica que a subjetividade de desapegue dos territórios aos quais está habituada, conquistando a liberdade de circular por diferentes tipos de mundo e seus diferentes repertórios, fazer outros agenciamentos e, com eles, estabelecer outros territórios com suas respectivas cartografias³⁰⁶.

Assim, é possível pensar que o anonimato, sugerido por Petit, seja o caminho possível para a evasão da subjetivação negativa, explorada por Rolnik. Se em Foucault o maquinário agia na função primária de dessubjetivação, aqui ele age na função básica de subjetivar o sujeito de acordo com uma norma apropriada. Nesse sentido, subjetivação negativa e dessubjetivação negativa operam no mesmo eixo. E se, para Foucault – e talvez Klossowski –, o caminho era um reforço da subjetivação positiva,

³⁰⁴ Bando de pessoas indisciplinadas, de malfeitores causadores de tumulto. FONTE: <https://www.dicio.com.br/horda/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

³⁰⁵ ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: N-1, Hedra, 2021.

³⁰⁶ *Ibidem*. p. 50.

aqui ele é a dessubjetivação positiva: quanto menos dizem sobre mim e menos penso que sou de maneiras determinadas, mas livre e múltiplo sou.

Toma corpo uma subjetividade muito mais seriamente anestesiada em sua capacidade vibrátil e, com isso, muito mais fortemente dissociada da presença viva do outro a constituir seu próprio corpo. Uma espécie de “antropofagia zumbi”: a vitoriosa atualização contemporânea do polo reativo do ideário modernista³⁰⁷

Embora eu concorde quase que inteiramente com a argumentação de Rolnik, especialmente no que diz respeito à subjetivação negativa, os zumbis, para a autora, são apenas uma figura da subjetivação negativa, de forma que a figura é tratada em toda a sua totalidade e multiplicidade como um não-ser, ou ainda, um ser sem ontologia. E na busca de multiplicidades, não se deve negar uma ontologia a nenhum ser, fictício ou real – e o que é o real?

Em *Revolução é meu nome*³⁰⁸, o protagonista se transforma, mas percebe que ainda está consciente: “[o] que eu vou fazer agora? Minha vida acabou? Mas como? Espera aí, como eu estou pensando? Como a minha consciência ainda está comigo? Bem, a fala se foi, mas a consciência está aqui! Penso, logo existo!”³⁰⁹. O clichê do *shopping* se apresenta e ele pergunta: “[q]uem sou eu?”³¹⁰.

Ele então, em seu estado zumbificado, chega a uma conclusão: que os zumbis sempre foram tratados como monstros, mas que eram apenas o humano em sua forma mais verdadeira. Que o medo humano natural do que é diferente havia impedido os sobreviventes de perceber que os zumbis eram o próximo passo da cadeia evolutiva. É similar à minha percepção, e não vou negar que nesta HQ, parece uma ideia perigosa, de supremacia. Isso passa longe, é claro, do que estou propondo aqui. O zumbi não é um humano melhorado, porque se livrou das amarras da forma-sujeito, mas é múltiplo: não há melhor, não há pior. Há diferença.

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 84.

³⁰⁸ ZANETIC, Tiago P., TCHABA, Victor. *Revolução é meu nome*. IN: FERNANDES, Raphael. *Fome dos mortos*. São Paulo: Draco, 2016. p. 71-82.

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 74.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 75.

Ainda, os exemplos que ilustram também essa seção foram explicitados em outras partes, no entanto, como forma de não deixar-los escaparem: Melanie, Ellie, Alicia. O trio do apocalipse da forma-sujeito.

7 MUTAÇÃO

- Dr. Neuman também é epidemiologista. A chance de uma pandemia viral também o preocupa?
- Não.
- Não? Por hoje é só!
- A humanidade combate os vírus desde sempre. Às vezes milhões de pessoas morrem, como numa guerra, mas, no fim, nós sempre vencemos.
- Mas acha que os micro-organismos são uma ameaça?
- Sim, de forma extrema.
- Bactéria?
- Não.
- Gosta de dizer “não”.
- Sim.
- Nem bactéria, nem vírus, então...
- Fungo.
- (risadas)
- É a reação habitual. O fungo parece inofensivo. Outras espécies discordam. Alguns fungos não buscam matar, mas controlar. Uma pergunta: De onde vem o LSD?
- Onde é que arruma?
- Vem do esporão-do-centeio, um fungo. Psilocibina, um fungo também. Os vírus nos adoecem, mas os fungos podem alterar nossa mente. Há um fungo que infecta insetos. Pode entrar em uma formiga, percorrer o sistema circulatório dela, ir até o cérebro³¹² e enchê-lo de alucinógenos, controlando a mente da formiga. O fungo dita o comportamento dela, aonde ir e o que fazer, como um manipulador de fantoches. E fica pior. O fungo deve se nutrir, então devora o hospedeiro a partir de dentro e vai ocupando os espaços. Mas não deixa a vítima morrer, não. Ele mantém o fantoche vivo ao impedir a decomposição.
- Como?
- De onde vem a penicilina?
- Fungo! (...) Fale, Dr. Schoenheiss.
- Essa infecção fúngica não ocorre em humanos.
- É, os fungos não sobrevivem se a temperatura interna do hospedeiro for maior que 35°C. Atualmente, não há motivo para evoluírem e suportarem mais calor. E se isso mudasse? E se... por exemplo, o mundo ficasse um pouco mais quente?³¹³

Essa conversa, que abre a série *The Last of Us*, pontua as possíveis e necessárias adaptações evolutivas pelas quais os ecossistemas terão de passar para suportar o

³¹² O fungo citado aqui é o *Ophiocordyceps unilateralis*, cujos hospedeiros apresentam preservação dos sistemas neuromotores e cerebrais. Cf. LORETO, R. G., & HUGHES, D. P. The metabolic alteration and apparent preservation of the zombie ant brain. *Journal of Insect Physiology*, v. 118, out., 2019. 7p..

³¹³ WHEN You're Lost in the Darkness [temporada 01, episódio 01]. *The Last of Us* [seriado]. Dir. Craig Mazin. Rot. Craig Mazin e Neil Druckmann. Estados Unidos: HBO, 2023 (81 min.). Min. 00:00:30-00:02:29.

aquecimento global antrópico. Em *Diante de Gaia*, Bruno Latour escreve que não se pode falar mais em “crise” climática, mas em “mutação” climática. Para além disso, é indispensável pensarmos em uma “mutação em nossa relação com o mundo”³¹⁴. Nesse sentido, o estudo da mutação aqui será um estudo da transição de uma ontologia “piramidal” para uma “lisa”.

7.1 Ontologia piramidal, chauvinismo humano

Dr. Robert Morgan não sabe se é o último homem da Terra, mas não deixa de se afirmar assim. E agir como tal. “Isso é tudo que tem sido desde que eu herdei o mundo?”³¹⁵. Todo dia come enlatados, risca mais um dia em seu calendário improvisado e caça os mortos-vivos com as estacas que ele esculpe como trabalho. Antes do anoitecer, ele já possui corpos em excesso, empilhados no porta-malas de seu carro, que leva até um grande fosso e queima. Volta à sua casa, serve-se de uma dose de bebida alcoólica e coloca um vinil para tocar. O ano é 1968, e Morgan, segundo o monólogo interior em *voiceover*, está nessa empreitada há três anos. É risível que Morgan se considere o último homem da Terra quando não buscou ainda nem metade da cidade ainda.

À noite, as criaturas atacam, entre elas o ex-amigo de Morgan, Ben Cortman, que exclama incessantemente “Morgan, saia!” madrugada adentro. Armados com pedaços de madeira, os mortos-vivos atacam os tapumes instalados pelo cientista. Morgan, amargurado, lembra-se de sua família, acometida pela doença que o legou “o mundo”. Cada vez mais acossado pelo consumo excessivo de bebida alcoólica e lamentação por sua situação, Morgan vê em um cachorrinho a sua solução para lidar com a solidão. Mas quando consegue recolher o animal, percebe que ele também foi

³¹⁴ LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia*: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. Trad. Maryalua Meyer. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu, Ateliê de Humanidades, 2020. p. 24, grifo original.

³¹⁵ *LAST Man on Earth* (Mortos que matam). Dir. Ubaldo Ragona. Itália/Estados Unidos: Associated Producers e Produzioni La Regina, 1964 (86 min.). Min. 00:02:15-00:02:23.

infectado, mas não o reserva o mesmo destino que reserva aos mortos-vivos: o canídeo é enterrado em um parque.

Lá, ele avista Ruth, a perseguindo agressivamente enquanto ela foge, assustada. Mais tarde, Ruth é flagrada por Morgan em uma autoaplicação de uma injeção. As suspeitas do cientista se confirmam, e Ruth explica que faz parte de um grupo de pessoas que foram infectadas, mas controlam a “doença” com um antídoto. A mulher conta que essas pessoas estavam reconstruindo uma comunidade constituída por muitas pessoas que Morgan – visto como implacável, cruel e impiedoso – matou nas suas caçadas.

The Last Man on Earth é baseado em um livro de Richard Matheson³¹⁶ chamado *I am Legend* [Eu sou a lenda]. A referência mais comum para esta obra é o longa-metragem homônimo de 2007³¹⁷, onde o cientista Robert Neville³¹⁸ é interpretado por Will Smith. Esse filme, contudo, é uma distorção ontológica tão crassa, visto que nele, Neville é a lenda justamente por ser habilidoso o suficiente para ser o único sobrevivente. Na obra original, Neville é preso pelos membros da nova comunidade e lá percebe que ele era, de fato, uma lenda, mas porque matava indiscriminadamente, acreditando que os mortos-vivos deveriam ser eliminados.

No filme, Morgan, que é imune à doença, espera Ruth dormir e faz uma transfusão de sangue, “curando” a mulher sem consentimento. Na cena final, Morgan, que foge da nova comunidade, sobe ao púlpito de uma igreja e brada, chamando todos os presentes de aberração e se declarando, com orgulho, o último homem da Terra. Morgan julga-se superior por ser um humano não contaminado e imune à “doença”. Richard Sylvan e Val Plumwood nomeiam essa atitude: chauvinismo humano.

³¹⁶ MATHESON, Richard. *Eu sou a lenda*. Trad. Delfin. São Paulo: Aleph, 2015.

³¹⁷ *I am Legend* (Eu sou a lenda). Dir. Francis Lawrence. Estados Unidos: Warner Bros., 2007 (100 min.).

³¹⁸ O sobrenome “Neville” da obra original de Matheson foi alterado no filme de Ragona para “Morgan” e no longa-metragem de 2007, mantiveram o sobrenome do protagonista da obra original.

– Não posso me dar ao luxo da raiva. A raiva pode me tornar vulnerável. Pode destruir minha razão, e a razão é a única vantagem que tenho sobre eles³¹⁹.

– Eu me protejo contra eles, mas apenas porque eles são muitos. Individualmente, eles são fracos. Mentalmente incompetentes, como animais depois de uma longa escassez. Se eles não fossem... eles certamente já teriam encontrado um modo de invadir aqui há tempos³²⁰.

Sylvan, na época Routley³²¹, propõe em *Is There a Need for a New, an Environmental Ethic?*³²², apresenta o exemplo do *último homem da Terra*:

(i) O exemplo do *último homem*. O último homem (ou pessoa) sobrevivente ao colapso do sistema mundial derruba ao seu redor, eliminando, na medida do possível, todos os seres vivos, animais ou plantas (mas sem dor, se preferir, como nos melhores matadouros). Sua ação é plenamente permitida de acordo com o chauvinismo básico, mas, sob uma perspectiva ambiental, o que ele faz é errado. Além disso, não é preciso recorrer a valores esotéricos para considerar que o Sr. Último Homem age de modo reprovável (a razão talvez seja que o pensamento radical e os valores já se deslocaram em direção ao ambientalismo, antes mesmo que os princípios avaliativos fundamentais tenham acompanhado essa mudança)³²³.

Morgan tem certeza de que está agindo da maneira mais correta. Mas está operando, sozinho, um genocídio baseado na ideia de que aquelas pessoas nas quais *ele* não vê vida, não merecem viver. Aqui vemos, então, o potencial destrutivo do humano que se identificou com a ideia de que apenas ele era digno das benesses do planeta porque apenas ele era dotado de racionalidade – uma crença equivocada por mais de uma perspectiva.

³¹⁹ *THE Last Man on Earth* (Mortos que matam). Dir. Ubaldo Ragona. Itália e Estados Unidos: Associated Producers e Produzioni La Regina, 1964 (86 min.). Min. 00:07:55-00:08:05.

³²⁰ *Ibidem*. Min. 01:08:04-01:08:20.

³²¹ Richard Sylvan adotou, por parte de sua vida, o sobrenome Routley. Val Plumwood, por sua vez, também escreveu sob o nome Routley. Richard e Val foram casados e dividiam o mesmo sobrenome, antes de o trocarem, respectivamente, por Sylvan – que significa em inglês neozelandês “da floresta” – e Plumwood – o nome de um morro perto de onde moravam. Seus escritos em ética foram publicados sob o nome Routley, mas neste trabalho, preferi chamar Richard e Val pelos sobrenomes escolhidos por eles.

³²² ROUTLEY, Richard. *Is There a Need for a New, an Environmental Ethic?* *Proceedings of the XVth World Congress of Philosophy*. Varna, Bulgária: Sofia Press, set./1973. p. 205-210.

³²³ *Ibidem*. p. 207, tradução minha.

Para Sylvan e Plumwood, a civilização ocidental tem sua relação com a natureza fundamentada em três tradições: a da dominação, a despótica e a da mordomia. Em cada uma dessas tradições, o homem – *guardemos a forma masculina*³²⁴ – se apresenta como o dominador, o legislador ou o servido em relação à natureza. Latour, por sua vez, fala que qualquer noção de “relação” com a natureza já produz uma alienação³²⁵. Nesse sentido, há um processo ético-ontológico de desmantelamento daquilo que leva o homem a acreditar ser superior, a fim de uma – com o perdão da piada – reintegração por desfalecimento.

A moral do *chauvinismo humano*, para Sylvan, sustenta que os indivíduos sejam permitidos de fazer o que desejam, desde que não prejudiquem os outros (humanos) e que não se prejudique também. Ainda que ambos os preceitos sejam variáveis histórica e religiosamente, eles sempre envolvem a ideia de que distúrbios ambientais não são tomados como imorais. Há um conjunto de critérios para separar os homens do “resto”. Sylvan e Plumwood, altamente influenciados pela lógica analítica, elencam pressupostos para essa moral: 1) todos os humanos funcionais possuem esse conjunto; 2) esse conjunto de qualidades não é possuído por nenhum não-humano; 3) as características devem não apenas serem relevantes, mas suficientes para uma justificativa não cíclica no corte de consideração moral.

E, bem... Sylvan e Plumwood listam³²⁶ então as características que falham em cumprir essas premissas: uso de ferramentas, alterar o ambiente, inteligência, comunicação, linguagem, consciência, autopercepção, moralidade, vergonha, percepção como agente, ciência da própria existência e da inevitabilidade da morte, capacidade de autoengano, capacidade de questionamento, vida mental, capacidade

³²⁴ Referência a um comentário feito por Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Cf. DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie, 2017. p. 47.

³²⁵ LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Trad. Maryalua Meyer. São Paulo, Rio de Janeiro: Ubu, Ateliê de Humanidades, 2020.

³²⁶ ROUTLEY [Sylvan], Richard & ROUTLEY [Plumwood], Val. *Against the Inevitability of Human Chauvinism*. IN: GOODPASTER, K. E., SAYRE, K.M. *Ethics and Problems of the 21st*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1979. p 36-59.

de jogar e brincar, rir, rir de si mesmo, de fazer piadas, interesse, possuir projetos, avaliar sucesso em tarefas, liberdade de ação, capacidade de alterar comportamento, participar de comunidades, capacidade de amar, capacidade de altruísmo, capacidade de crer, capaz de produzir itens. Eles ainda acrescentam “capacidade de ter crenças religiosas”, mas esse critério é tão idiossincrático que eu não consigo concebê-lo como definidor de consideração moral.

Mesmo se pensarmos nos zumbis tradicionais, ainda que em seus universos separados, eu poderia listar um filme para cada falha nos três princípios e na lista de falhas produzida por Sylvan e Plumwood. O que mais ressoa comigo é o uso de ferramentas, que, embora variem de universo para universo, eu acreditava que apenas mídias mais recentes apresentavam zumbis usando ferramentas. Qual não foi a minha surpresa quando reassisti o clássico inquestionável *Night of the Living Dead* e vi zumbis com pedaços de paus quebrando os faróis da caminhonete de Ben. A teoria dos zumbis inconscientes e matáveis por sua nulidade cai por terra antes mesmo de ter surgido.

Na segunda temporada de *The Last of Us*, no episódio *Future Days*³²⁷, um novo tipo de zumbi aparece: os *stalkers*, ou perseguidores, que são similares aos *hunters* de *Left 4 Dead 2*³²⁸. Eles não correm desenfreados em direção à própria caça, mas espreitam, se escondem, de forma estratégica, e podem escalar paredes e saltar. Isso significa que eles possuem, ao menos, inteligência, autopercepção, capacidade de jogar e capacidade de alterar comportamento. Em *The Dead Don't Die*³²⁹, o lendário Iggy Pop se transforma em um zumbi que não clama por cérebros, mas por café. Na mesma cena, sua parceira dá uma volta de 360 graus em torno de si mesma e o Iggy Pop zumbi sorri. Aí, temos novamente: capacidade de jogar e brincar, capacidade de rir, capacidade de fazer piadas, capacidade de ter interesses e capacidade de

³²⁷ FUTURE Days [temporada 02, episódio 01]. *The Last of Us* [seriado]. Dir. Craig Mazin. Rot. Neil Druckmann, Halley Wegryn Gross, Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2025 (59 min.).

³²⁸ LEFT 4 Dead 2 [videogame]. Desenv. Valve Software. Estados Unidos: Electronic Arts, 2009.

³²⁹ THE Dead Don't Die (Os mortos não morrem). Dir. Jim Jarmusch. Estados Unidos, Japão, Suécia: Focus Features, Kill The Head, Longride, 2019 (104 min.).

participar em comunidade. Creio que os demais critérios já foram preenchidos por outros exemplos neste texto.

7.2 Ontologia plana, perspectivismo zumbi

“Quando se aprende a respeitar as ontologias mutáveis, pode-se lidar com entidades mais difíceis, para as quais a questão da realidade foi simplesmente espremida para fora da existência pelo peso das explicações sociais”.

(Bruno Latour³³⁰)

Elizabeth Povinelli, em seu livro *Geontologias*³³¹, oferece uma reflexão valiosa sobre a diferença ontológica entre Vida e Não Vida, que, segundo ela, foi desmoralizada diante da era geológica do Antropoceno, um conceito que é “tanto um produto das jazidas de carvão quanto uma análise acerca de sua formação, visto que os fósseis contidos nas jazidas ajudaram a produzir e assegurar a disciplina moderna da geologia e, por contraste, da biologia”³³². O Antropoceno acende as ansiedades em relação ao fim do mundo ao propor o drama do fim da humanidade, que por sua vez, traz novos personagens ao pensamento; o Não Humano, o Morto, o Nunca Vivo, e – por que não? – o Morto-Vivo. Além de um fenômeno geológico e meteorológico, é uma turbulência política, conceitual, ética e ontológica que se estabelece mais pesadamente a partir dos anos 1960.

Para a autora, o futuro da espécie humana é posto sob pressão pela mutação climática, fazendo com que a ontologia seja, novamente, um problema de destaque na filosofia. Povinelli nos coloca uma questão sobre o *status* dos objetos nas ontologias ocidentais, atentando para como este *deveria* ser, não como é. Ontologia e ética, portanto, estão profundamente conectadas. Os objetos existem ou são agenciamentos difusos? no caso do segundo, também seriam eles vivos? O que *são* objetos? Aqui, a

³³⁰ LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012. p. 175.

³³¹ POVINELLI, Elizabeth A. *Geontologias: Um réquiem para o liberalismo tardio*. São Paulo: Ubu, 2023.

³³² *Ibidem*. p. 32.

autora propõe três personagens: o Deserto, o Animista e o Vírus, dos quais o último me interessa mais. A autora defende que o Vírus está centralizado no imaginário do Terrorista: ele permanece dormente, até que copia-se e duplica-se e ajusta-se às circunstâncias, em constantes testes.

O Vírus, para Povinelli, corroborando com Wendell Stanley, embaça os arranjos de Vida e Não Vida e insignifica a diferença entre os dois: nem tudo é vital e potente e nem tudo é inerte e dormente. Mas ele constitui alteridade no que diz respeito à política do reconhecimento. O Vírus beneficia-se pelo não-comprometimento com a diferença entre Vida e Não Vida no mesmo passo que o Capital lucra com a observância de todos os modos de existência como recursos, enquanto criminaliza as tentativas de igualar o *status* ontológico desses diferentes sujeitos. É por isso que a imagem do vírus se encaixa tão bem à do zumbi.

É a mudança de escala presente nos estudos das mutações climáticas antropogênicas que facilita a conexão entre a vida e a morte em escalas mínimas com a vida e a morte em escala planetária. E é justamente esta perspectiva da escala que permite a fragilização das distinções entre Vida e Não Vida: “[...] se a Não Vida deu origem à Vida, o modo atual da Vida pode estar retribuindo o favor”³³³. “Poderia a Não Vida encontrar uma rachadura por onde sua escala maciça e granulada infiltrasse a Vida crítica com a mesma certeza que já infiltrou os pulmões, a água e o ar dos humanos críticos a ela?”³³⁴. Os zumbis são propriamente a infiltração da Não Vida na Vida, como vimos na primeira parte. A imperfeita fusão que permite a derradeira confusão entre estes dois *status* ontológicos criados pelo sistema filosófico vigente.

As ontologias ocidentais reduzem o tamanho do mundo ao dividi-lo entre “nós” e “eles”. O piramídeo³³⁵ brilhante sustentado pelo restante de pedra. Mas quando se retira o piramídeo – como, aliás, todas as sociedades ocidentais fizeram

³³³ *Ibidem.* p. 83.

³³⁴ *Ibidem.* p. 94.

³³⁵ Peça superior ou a pedra angular de uma pirâmide ou obelisco egípcio, no jargão arqueológico.

com as pirâmides – e observa-se a estrutura de cima, só se vê pedra. Para alguns, isso pode ser uma produção de mesmidade, mas é só em um espaço liso que se pode circular livremente. Mais ainda: vista de cima, a construção piramidal ainda tem funções de estrutura definidas, mas elas não se resumem mais a sustentar outras.

Somente enquanto a diferença entre Vida e Não Vida for mantida é que o *anthropos* se sustenta. Contudo, esta diferença está desmoronando, graças ao próprio *anthropos*, desmedido e delirante³³⁶, que explorou tudo e todos até causar o Antropoceno, que por sua vez, trabalha para diminuir ou extinguir essas diferenças. “Da perspectiva do ciclo planetário do carbono, que diferença faz a diferença entre Vida e Não Vida?”³³⁷. Nesse sentido, há maneiras e maneiras de produzir diferença: uma é a hierarquizante, a da filosofia ocidental; outra é a deleuziana, que produz diferenças no sentido de multiplicidades. São 8 bilhões de humanos³³⁸, cada um com as suas diferenças nunca fixas e quase 9 milhões³³⁹ de espécies diversas, espalhadas pelo mundo.

Liv Moore, uma brilhante médica residente, aceita o convite para uma festa num barco, depois de alguma insistência de sua colega e de seu noivo, pois ela não costumava sair para festas e eventos. Já na festa, uma confusão eclodiu pois o uso de uma nova droga sintética, *Utopium*, junto com o energético *Max Rager*, transformava as pessoas em canibais agressivos. Liv é arranhada por um deles e acorda dentro de um saco para cadáveres, na praia. O seu cabelo muda de cor, de castanho para loiro branco, ela termina seu noivado com Major e troca a residência no hospital para trabalhar no necrotério da polícia, de forma a ter acesso facilitado ao seu novo alimento: cérebros, bem regados com molho de pimenta.

³³⁶ Não no sentido bom.

³³⁷ POVINELLI, Elizabeth A. *Geontologias: Um réquiem para o liberalismo tardio*. São Paulo: Ubu, 2023. p. 32.

³³⁸ DISPONÍVEL EM: <https://www.worldometers.info/br/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

³³⁹ MORA, C., TITTENSOR, D. P., ADL, S., SIMPSON, A. G. B., WORM, B. How Many Species Are There on Earth and in the Ocean? *PLoS Biol*, v. 9, n. 8, e1001127. 8p.

A médica percebe que, por alguns dias após comer o cérebro de um cadáver, ela adquire as memórias, personalidades e trejeitos das vítimas e, se passando por uma vidente, começa a ajudar Clive, o detetive, a solucionar os assassinatos. Seu parceiro, o legista Ravi, logo descobre seu segredo e acaba se tornando seu cúmplice.

OLIVIA: É um dos efeitos colaterais... quando eu como um cérebro, eu tenho visões, flashes de memórias, ou... sonhos... Eu não sei exatamente o que são, mas pareço estar em uma viagem de ácido de outra pessoa³⁴⁰.

Liv descobre depois que se ela se abster de comer cérebros por algum tempo, ela será transformada em um zumbi irracional e perderá sua humanidade³⁴¹, que não pode ser devolvida por consumo canibal posterior. No entanto, eu acho que a humanidade pela qual luta Liv em seu regime alimentar não é a racionalidade, mas as diferentes perspectivas experienciadas pela protagonista. E isso me leva a Eduardo Viveiros de Castro e seus livros *Metafísicas canibais*³⁴² e *A inconstância da alma selvagem*³⁴³. Uma espécie de perspectivismo zumbi, gerado pelo consumo figurado, mitológico, simbólico ou mesmo, no caso de Liv, literal³⁴⁴. E então, o perspectivismo de Viveiros de Castro, na qual a sua versão zumbi é inspirada, também trata-se de alisar a ontologia, personificando aqueles seres que a civilização ocidental não reconhece.

Assim, o perspectivismo zumbi não seria apenas o consumo de cérebros que geram memórias e traços de personalidade em Liv – e por que não? Em Bub³⁴⁵, em Big Daddy³⁴⁶, em Fido³⁴⁷ e tantos outros –, mas também de personalizá-los a partir do ato de conhecê-los.

³⁴⁰ PILOT [temporada 01, episódio 01]. *iZombie* [seriado]. Dir. Rob Thomas. Rot. Rob Thomas & Diane Ruggiero-Wright. Estados Unidos: Spondoolie Productions (42 min.). Min. 00:12:33-00:12:43.

³⁴¹ Acho importante salientar que o critério de humanidade nessa série é a racionalidade, como na maior parte das mídias de zumbis.

³⁴² VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu, 2018.

³⁴³ *Idem*. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Ubu, 2020.

³⁴⁴ Em *A inconstância da alma selvagem*, EVC não aplica o título “perspectivismo” ao canibalismo simbólico dos Araweté explicitamente, mas me permiti essa liberdade.

³⁴⁵ *DAY of the Dead* (O Dia dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Dead Film Inc., 1985 (100 min.).

Em *The Girl with all the Gifts*³⁴⁸, Melanie inicialmente é tratada como uma coisa, um animal, um monstro. Depois da invasão do complexo militar pelos *hungries*, ela e mais um pequeno grupo de militares, cientista e professora conseguem fugir. Mrs. Justineau é a única personagem que trata Melanie como humana. Os fatos se desenrolam e o grupo começa a ver humanidade na garotinha, ao mesmo tempo que ela, obtendo ciência de quem e o que é, vê menos valor em si mesma, por vezes até concordando com a Dra. Caldwell, que começa a ser a única que ainda a trata como um “espécime”.

Essa jornada e jogo complexo de subjetivação e dessubjetivação levam aos eventos do final do livro, quando Melanie entende que a cura para a infecção fúngica zumbi era exterminar todos os *hungries* de segunda geração, como ela, e ateia fogo a uma estrutura fúngica gigante, fazendo com que a infecção se espalhe pelo ar.

Por causa da guerra, diz-lhe Melanie. E por causa das crianças. As crianças como ela – a segunda geração. Não há cura para a praga *hungry*, mas no final a praga se torna sua própria cura. É terrivelmente, terrivelmente triste para as pessoas que a obtêm primeiro, mas os seus filhos ficarão bem e serão eles que viverão e crescerão e terão filhos próprios e criarão um mundo novo.

"Mas só se você deixá-los crescer", ela termina. "Se você continuar os matando e os cortando em pedaços e os jogando em poços, ninguém será deixado para fazer um novo mundo. O seu povo e os *junkers* vão continuar a matar uns aos outros, e ambos matarão os *hungries* onde quer que os encontrem, e no final o mundo estará vazio. Este caminho é melhor. Todos se tornam *hungries* de uma vez, e isso significa que eles vão morrer, o que é muito triste. Mas então as crianças crescerão, e não serão o tipo velho de pessoa, mas também não serão famintos. Elas serão diferentes. Como eu, e o resto das crianças da classe.

“Eles serão as próximas pessoas. Aqueles que fazem tudo ficar bem novamente”³⁴⁹.

No final, Melanie salva apenas Mrs. Justineau, que volta a ser a professora de Melanie, mas também das crianças de segunda geração que cresciam espalhadas

³⁴⁶ *LAND of the Dead* (Terra dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005 (97 min.).

³⁴⁷ *FIDO*. Dir. Andrew Currie. Canadá: British Columbia Film, 2006 (91 min.).

³⁴⁸ CAREY, M. R. *The Girl with All the Gifts*. Londres: Orbit, 2014.

³⁴⁹ *Ibidem*. p. 399, tradução minha.

pelas ruínas do mundo. Reencontramos o grupo no final de *The Boy on the Bridge*³⁵⁰, no qual Melanie encontra um grupo de sobreviventes em uma montanha gelada, onde a infecção não tinha efeito, distribui alimentos e pede que acolham uma já idosa Mrs. Justineau.

O perspectivismo zumbi pode, ainda, ser aplicado ao caso de sobreviventes que tratam seus entes queridos zumbificados com o mesmo carinho que antes da transformação. Vemos isso em *The Last Man on Earth*³⁵¹, em *The Walking Dead*³⁵², em *Maggie*³⁵³, em *Cargo*³⁵⁴, em *Les Raisins de la mort*³⁵⁵, em *Burial Ground*³⁵⁶... mas p'ra não dizer que não falei dos quadrinhos³⁵⁷, em *O presente de Camila*³⁵⁸, Alberto e sua irmã, Camila, tentam sobreviver ao apocalipse após a morte da mãe, que nos últimos minutos de vida implorou ao filho que a matasse antes que ela se transformasse em zumbi. Alberto hesita, mas acaba atendendo o pedido da mãe e a baleando.

Já estabilizados em um abrigo, acompanhamos Alberto em escaladas, saltos e descidas de prédios por corda para alcançar uma loja *Toys & Dolls*. No segundo *flashback* da história, Alberto e sua irmãzinha conversam sobre a boneca Vivinha, que acabou sendo deixada para trás³⁵⁹. O irmão promete que assim que pudesse, encontraria uma boneca igual Vivinha para Camila, que consente, feliz. De volta ao

³⁵⁰ CAREY, M. R. *The Boy on the Bridge*. Londres: Orbit, 2017.

³⁵¹ *LAST Man on Earth* (Mortos não matam). Dir. Ubaldo Ragona. Itália e Estados Unidos: Associated Producers e Produzioni La Regina, 1964 (86 min.).

³⁵² *THE Walking Dead* [seriado]. Cria. Frank Darabont. Estados Unidos, AMC Studios, 2010 (11 temporadas, 10620 min.).

³⁵³ *MAGGIE* (Maggie: a transformação). Dir. Henry Hobson. Estados Unidos e Suíça: Lionsgate Films, 2015 (95 min.).

³⁵⁴ *CARGO*. Dir. Ben Howling/Yolanda Ramke. Austrália: Addictive Picture, /Causeway Films e Head Gear Films, 2017 (105 min.).

³⁵⁵ *LES Raisins de la mort* (As uvas da morte). Dir. Jean Rollin. França: Rush Distribution, 1978 (85 min.).

³⁵⁶ *BURIAL GROUND* (A Noite do Terror). Dir. Andrea Bianchi. Itália: Esteban Cinematografica, 1981 (85 min.).

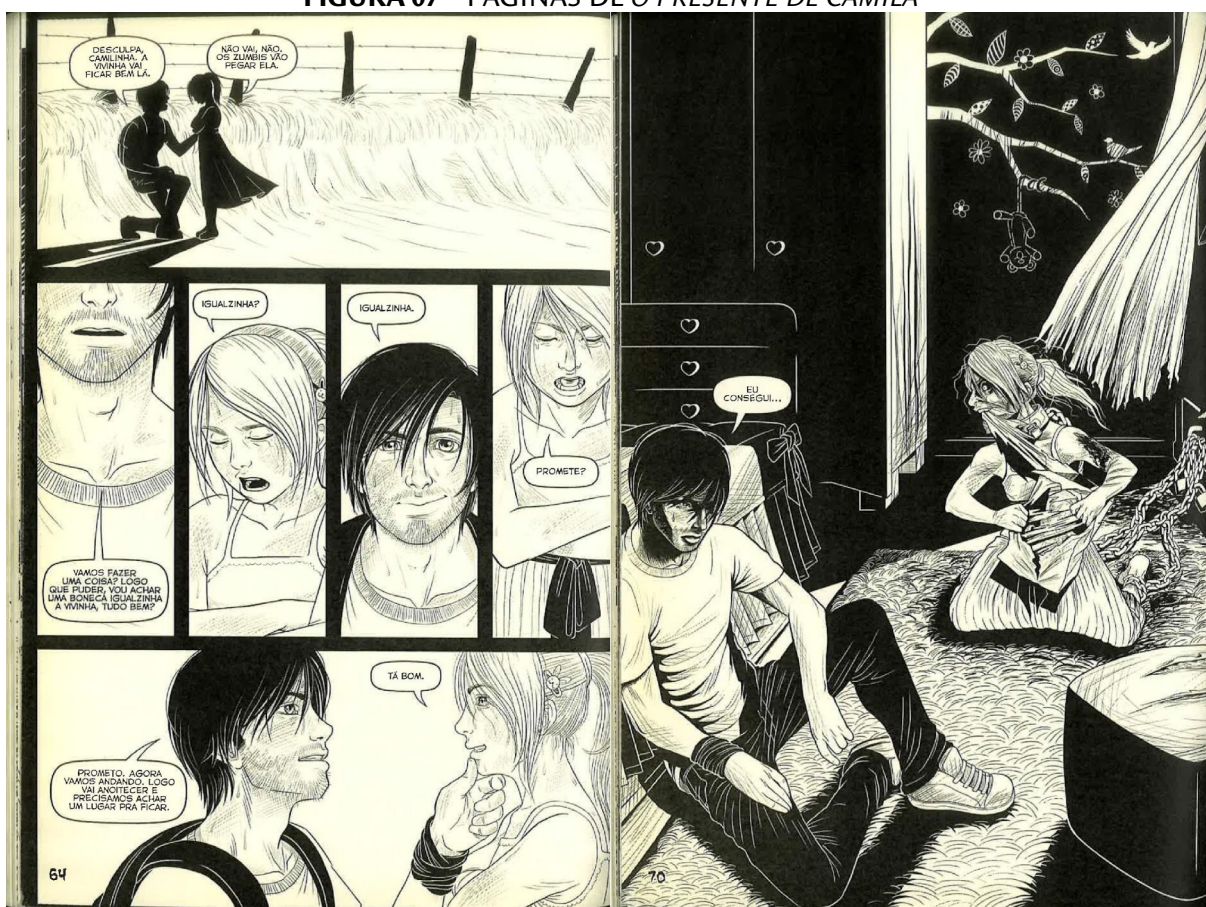
³⁵⁷ Referência à canção de Geraldo Vandré. Cf. PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES [canção]. Geraldo Vandré. Composição por Geraldo Vandré. IN: *No Chile* [álbum]. Brasil: Banco Benvirá, 1969.

³⁵⁸ MIR, Alex, LOUZADA, Rafa. O presente de Camila. IN: FERNANDES, Raphael (Org.). *Fome dos mortos*. São Paulo: Draco, 2016. p. 58-70.

³⁵⁹ Este é outro clichê dos filmes de zumbis: crianças que acabam perdendo suas pelúcias e bonecas favoritos e seus responsáveis arriscam suas vidas para recuperar o objeto querido.

presente diegético, Alberto corre, pula, salta e se arrisca em meio aos zumbis para alcançar a loja. Já dentro do local, abrindo caminho através dos mortos-vivos e exclamando “[n]ão posso morrer, não antes de cumprir minha promessa”³⁶⁰, o jovem alcança a boneca. A fuga é rápida, mas quando Alberto retorna ao abrigo, descobrimos que sua irmã havia se transformado em uma zumbi também.

FIGURA 07 – PÁGINAS DE O PRESENTE DE CAMILA



FONTE: *O presente de Camila*³⁶¹

É interessante notar que, enquanto Alberto hesitou apenas antes de matar sua mãe, o personagem não poderia lidar com a culpa de uma promessa não cumprida. Nesse sentido, ele ignora a transformação de Camila e honra sua promessa, sozinho.

³⁶⁰ MIR, Alex, LOUZADA, Rafa. *O presente de Camila*. IN: FERNANDES, Raphael (Org.). *Fome dos mortos*. São Paulo: Draco, 2016. p. 67.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 64 e p. 70.

8 NOMADISMO

FIGURA 08 – RICK GRIMES EM DIREÇÃO À ATLANTA, GA-EUA



FONTE: *Days Gone Bye*³⁶²

Big Daddy é um daqueles “zumbis extraordinários” de Chera Kee³⁶³. Do seu tempo de apenas humano, reteve a memória de seu trabalho de frentista. Ainda, ele é imune à técnica de distração dos contrabandistas que precisam explorar o território zumbi. Digo “território zumbi” em oposição ao território humano, um prédio gigante chamado *Fiddler's Green* e seus arredores, mas não se pode dizer que os zumbis delimitam território, seja ele qual for. Os traficantes lançam fogos de artifício no céu e os zumbis são temporariamente hipnotizados pelas labaredas no alto. Big Daddy, que, vale lembrar, é interpretado por um homem negro, fica indignado vendo seu coletivo completamente imóvel enquanto os contrabandistas agem como precisam. O zumbi, então, “relembra” como pegar em armas e ensina seu grupo, que também descobre poder andar embaixo da água.

³⁶² DAYS Gone Bye [temporada 01, episódio 01]. *The Walking Dead* [seriado]. Dir. e Rot. Frank Darabont. Estados Unidos: AMC, 2010 (67 min.). Min. 00:58:02.

³⁶³ KEE, Chera. *Not your Average Zombie: rehumanizing the undead from voodoo to zombie walks*. Estados Unidos: University of Texas Press, 2017.

Este aprendizado serve para que os zumbis invadam *Fiddler's Green*, causando uma revolução, em partes também operada por Cholo, um contrabandista desencantado. Trouxe esse episódio porque nele, as linhas de movimentação foram alteradas. Neste capítulo, é para isso que olharei: como as definições de território alteram a própria movimentação de zumbis e não-zumbis. Os zumbis de *Land of the Dead*³⁶⁴, são desterritorializantes. Eles promovem uma alteração nas relações de poder com a Terra, que não é mais vista nem como fornecedora de recursos – para os contrabandistas –, nem como atestado de superioridade – para a elite de *Fiddler's Green*. Território, afinal, é assunto dos humanos, não daqueles que me acostumei a chamar de *não-mais-humanos*.

8.1 Território, Estado, estradas, barreiras

Durante a pandemia de COVID-19 que teve início em 2020, a editora N-1 publicou, sob o nome *Pandemia Crítica*, uma série de textos que tratavam filosoficamente do período instaurado. O texto que mais me marcou, sem dúvida, foi *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*³⁶⁵, de Bruno Latour, escrito em março do mesmo ano. E, bem, refletindo agora, “de longe”, não gosto muito do termo “barrar”: ele remete demais ao espaço estriado que quero evitar. Nos parágrafos finais, Latour propõe seis perguntas que envolvem atividades suspensas que queríamos que fossem suspensas permanentemente e atividades suspensas que gostaríamos que fossem ampliadas no futuro.

Eu trabalhei nestas perguntas por alguns dias, registrando-as no diário terapêutico que mantenho desde o início da graduação. Não reproduzo as respostas aqui pois também já não concordo com a Stefany de 2020. Trago esta memória pois o exercício a ser feito no pós-apocalipse, por aqueles que ainda mantêm o envelope

³⁶⁴ *LAND of the Dead* (Terra dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005.

³⁶⁵ LATOUR, Bruno. *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*. *Pandemia Crítica* 009. São Paulo: N-1, 2020.

humano, é parecido. Em 2023, escrevi um capítulo introdutório para o projeto *Conhecimentos que você precisa para reconstruir o mundo pós-apocalipse zumbi*³⁶⁶, liderado pelo Prof. Dr. Roberto Dalmo, dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Educação em Ciências e em Matemáticas (PPGECM), e composto por coordenadores e pesquisadores dos Programas Institucionais de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de Química e Física e Residências Pedagógicas (RP) de Química e Biologia da Universidade Federal do Paraná. Nesse texto, penso sobre o pós-apocalipse que desejo pela primeira vez, inspirada fortemente por Latour pensando no pós-crise da pandemia de COVID-19. Venho fazendo o mesmo exercício desde então em diversos âmbitos, e essa dissertação é parte do processo.

Na imagem que abre esse capítulo, Rick Grimes, de *The Walking Dead*, a cavalo, está parado em uma rodovia na qual uma das pistas está infestada de carros engarrafados e abandonados, e a outra pista totalmente esvaziada, ladeada por um trilho ferroviário onde um trem descarrilado apodrece. No horizonte, a cidade de Atlanta, GA, EUA. O protagonista faz esse caminho em direção a um suposto campo de refugiados com proteção militarizada estabelecido pelo governo – eu já comentei que eles nunca existem de verdade? –, acreditando que lá encontraria sua esposa e filho, Lori e Carl. O governo, é claro, não existe mais; não há proteção militarizada – que aliás, jamais é vista na série –, e como acompanhamos ao final dessa primeira temporada, nem o CDC (*Center for Disease Control*) existe ou descobriu a cura.

É curioso que, mesmo a cavalo, Rick escolha transitar por vias abertas como a da imagem, sem qualquer camuflagem contra os *walkers*³⁶⁷. Parece-me que os sobreviventes que ainda não encontraram um refúgio fixo – e eles sempre estão

³⁶⁶ STETTLER, Stefany Gestos para qual pós-apocalipse zumbi? IN: DALMO, R., BEDIN, E., PEREIRA, P., HIGA, I., FERREIRA, G. ROCHA, A.. (Org.). *Conhecimentos que você precisa para reconstruir o mundo pós-apocalipse zumbi*. São Paulo: Livraria da Física, 2023. p. 07-15.

³⁶⁷ Escolhi manter o termo em inglês no lugar da tradução, que seria “caminhantes”, pois o termo em inglês vem de *walk*, andar, enquanto o termo em português remete a caminho. É uma escolha que contribui para a conceitualização e contraste que pretendo desenvolver. Ainda, escolhi não alterar o termo para “andantes” por receio de descaracterizar o termo canônico das legendas e dublagens da série no Brasil.

procurando um – dependem inteiramente de mapas, vias estabelecidas, divisões territoriais, barreiras, cidades, instituições. É um espaço verdadeiramente estriado no qual confiam e do qual não parecem querer se livrar. Ao contrário: os sobreviventes buscam sempre delimitar, embarreirar, gradear, vedar, abrir vias, estabelecer hierarquias, “reconstruir a sociedade”.

Enquanto Deleuze & Guattari rejeitam o termo “nomadismo” para os territorializados, Édouard Glissant³⁶⁸ questiona se não haveria um nomadismo invasor, característico dos humanos mas, sobretudo, dos humanos brancos europeus colonizadores. Esse “nomadismo em flecha”³⁶⁹ seria um “desejo devastador de sedentarismo”. Penso que esse nomadismo invasor age no espaço estriado do qual falamos: ele sempre é da ordem do poder, da conquista, da hierarquia e é muito bem representado pelo comportamento dos sobreviventes do apocalipse zumbis nos filmes.

Se e quando se movem, o fazem, mesmo quando há uma liberdade de transporte, ou seja, sem dependência de ruas, estradas e pontes, como no caso de Rick, sempre respeitando o território estruturado pelo poder hierárquico, pelo Estado. Mais ainda: o fazem sempre de um ponto ao outro. Há sempre uma rota, um destino, uma direcionalidade. Para Rick, no episódio da imagem que ilustra o capítulo, o seu destino era a cidade de Atlanta, o campo de refugiados governamental. A rota era a estrada constituída pelo Estado. Havia uma direcionalidade. Um nomadismo em flecha.

A exceção a esta regra é encontrada na segunda temporada de *The Last of Us*. No episódio *The Path*³⁷⁰, Ellie planeja sair do vilarejo onde mora até Seattle para perseguir Abby pela morte de Joel. Interpelada por Dina, que a questiona metodologicamente, ela percebe que não conhece a melhor maneira de chegar até a

³⁶⁸ GLISSANT, Édouard. *Poéticas da Relação*. Trad. Eduardo Jorge Oliveira e Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

³⁶⁹ *Ibidem*. p. 35.

³⁷⁰ THE Path [temporada 02, episódio 03]. *The Last of Us* [seriado]. Dir. Peter Hoar. Rot. Neil Druckmann, Halley Wegryn Gross, Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2025 (57 min.).

cidade e Dina oferece os meios: ir de cavalo, pela floresta e não pela estrada. No episódio *Day One*³⁷¹, quando as jovens Ellie e Dina chegam a Seattle para confrontar Abby pela morte de Joel e se encontram no centro de uma disputa de dois grupos: os Vagalumes e os Cicatrizes. Para chegar até a antagonista, Dina, com base em um mapa e um rádio, prepara um trajeto inusitado, cruzando pelo meio de um prédio que os dois grupos evitavam. Dina, para Ellie, atua como uma *desestriadora* de caminhos.

Os zumbis, no entanto, impedem a ocorrência desse caminho sem desvios. Isso porque os mortos-vivos operam em um espaço subjacente liso. Dessa forma, Rick encontra, virando uma esquina qualquer, uma multidão zumbi. Ele acaba encurralado, o cavalo acaba submetido à própria sorte³⁷² e Rick encontra um tanque de guerra no qual se abriga, sendo resgatado no episódio subsequente³⁷³ pelo seu futuro grupo de sobreviventes e, novamente, em flecha, levado em direção ao acampamento do bando, um território delimitado, estruturado e hierarquizado, do qual será o líder antes do final da temporada.

Nesse sentido, as direcionalidades dos sobreviventes, ainda que interrompidas pelos fluxos zumbis, sempre se voltam a um novo objetivo, nova meta, novo destino. Ainda, funções fixas, procedimentos, métodos são estabelecidos, todos eles muito similares aos do Estado. Em *Tell it to the Frogs*³⁷⁴, Ed, o marido de Carol, interrompe as mulheres que riam enquanto lavavam as roupas na beira do lago para dizer que “é

³⁷¹ DAY One [temporada 02, episódio 04]. *The Last of Us* [seriado]. Dir. Kate Herron. Rot. Neil Druckmann, Halley Wegryn Gross, Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2025 (53 min.).

³⁷² A filósofa Juliana Fausto interpreta essa cena de outra maneira, ela diz: “[...] o cavalo, tendo já cumprido sua função de símbolo, é prontamente descartado e usado como isca para que Ricky consiga escapar, sendo devorado vivo pelos monstros [...]”. Ao meu ver, Rick é jogado para longe do cavalo e caído, vê o animal sendo consumido. A morte do animal, para mim, é muito mais uma condição do acaso do que da intencionalidade de Rick. Cf. FAUSTO, Juliana. *A cosmopolítica dos animais*. São Paulo: N-1, 2020. p. 293.

³⁷³ GUTS [temporada 01, episódio 02] *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Michelle MacLaren. Rot. Frank Darabont. Estados Unidos: AMC, 2010 (67 min.).

³⁷⁴ TELL it to the Frogs [temporada 01, episódio 03] *The Walking Dead* [seriado]. Dir. Gwyneth Horder-Payton. Rot. Frank Darabont, Charles H. Eglee, Jack LoGiudice. Estados Unidos: AMC, 2010 (45 min.).

melhor que façam seu trabalho direito”³⁷⁵. Uma delas já havia dito “[e]stou começando a questionar a divisão do trabalho por aqui” e “alguém me explica por que sempre acaba sobrando para as mulheres?”³⁷⁶. Andrea o questiona, perguntando por que ele mesmo não lavava a própria roupa e qual era a função do homem no grupo. O conflito se agrava e Ed acaba estapeando Carol, em uma demonstração de poder. Hierarquias.

Aqui, surge uma inquietação que, tentei, mas não posso deixar passar: a formação de cidades e a domesticação da agricultura, as primeiras formas de estriar um espaço, coincidem com a descoberta dos movimentos fixos dos astros, que influenciaram as sociedades mais antigas das quais se tem conhecimento. Igualmente na África, Ásia e nas Américas, monumentos eram construídos em alinhamento com constelações ou de forma que recebessem a luz do sol em um dia específico do ano.

Mais ainda: o poder divino foi identificado com o céu, causando uma estriação vertical também. Os movimentos fixos e previsíveis dos astros, assim que foram identificados, levaram à produção de movimentos fixos nas plantações e cidades. A identificação da divindade no céu, de onde todo o poder político imanava, levou à estriação vertical das pirâmides, igrejas e demais monumentos grandiosos. O espaço estriado é uma tentativa de mimetizar o plano do cosmos.

O Estado, segundo Deleuze & Guattari, tem como uma de suas funções estriar o espaço. Não apenas horizontalmente, mas verticalmente. Assim, mesmo os espaços que são lisos horizontalmente têm por cima e por baixo vias, conexões, rotas, como as marítimas e aéreas.

³⁷⁵ *Ibidem*. Min. 00:38:17-00:38:22.

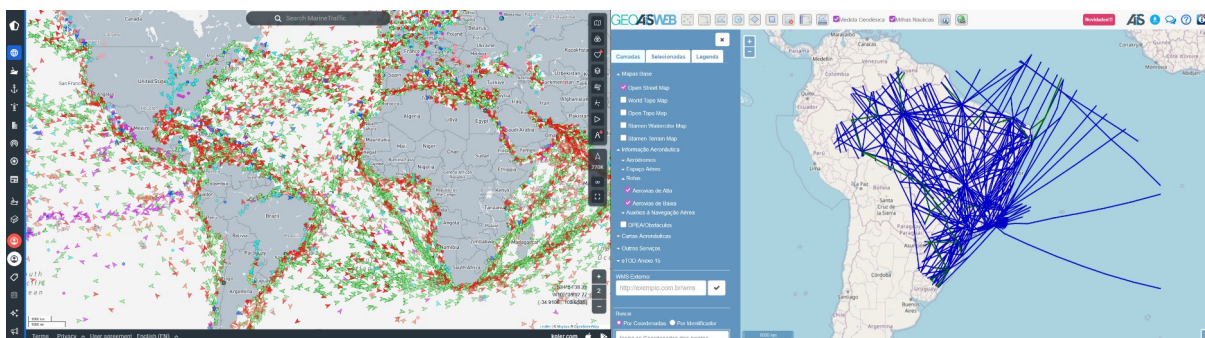
³⁷⁶ *Ibidem*. Min. 00:37:24-00:37:27 e 00:37:40-00:37:45.

FIGURA 09 – ROTAS DO VÍRUS EM ZUMBIS VS. ROBÔS



FONTE: *Zumbis vs. Robôs*³⁷⁷

FIGURAS 10 E 11 – ROTAS AÉREAS E MARÍTIMAS



FONTE: GEOASWEB³⁷⁸ e MarineTraffic³⁷⁹.

São por meio delas que se estabelecem os mercados e monopólios globais. Mas também por elas, os microorganismos parasitários são transmitidos mundialmente. Há um sequestro das vias comerciais, domésticas e fisiológicas pelos vírus, bactérias e fungos. E assim como uma floresta é um espaço estriado³⁸⁰, o corpo é o último espaço estriado do zumbi.

³⁷⁷ RYALL, Chris, WOOD, Ashley. *Zumbis vs. Robôs*. Trad. Leonardo Kitsune Camargo e Helcio de Carvalho. São Paulo: Mythos, 2017. sem notação de página.

³⁷⁸ DISPONÍVEL EM: <https://geoaisweb.decea.mil.br/>. Acesso e captura em: 27 mar. 2025.

³⁷⁹ DISPONÍVEL EM: <https://www.marinetraffic.com>. Acesso e captura: 27 mar. 2025.

³⁸⁰ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. 05. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2012. p. 60.

8.2 Espaço liso, fluxos, nomadismo, *nomos*

“Quanto mais os Modernos se autoexpulsam de toda a terra habitável, mais acreditam descobrir nos ‘outros’ tribos que estariam, ao contrário deles, fortemente arraigadas, ancoradas, enraizadas, sim, como se costuma dizer, ‘autóctones’, ou, melhor ainda, ‘nativas’. Como eles vão invejar esses nativos, esses bons selvagens!”

(Bruno Latour³⁸¹)

Logo de começo, é bom estabelecer que bandos, hordas, tribos, maltas não podem ser entendidos como inferiores. Já passamos por isso. Mesmo Rick Grimes, enquanto líder de seu grupo, não inscreve poderes estáveis. Deleuze & Guattari, contudo, diferem formas de mundanidades, próximas dos bandos, e sociabilidade, próximas das sociedades estruturadas. Ainda, para a dupla, guerras não produzem Estados. Isso é importante, pois múltiplos universos apocalípticos encaram a disputa entre humanos e zumbis como uma guerra. No entanto, é isso que, no máximo, ela é: uma guerra de dois grupos com forças igualitários. Humanos têm armas de fogo, mas matar um ser já morto é realmente uma ameaça? E zumbis têm suas mordidas, mas zumbificar alguém que já está condenado à morte é realmente uma ameaça?

Trago novamente o caso dos *Whisperers* de *The Walking Dead*. Se zumbis se orientam, sobretudo, pelo cheiro, a ciência régia dos humanos apropria-se da ciência nômade zumbi para, então, camuflar-se com entranhas e peles apodrecidas. Mas a *chuva desmancha todos os olfatos*³⁸², e leva consigo a vestimenta de carcaça. “A ciência nômade”, dizem os parceiros franceses, “não pára de fazer fugir os conteúdos da ciência régia”³⁸³.

³⁸¹ LATOUR, Bruno. *Investigação sobre os modos de existências: uma antropologia dos modernos*. Trad. Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 94.

³⁸² Referência ao novo livro de Deborah Danowski: *A chuva desmancha todos os fatos*. São Paulo: N-1, 2025. Peça desculpas. Não resisti.

³⁸³ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. 05. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2012. p. 35.

D&G falam que, para a ciência nômade, a matéria não é – intencionalmente? – preparada ou homogeneizada. Assim, ainda que a ciência nômade se especialize em conexões e traços, ainda possui uma divisão do trabalho, que não é fixa. Portanto, o par da disparidade é “material-forças”, e não “matéria-forma”, como o do hilemorfismo herdado de Aristóteles pela ciência régia. As variáveis estão em mutação contínua, não há estado fixo. Nem os zumbis são fixos: estão sujeitos a mutações ontológicas, mutações biológicas, mutações de interações bióticas e mutações de necessidades ambientais.

A ideia de oposição entre *logos* e *nomos* é muito inspiradora, pois há dois significados de *nomos*: como lei humana, na sua forma mais tradicional, e como modelo aberto de distribuição de forças, na forma deleuzo-guattariana. Assim, é possível pensar que ambos sobreviventes e zumbis, no pós-apocalipse, são *misônomos*³⁸⁴, cada um por um motivo diferente do outro. Zumbis são aversos às leis humanas; humanos são aversos à distribuição caótica de forças zumbis.

Nunca, nos mais de 150 filmes de zumbis que assisti, vi um zumbi usar o sistema métrico. Não há estriamento no campo zumbi. E conforme o espaço estriado humano se deteriora, mais liso fica para os zumbis. Dessa forma, o plano destinado aos zumbis é um plano de multiplicidades. Zumbis não constroem estriações verticais, mas ainda são mais múltiplos e carregados de potência que os seus antepassados humanos. Não há *progresso*, finalmente, há *fluxos*. Vetores.

Em *The Girl with all the Gifts*, os *hungries* têm um estado de *stand-by*³⁸⁵: eles aguardam o alimento aparecer, mas nem todos. Alguns, no livro, mantém comportamentos humanos, como a zumbi que a Dra. Caldwell observa, empurrando um carrinho de bebê. No hospital, outro zumbi é observado, cantando e acariciando fotos em sua carteira. Poderia citar outros, de outros universos: Jenny, de *The Walking*

³⁸⁴ Neologismo criado por mim, onde *mis* vem do grego *mîsos* e *nomos*, também do grego, é o *daemon* das leis, estatutos e normas, entre outros possíveis significados. Deleuze & Guattari reinterpretem para entender *nomos* como um conjunto amorfo de regras.

³⁸⁵ Assim como os zumbis de *World War Z*. Cf. *WORLD War Z* (Guerra Mundial Z). Dir. Marc Forster. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2013 (116 min.).

Dead, Bub, Big Daddy, os zumbis extraordinários. Em *The Girl with all the Gifts*, alguns zumbis em *stand-by* “acordam” com o pouso de um pombo, com uma brisa de vento, que os desloca, enquanto outros, mais afastados do evento, permanecem imóveis. São grupos e hordas disformes, não hierarquizadas³⁸⁶, dotadas de potências biológicas inconcebíveis por humanos.

O nômade se distribui num espaço liso, ele ocupa, habita, mantém esse espaço, e aí reside seu princípio territorial. Por isso é falso definir o nômade pelo movimento. Toynbee tem profundamente razão quando sugere que o nômade é antes aquele que não se move. Enquanto o migrante abandona um meio tornado amorfo ou ingrato, o nômade é aquele que não parte, não quer partir, que se agarra a esse espaço liso onde a floresta recua, onde a estepe ou o deserto crescem, e inventa o nomadismo como resposta a esse desafio³⁸⁷.

O Estado está plenamente identificado com a razão, *logos*, o oposto de *nomos*, na visão de Deleuze & Guattari. A misonomia, como um conceito tão contraditório e paradoxal quando o dos meus zumbis, expressa bem essa duplicidade. O *logos* identifica-se com o Estado de direito, que já desconstruímos na primeira parte. O Estado de fato, para D&G, é um devir da razão, um *nomos* no sentido da própria dupla. Vemos misonomia, em dois sentidos diferentes, em ambos os lados dessa guerra.

O *stand-by* dos *hungries* em *The Girl with All the Gifts* também é, anacrônica e maravilhosamente explicado por Deleuze & Guattari: “o nômade sabe esperar, e tem uma paciência infinita”³⁸⁸. Há, inclusive, uma unidade de medida – eu não acredito! – para as passadas zumbis. A *Romero Unit* (^{RU}) foi determinada pelo tempo da passada

³⁸⁶ Consigo pensar em uma exceção a esta afirmação, que é *Army of the Dead*, dirigido por Zack Snyder. Nele, há um casal zumbi, no qual a fêmea zumbi (parece estranho falar “mulher zumbi”) está grávida! A fêmea é decapitada e há uma grande comoção zumbi frente a morte da líder e do bebê zumbi (Snyder é louco por eles!). Ainda assim, nem toda liderança significa Estado, e eu acho improvável que uma horda zumbi, dado o próprio nome, se torne estatal.

³⁸⁷ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. 05. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2012. p. 55.

³⁸⁸ *Ibidem*. p. 55.

dos zumbis de *Night of the Living Dead*³⁸⁹, que é extremamente lenta. A passada média – dois passos: esquerda, direita – eram completados na frequência de 0,5 Hz (2s)³⁹⁰. O nômade-zumbi sabe esperar, porque o seu metabolismo está preparado para isso.

É interessante que, conforme a ficção dos zumbis se desenvolve, cada vez mais os seres simbiontes ficam rápidos. Em *Return of the Living Dead*³⁹¹ já tínhamos exemplos, mas em *28 Days Later*³⁹² fica ainda mais explícito. É possível teorizar que a passada do zumbi avance na ficção na mesma progressão que o capitalismo tardio assola a humanidade. A partir disso, é possível ainda ir além, se os zumbis correm, é porque precisam dar conta rapidamente do estrado produzido pelos humanos.

E nesse sentido que o nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território³⁹³.

E assim, os zumbis impõem o nomadismo sobre os grupos sobreviventes apocalípticos, forçando os bandos a se alterarem, se dividirem, se reformularem e abandonarem os abrigos anteriores. Lentamente, gravitalmente, os humanos são forçados a adaptarem-se aos fluxos e não às vias: sair sem hora para voltar, sair sem lugar para repousar, sair sem direção, rumo, objetivo. Nesse jogo de objetivos,

³⁸⁹ *NIGHT of the Living Dead* (Noite dos Mortos-Vivos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Image Ten, 1968 (96 min.).

³⁹⁰ RAGLIN, Jack. *Zombie Physiology*. IN: COMENTALE, E. P.; JAFFE, A. (Eds.). *The Year's Work at the Zombie Research Center*. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 227-247.

³⁹¹ *RETURN of the Living Dead* (A Volta dos Mortos-Vivos). Dir. Dan O'Bannon. Estados Unidos: Hemdale Film Corporation, 1985 (91 min.).

³⁹² *28 Days Later* (Extermínio). Dir. Danny Boyle. Inglaterra, Estados Unidos: 20th Century Fox e Fox Searchlight Pictures, 2002 (113 min.).

³⁹³ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. Vol. 05. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2012. p. 56.

desvios, fluxos, nomadismos e caminhos, os sobreviventes se aproximam cada vez mais ao modo de existência zumbi. Eu também.

9 CONCLUSÃO

- Chama-se Ibu Ratna. Professora de Micologia da Universidade da Indonésia. Temos a pessoa certa. Ibu Ratna, pode examinar o espécime preparado, por favor?
- Poderá reparar...
- Ela tirará as suas próprias conclusões.
- São *Ophiocordyceps*. Por que usou *chlorazol* para preparar a lâmina?
- Porque é a preparação usada para amostras tiradas de um humano.
- Os *Cordyceps* não sobrevivem em humanos.

[...]

- Se não se sentir bem, por favor, saia imediatamente... No fundo da perna esquerda dela.
- Isto é uma dentada humana?

[...]

- Quando aconteceu isto?
- Há aproximadamente 30 horas.
- Onde?
- Numa fábrica de farinha e grão do lado oeste da cidade.
- Um substrato perfeito. E depois?
- Uma mulher normal, de repente, ficou violenta. Atacou quatro colegas de trabalho, mordeu três deles. Fecharam-na numa casa de banho, a polícia chegou... ela tentou atacá-los e eles dispararam contra ela.
- O que aconteceu às pessoas que ela mordeu?
- Foram levadas para observação. Algumas horas mais tarde... tornou-se necessário de acordo com os procedimentos... executá-los.
- Quem a mordeu?
- Não sabemos.
- Então, ainda andam por aí. Há mais trabalhadores desaparecidos?
- Catorze. Ibu Ratna, trouxe-na aqui para nos ajudar a conter isto. Precisamos de uma vacina ou de um medicamento.
- Eu passei a minha vida a estudar estas coisas. Portanto, por favor, ouça atentamente. Não há nenhum medicamento. Não há nenhuma vacina.
- Então, o que fazemos?
- Bombardeie. Comece a bombardear. Bombardeie esta cidade... e todos nela³⁹⁴.

Ibu Ratna, a micologista do clipe inicial do segundo episódio de *The Last of Us*, dá a ordem que todos dariam: bombardear tudo. Essa também é a escolha dos

³⁹⁴ INFECTED [temporada 01, episódio 02]. *The Last of Us* [seriado]. Dir. Neil Druckmann. Rot. Craig Mazin. Estados Unidos : HBO, 2023 (53 min.).

militares em *Return of the Living Dead*³⁹⁵ e das autoridades em *Gás Negro*³⁹⁶. Livre-se da praga, precisamos manter a humanidade *a salvo*. Agora vejo que estar *a salvo* é unicamente uma maneira de conservar a humanidade como ela está agora. As ideias de Darwin vêm sendo deturpadas para exprimir um modelo de sociedade neoliberal, onde o mundo “pertence aos mais fortes”. As partes esquecidas da obra do inglês, contudo, que preveem *aleatoriedade* e *adaptação* são convenientemente esquecidas. A assepsia da humanidade, o desprezo por ratos, insetos, pombos que foram forçados a dividir a cidade com a humanidade... essas são formas de conservadorismo e o mais radical dos antifascistas acaba cedendo a atitudes reacionárias.

Quando virei vegana, em 2012, a vitamina B12 se tornou uma preocupação, não só minha mas daqueles que tentavam contestar o meu novo estilo de vida. Aprendi que as vítimas da pecuária também passavam por injeções de B12, e que metade dos onívoros também tinha deficiência da vitamina. Isso porque as fabricantes oficiais de B12 são as bactérias e vivemos em uma sociedade tão *excessivamente limpa* que precisamos, quase todos nós, suplementar a vitamina, que é feita por bactérias domesticadas em um laboratório qualquer. Veja, não estou dizendo para você parar de limpar a sua casa ou lavar seus vegetais ou sair pelado na rua durante uma pandemia viral. Eu fui uma das últimas pessoas que conheço a sair do isolamento social na COVID-19.

Mas que tal vacinas filosóficas? E se, ao sermos expostos a pequenas doses de pensamentos conflitantes – de verdade! Comparar Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau não é conflitante o suficiente! –, vamos desenvolvendo uma espécie de imunidade subjetiva? Quando comecei a tomar as gotas de *Cordyceps*, queria me tornar uma zumbi. A introdução de parte do patógeno, que altera o seu entorno de forma que este reaja de outra maneira frente à infecção completa, pode ter me

³⁹⁵ *RETURN of the Living Dead* (A Volta dos Mortos-Vivos). Dir. Dan O'Bannon. Estados Unidos: Hemdale Film Corporation, 1985 (91 min.).

³⁹⁶ ELLIS, Warren, FIUMARA, Max. *Gás Negro*. Trad. Érico Assis. São Paulo: Mythos, 2019.

imunizado. Talvez, essa jornada antiprodutiva e dessubjetivante de tornar-me zumbi ativa seja a imunização para a transformação em zumbi reativo.

Acredito que os objetivos gerais e específicos foram alcançados, embora não exaustivamente. Na primeira parte, tentei traçar alguns dos modos de existência intensivos dos zumbis e sobreviventes, nos moldes de Souriau, para começar um processo de dessubjetivação. No primeiro capítulo, por meio de noções biológicas e filosóficas – como aliás, todos os capítulos da primeira parte procederam –, pensar melhor sobre as noções de vida e pensar sobre como talvez os zumbis não sejam exatamente mortos; mas também pensei sobre noções de morte para entender o zumbi também como não vivos. Se nenhum desses rótulos lhes cabem, arrumemos outros!

No segundo capítulo, desfiz noções de individualidade e de sujeito de direito, a partir dos exemplos midiáticos e de filósofos como Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy. A ruína dessas duas noções se complementam, pois não há como se submeter a um soberano se não há como limitar as suas fronteiras. Como submeter as 40 trilhões de bactérias que vivem em um humano a qualquer coisa sem as consultar?

No terceiro capítulo tentei, a partir dos exemplos midiáticos, pensar nas monoculturas de diversos tipos forçadas pelo capitalismo, e como há poucas ou nenhuma alternativa aos que desejam evitar as monoculturas. Chamei Vandana Shiva e o seu conceito de escassez como falta de alternativas para enfim começar a ver uma luz no fim do túnel: me despir de todas essas noções subjetivantes não reduzia minhas alternativas, mas as aumentava.

Na parte dois, tentei traçar alguns modos de existência específicos, também nos moldes de Souriau, para analisar mais de perto algumas condições desse universo zumbi. Em *Emergência* pensei no surgimento do zumbi e na urgência que eles provocam. Em *Dessubjetivação* quis explicar melhor o que entendia como dessubjetivação positiva, que é quase um meta-capítulo. Em *Mutação*, como já havia falado bastante sobre biologia, quis pensar o zumbi como um destruidor de

hierarquias ontológicas. Em *Nomadismo*, chamei Deleuze & Guattari para pensar como as cartografias humanas e zumbis se assemelham e se diferem.

Em Deleuze & Guattari, também podemos pensar o *jogo*, mas como um jogo entre subjetivação e dessubjetivação que estava anunciado neste trabalho desde a sua introdução: o meu desejo de tornar-me zumbi ao mesmo tempo que defendo o direito de falar em primeira pessoa: eu, reclamando minha própria subjetividade. Esta dissertação toda, eu admito, é um contraste: pensar terra sem pensar propriedade, pensar subjetividade sem pensar sujeito, pensar produção sem pensar capitalismo... ou ainda... pensar antiprodução como uma forma de reclamar o termo sem reclamar aquilo que o apropriou.

Esta realidade, tomada pelo capitalismo, pela máquina, confinada às 8 horas diárias, ao 6x1, ao voto representativo, ao Estado, à forma-sujeito, ela só poderá ser revolucionada, como Latour pensou durante a pandemia de COVID-19, se formos obrigados a parar tudo, respirar, reconsiderar. Nesse sentido, essa dissertação aparece como uma forma de parar tudo, de respirar. Uma antiprodução, uma desconstrução, utilizando a figura mais desconstrutora que há: o zumbi.

Sejamos eles ou sejamos sobreviventes buscando uma estrutura não limitante, mas deixemos de ser aquilo que nos impede de construir outras conexões, outras redes, de sermos um imenso *blob* de *nós*. Corpo sem órgãos, corpo sem óbitos. Um corpo sem forma-sujeito. Um corpo que contém uma alma e um corpo livre. “Nós somos a geração que pode testemunhar o fim da humanidade. Talvez isso é quase tão especial quanto ter presenciado o começo”³⁹⁷. Não porque veremos o fim da vida em si, mas porque veremos uma nova forma de existência.

³⁹⁷ *PLAGUE*. Dir. Nick Kozakis e Kosta Ouzas. Austrália: Exile Entertainment, 2015 (89 min.). Min. 00:00:52-00:01:02, tradução minha.

10 REFERÊNCIAS

10.1 Bibliografia

ADAMATZKI, Adam. Language of fungi derived from their electrical spiking activity. **R. Soc. Open Sci.** Vol. 09, n. 04, abr./2022. 15p. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rsos.211926>. Acesso em: 25 jun. 2025.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer I: o poder soberano e a vida nua**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. L'invenzione di un'epidemia. **Quodlibet**, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ALT, Suvi. Environmental Apocalypse and Space: the Lost Dimension of the End of the World. **Environmental Politics**, v. 32, n. 05, 2023. p. 903-922. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09644016.2022.2146935>. Acesso em: 21 jun. 2025.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. Povos Indígenas no Brasil, 2010. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/files/manifesto_antropofago.pdf. Acesso em: 03 mar. 2024.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Trad. Artur Morão. Portugal: 70, 1995.

BEGON, Michael; TOWNSEND, Coling R. **Ecology: From Individuals to Ecosystems**. Hoboken: Wiley, 2021.

BÍBLIA. Português brasileiro. Trad. Mateus Hoepers. Petrópolis: Vozes, 2001.

BISHOP, Kyle. Raising the Dead: Unearthing the Non-Literary Origins of Zombie Cinema. **Journal of Popular Film and Television**, vol. 33, n. 04, 2006, p. 196-205. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.3200/JPFT.33.4.196-205>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BISHOP, Kyle. The Sub-Subaltern Monster: Imperialist Hegemony and the Cinematic Voodoo Zombie. **The Journal of American Culture**, v. 31, n. 02, 2008, p. 141-152. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1542-734X.2008.00668.x>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BITTENCOURT, Tamires, HATANAKA, Otavio, PESSONI, Andre M., FREITAS, Mateus S., TRENTIN, Gabriel, SANTOS, Patrick, ROSSI, Antonio, MARTINEZ-ROSSI, Nilce M., ALVES, Lyysangela L., RODRIGUES, Marcio L., ALMEIDA, Fausto. Fungal Extracellular Vesicles Are Involved in Intraspecies Intracellular Communication. **mBio**, vol. 13, n. 01, jan.-fev./2022. 14p. Disponível em: <https://doi.org/10.1128/mbio.03272-21>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BOOKCHIN, Murray. **Por una sociedad ecológica**. Trad. Josep Elias. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

BOOM, Kevin. "And the Dead Shall Rise". *IN*: CHRISTIE, Deborah & LAURO, Sarah Juliet (ed.). **Better off Dead: The Evolution of the Zombie as Post-Human**. Nova York: Fordham University Press, 2011. p. 05-08.

BROCK, Thomas D. The Value of Basic Research: Discovery of *Thermus Aquaticus* and Other Extreme Thermophiles. **Genetics**, v. 146, n. 04, ago./1997. p. 1207-1210. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/genetics/146.4.1207>. Acesso em: 07 mar. 2025.

BROOKS, Max. **The Zombie Survival Guide: Complete Protection from the Living Dead**. Ilust. Max Werner. Estados Unidos: Three Rivers Press, 2003.

BROOKS, Max. **World War Z: An Oral History of the Zombie War**. Estados Unidos: Three Rivers Press, 2007.

CAREY, M. R. **The Girl with All the Gifts**. Londres: Orbit, 2014.

CAREY, M. R. **The Boy on the Bridge**. Londres: Orbit, 2017.

CHAKRABARTY, Dipesh. **The Climate of History in a Planetary Age**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2021.

COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. **Journal of the Fantastic in the Arts**, v. 23, n. 3, 2012. p. 393-412. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24353082>. Acesso em: 21 jun. 2025.

COMENTALE, Edward P. & JAFFE, Aaron. Introduction: The Zombie Research Center FAQ. *IN*: COMENTALE, E. P.; JAFFE, A. (Eds.). **The Year's Work at the Zombie Research Center**. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 01-58.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie, 2017. p. 23.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O passado ainda está por vir**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

DANOWSKI, Deborah. **A chuva desmancha todos os fatos**. São Paulo: N-1, 2025.

DARWIN, Charles. Luta pela existência. *IN: A Origem das espécies*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Ubu, 2018.

DAVIS, Wade. **The Serpent and the Rainbow**. Estados Unidos: Touchstone, 1997.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Vol. 05. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 2012.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1992.

DEMPSTER, Beth. Sympoietic and Autopoietic Systems: A New Distinction for Self-Organizing Systems. **Proceedings of the World Congress of the Systems Sciences and ISSS**, 2000 (Toronto). Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/arena-attachments/754356/fbeed7a83af49e7b852a28a3604f1f07.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.

DERRIDA, Jacques. **Aporias**. Estados Unidos: Stanford UP, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Aprender por fin a viver: Entrevista con Jean Birnbaum**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.

DERRIDA, Jacques. Tímpano. *IN: Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Papirus, 1991.

DERRIDA, Jacques., BLANCHOT, Maurice. **The Instant of my Death & Demeure: Fiction and Testimony**. Trad. Elizabeth Rottenberg. Califórnia: Stanford UP, 2000.

DESCARTES, René. Discurso do Método. *IN: Coleção Os Pensadores*. Vol. Descartes. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DESCARTES, René. **Regras para a Direcção do Espírito**. Trad. João Gama. Lisboa: 70, 1985.

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos**: Histórias daqueles que ficam. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2023.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: O cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 8.a. edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2009.

GLISSANT, Édouard. **Poéticas da Relação**. Trad. Eduardo Jorge Oliveira e Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GOMES, João Carlos Costa. Bases Epistemológicas da Agroecologia. *IN*: AQUINO, A. M. de, DE ASSIS, R. L (Eds.). **Agroecologia**: Princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p. 88-89.

GONZALO, Jorge Fernández. **Filosofía zombi**. Barcelona: Anagrama, 2011.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Durham, Londres: Duke UP, 2016.

HARMAN, Graham. **Object-Oriented Ontology**: A New Theory of Everything. Grã-Bretanha: Pelican Books, 2018.

HESPANHA, António M. B. **Justiça e Litigiosidade**: História e Perspectiva. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993.

HURSTON, Zora Neale. **Zombies. /N: Tell my Horse**: Voodoo and Life in Haiti and Jamaica. Nova Iorque: HarperCollins, 2015.

JAPPE, Anselm. **A sociedade autofágica**: capitalismo, desmesura e autodestruição. São Paulo: Elefante, 2021.

KEE, Chera. **Not your Average Zombie**: rehumanizing the undead from voodoo to zombie walks. Estados Unidos: University of Texas Press, 2017.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Nietzsche y el círculo vicioso**. Trad. Roxana Páez. Buenos Aires: Altamira, 1995.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANSKA, Douglas J., LANSKA, Joseph T. Franz Anton Mesmer and the Rise and Fall of Animal Magnetism: Dramatic Cures, Controversy, and Ultimately a Triumph for the Scientific Method. WHITAKER, Harry, SMITH, C.U.M., FINGER, S. (Orgs.). **Brain, Mind and Medicine**: Essays in Eighteenth-Century Neuroscience. Nova Iorque: Springer, 2007. p. 301-320. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1007/978-0-387-70967-3_22. Acesso em: 09 mar. 2025.

LAPOUJADE, David. **A alteração de mundos**: Versões de Philip K. Dick. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo: N-1, 2022.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Trad. Hortencia Lencastre. São Paulo : N-1, 2017.

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu, 2020a.

LATOURE, Bruno. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. **Pandemia Crítica 009**. São Paulo: N-1, 2020b. Disponível em: <https://n1edicoes.org/pandemia-critica-009-imaginar-gestos-que-barrem-o-retorno-da-producao-pre-crise/>. Acesso em: 27 mar 2025.

LATOURE, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Trad. Macela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020c.

LATOURE, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência:** uma antropologia dos Modernos. Trad. Alexandre Agabiti Fernandez. Petrópolis: Vozes, 2019.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social.** Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LAURO, Sarah Juliet & EMBRY, Karen. A Zombie Manifesto. *IN:* LAURO, S. J. (Ed.) **Zombie Theory: A Reader.** Minneapolis/Londres: University of Minnesota Press, 2017. p. 395-412.

LORETO, R. G., & HUGHES, D. P. The metabolic alteration and apparent preservation of the zombie ant brain. **Journal of Insect Physiology**, v. 118, out., 2019. 7p. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jinsphys.2019.103918>. Acesso em: 26 mar. 2025.

LOUZADA, Maria Laura da Costa et al. Impacto do consumo de alimentos ultraprocessados na saúde de crianças, adolescentes e adultos: revisão de escopo. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, sup 1:e00323020, 2021. 48p. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csp/2021.v37suppl1/e00323020/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

LOVELOCK, James. *Gaia: A New Look at Life on Earth.* Oxford/Nova Iorque: Oxford, 2000.

LUCKHURST, Roger. **Zombies: A Cultural History.** Reino Unido: Reaktion Books. 2016.

MARGULIS, Lynn. SAGAN, Dorion. **What is Life?.** Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2000.

MATHESON, Richard. **Eu sou a lenda.** Trad. Delfin. São Paulo: Aleph, 2015.

MCALISTER, Elizabeth. **Rara!** Vodou, Power, and Performance in Haiti and Its Diaspora. Los Angeles/Berkeley: California UP, 2002.

MIGNOLO, Walter D. **The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options.** Durham, Londres: Duke University Press, 2011.

MOORE, Jason. Capitalism As World-Ecology. **Organization & Environment**, v. 16, n. 4, dez./2003. p. 431-458. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1086026603259091>. Acesso em: 21 jun. 2025.

MORA, C., TITTENSOR, D. P., ADL, S., SIMPSON, A. G. B., WORM, B. How Many Species Are There on Earth and in the Ocean? **PLoS Biol**, v. 9, n. 8, e1001127. 8p. Disponível em: <http://doi.org/10.1371/journal.pbio.1001127>. Acesso em: 28 mar. 2025.

NANCY, Jean-Luc. L'être abandonné. *IN: L'Impératif Categorique*. Paris: Flammarion, 1983. p. 139-153.

NEWBURY, Michael. Fast Zombie/Slow Zombie: Food Writing, Horror Movies, and Agribusiness Apocalypse. **American Literary History**, v. 24, n. 1, 2012. p. 87-114. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/alh/ajr055>. Acesso em: 21 jun. 2025.

OLOFF, Kerstin. 'Greening' The Zombie: Caribbean Gothic, World Ecology, and Socio Ecological Degradation. **Green Letters: Studies in Ecocriticism**, v. 16, n. 1, 2012. p. 31-45. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14688417.2012.10589098>. Acesso em: 21 jun. 2025.

PETIT, Santiago López. **Breve tratado para atacar a realidade**. São Paulo: sobinfluença, 2023.

PLATÃO. Fédon. Trad. Jorge Paleikat e João Cruz Costa. *IN: Coleção Os Pensadores*. Vol. Platão – Diálogos. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 61-132.

PLATÃO. Primeiro Alcebíades. *IN: Diálogos*. Vol. V: Fedro, Cartas, Primeiro Alcebíades. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1975. p. 183-249.

POE, Edgar Allan. O caso do sr. Valdemar. *IN: POE, E. A. Contos de terror, de mistério e de morte* [recurso digital]. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 7p.

POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e outros ensaios**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

POVINELLI, Elizabeth A. **Geontologias**: Um réquiem para o liberalismo tardio. São Paulo: Ubu, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and Modernity/Rationality. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, 1992. p. 22-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09502380601164353>. Acesso em: 21 jun. 2025.

RABELO, Miriam & DUCCINI, Luciana (Eds.) **Afro American Religious and New Age Practices**. Trabalho de referência contínuo. Disponível em: http://doi.org/10.1007/978-3-319-08956-0_1-1. Acesso em: 23 mar. 2025.

RAGLIN, Jack. Zombie Physiology. *IN*: COMENTALE, E. P.; JAFFE, A. (Eds.). **The Year's Work at the Zombie Research Center**. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 227-247.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zumbi**. São Paulo: N-1, Hedra, 2021.

ROMERO, George A. Introduction. *IN*: SEABROOK, W. **The Magic Island**. Mineola/Nova Iorque: Dover, 2016.

ROSSER, Neil, SEIXAS, Fernando, QUESTE, Lucie M., CAMA, Bruna, MORI-PEZO, Ronald, KRYVOKHYZHA, Dmytro, NELSON, Michaela, WAITE-HUDSON, Rachel, GORINGE, Matt, COSTA, Mauro, ELIAS, Marianne, FIGUEIREDO, Clarisse M. E. de, FREITAS, André V. L., JORON, Mathieu, KOZAK, Krzysztof, LAMAS, Gerardo, MARTIN, Ananda R. P, MCMILLAN, W. Owen, READY, Jonathan, RUEDA-MUÑOZ, Nicol, SALAZAR, Camilo, SALAZAR, Patricio, SCHULZ, Stefan, SHIRAI, Leila T., BRANDÃO, Karina L. S., MALLET, James, DASMAHAPATRA, Kanchon K. Hybrid speciation driven by multilocus introgression of ecological traits. **Nature**, v. 628, n. 25 abr./2024. p. 811-834. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41586-024-07263-w>. Acesso em: 23 mar. 2025.

ROTHER, D. Governing the end times? Planet politics and the secular eschatology of the anthropocene. Millennium: **Journal of International Studies**, v. 48, n. 2, 2020. p. 143-164. Disponível em: <http://doi.org/10.1177/0305829819889138>. Acesso em: 24 mar. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes. *IN*: **Coleção Os Pensadores**. Vol. Rousseau II. São Paulo: Abril Cultural, 1999. p. 179-302.

ROUTLEY [Sylvan], Richard & ROUTLEY [Plumwood], Val. Against the Inevitability of Human Chauvinism. *IN*: GOODPASTER, K. E., SAYRE, K.M. **Ethics and Problems of the 21st**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1979. p. 36-59.

ROUTLEY [Sylvan], Richard. Is There a Need for a New, an Environmental Ethic? **Proceedings of the XVth World Congress of Philosophy**. Varna, Bulgária: Sofia Press, set., 1973. p. 205-210.

RUSSELL, Jamie. **Book of the Dead: The Complete History of Zombie Cinema.** Londres: Titan Books, 2014.

SAID, Edward W. **Culture and Imperialism.** Nova Iorque: Vintage Books, 1994.

SANTOS, Milton. **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo.** Trad. Sandra Lencioni. São Paulo: EDUSP, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética:** precedido por Questões de método. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCHRÖDINGER, Erwin. **O que é vida?** O aspecto físico da célula viva. Trad. Jesus de Paula Assis e Vera Yukie Kuwajima de Paula Assis. São Paulo: UNESP, 1997.

SEABROOK, William. "... Dead Men Working in the Cane Fields". IN: **The Magic Island.** Mineola/Nova Iorque: Dover, 2016. p. 92-103.

SHELDRAKE, Merlin. **A Trama da Vida:** como os fungos constroem o mundo. São Paulo: Fósforo/Ubu, 2021.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SODIKOFF, Genese. The Time of Living-Dead Species: Extinction Debt and Futurity in Madagascar. IN: PAIK, P. Y.; WIESNER-HANKS, M. (Eds.) **Debt:** Ethics, the Environment, and the Economy. Bloomington/Indianapolis: Indiana UP, 2013. p. 140-163.

SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência.** Trad. Walter Romero Menon Júnior. São Paulo : N-1, 2020.

STANLEY, Wendell M. The isolation and properties of crystalline tobacco mosaic virus. **Nobel Lecture**, 12 dez., 1946. 21p. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/stanley-lecture.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2025.

STETTLER, Stefany Gestos para qual pós-apocalipse zumbi? IN: DALMO, R., BEDIN, E., PEREIRA, P., HIGA, I., FERREIRA, G. ROCHA, A.. (Org.). **Conhecimentos que você precisa para reconstruir o mundo pós-apocalipse zumbi.** São Paulo: Livraria da Física, 2023. p. 07-15.

STETTLER, Stefany S. **Mire na cabeça:** os zumbis do Antropoceno. Curitiba: Da autora, 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Ubu, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu, 2018.

WEBB, Jen; BYRNAND, Sam. Some Kind of Virus: The Zombie as Body and as Trope. **Body & Society**, v. 14, n. 02, 2008. p. 83-98. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1357034X08090699>. Acesso em: 21 jun. 2025.

10.2 Filmografia

28 Days Later (Extermínio). Dir. Danny Boyle. Inglaterra e Estados Unidos: 20th Century Fox e Fox Searchlight Pictures, 2002 (113 min.).

BANDO (Península). Dir. Yeon Sang-ho. Coreia do Sul: Next Entertainment World (NEW) e RedPeter Film, 2020 (115 min.).

BESIDE the Dying Fire [temporada 02, episódio 13]. **The Walking Dead** [seriado]. Dir. Ernest Dickerson. Rot. Robert Kirkman, Glen Mazzara. Estados Unidos: AMC, 2011 (43 min.).

BLACK Demons (Noite Maldita). Dir. Umberto Lenzi. Itália: Shriek Show, 1991 (88 min.).

BLOOD Quantum. Dir. Jeff Barnaby. Canadá: Prospector Films, 2019 (96 min.).

BUSANHAENG (Invasão Zumbi). Dir. Yeon Sang-ho. Coreia do Sul: Next Entertainment World, 2016 (118 min.).

BURIAL GROUND (A Noite do Terror). Dir. Andrea Bianchi. Itália: Esteban Cinematografica, 1981 (85 min.).

CARGO. Dir. Ben Howling e Yolanda Ramke. Austrália: Addictive Pictures, Causeway Films e Head Gear Films, 2017 (105 min.).

CREEPSHOW (*Creepshow*: Arrepio do Medo). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: United Film Distribution Company (UFDC) e Laurel-Show Inc., 1982 (120 min.).

DAWN of the Dead (Despertar dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Laurel Group, 1978 (127 min.).

DAWN of the Dead (Madrugada dos Mortos). Dir. Zack Snyder. Estados Unidos: Strike Entertainment. 2004 (100 min.).

DAY of the Dead (Dia dos Mortos). Dirigido por George A. Romero. Estados Unidos: Dead Film Inc, 1985 (100 min.).

DAY One [temporada 02, episódio 04]. **The Last of Us** [seriado]. Dir. Kate Herron. Rot. Neil Druckmann, Halley Wegryn Gross, Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2025 (53 min.).

DAYS Gone Bye [temporada 01, episódio 01]. **The Walking Dead** [seriado]. Dir. e Rot. Frank Darabont. Estados Unidos: AMC, 2010 (67 min.).

DEADGIRL (A Menina Morta). Dir. Marcel Sarmiento e Gadi Harel. Estados Unidos: Deadlydoll e Hollywoodmade, 2008 (101 min.).

DRACULA. Dir. Tod Browning. Estados Unidos: Universal Pictures, 1931 (74 min.).

EXTINCTION: The G.M.O. Chronicles. Dir. Niki Drozdowski. Alemanha: Cinema Ergo Sum Filmproduction, Dark Legend Entertainment e Kölner Filmhaus, 2011 (114 min.).

FIDO. Dir. Andrew Currie. Canadá: British Columbia Film, 2006 (91 min.).

FUTURE Days [temporada 02, episódio 01]. **The Last of Us** [seriado]. Dir. Craig Mazin. Rot. Neil Druckmann, Halley Wegryn Gross, Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2025 (59 min.).

GUTS [temporada 01, episódio 02] **The Walking Dead** [seriado]. Dir. Michelle MacLaren. Rot. Frank Darabont. Estados Unidos: AMC, 2010 (67 min.).

HERD. Dir. Steven Pierce. Estados Unidos: Framework Productions, 2023 (97 min.).

HOMEcomings [temporada 01, episódio 06]. **Masters of Horror** [seriado]. Dir. Joe Dante. Rot. Mick Garris, Sam Hamm e Dale Bailey. Estados Unidos: Anchor Bay Entertainment, 2005 (56 min.).

I am Legend (Eu sou a lenda). Dir. Francis Lawrence. Estados Unidos: Warner Bros., 2007 (100 min.).

I Walked with a Zombie (A Morta-Viva). Dir. Jacques Tourneur. Estados Unidos: RKO Radio Pictures, 1943 (69 min.).

INFECTED [temporada 01, episódio 02]. **The Last of Us** [seriado]. Dir. Neil Druckmann. Rot. Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2023 (53 min.).

JUAN de los Muertos. Dir. Alejandro Brugués. Espanha e Cuba: La Zañña Producciones e Producciones de la 5ta Avenida, 2011 (96 min.).

LA Morte Vivante (A Morta-Viva). Dir. Jean Rollin. França: Films A.B.C., Les Films Aleriaz e Les Films du Yaka, 1982 (85 min.).

LAND of the Dead (Terra dos Mortos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005 (97 min.).

LAST Man on Earth (Mortos não matam). Dir. Ubaldo Ragona. Itália e Estados Unidos: Associated Producers e Produzioni La Regina, 1964 (86 min.).

LES Raisins de la mort (As uvas da morte). Dir. Jean Rollin. França: Rush Distribution, 1978 (85 min.).

MAGGIE (Maggie: a transformação). Dir. Henry Hobson. Estados Unidos e Suíça: Lionsgate Films, 2015 (95 min.).

MARTIN. Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Laurel Productions e Braddock Associates, 1977 (95 min.).

NIGHT of the Living Dead (Noite dos Mortos-Vivos). Dir. George A. Romero. Estados Unidos: Image Ten, 1968 (96 min.).

ONE Dark Night (Numa noite escura). Dir. Tom McLoughlin e Michael Schroeder. Estados Unidos: The Picture Company, 1982 (89 min.).

PILOT [tempora 01, episódio 01]. **iZombie** [seriado]. Dir. Rob Thomas. Rot. Rob Thomas & Diane Ruggiero-Wright. Estados Unidos: Spondoolie Productions (42 min.).

PLAGUE. Dir. Nick Kozakis e Kosta Ouzas. Austrália: Exile Entertainment, 2015 (89 min.).

REDCON-1 (Zona de Quarentena). Dir. Chee Keong Cheung. Inglaterra: Intense Productions, 2018 (117 min.).

RETURN of the Living Dead (A Volta dos Mortos Vivos). Dir. Dan O'Bannon. Estados Unidos: Hemdale Film Corporation, 1985 (91 min.).

SEED [temporada 03, episódio 01]; **The Walking Dead** [seriado]. Dir. Ernest Dickerson. Rot. Glen Mazzara. Estados Unidos: AMC, 2012 (46 min.).

SHAUN of the Dead (Todo mundo quase morto). Dir. Edgar Wright. Estados Unidos: StudioCanal, WT² Productions e Big Talk Productions, 2004 (99 min.).

TELL it to the Frogs [temporada 01, episódio 03] **The Walking Dead** [seriado]. Dir. Gwyneth Horder-Payton. Rot. Frank Darabont, Charles H. Eglee, Jack LoGiudice. Estados Unidos: AMC, 2010 (45 min.).

THE Battery (Ben & Mickey Contra os Mortos). Dir. Jeremy Gardner. Estados Unidos: O. Hannah Films, 2012 (101 min.).

THE Dead Don't Die (Os mortos não morrem). Dir. Jim Jarmusch. Estados Unidos, Japão, Suécia: Focus Features, Kill The Head e Longride, 2019 (104 min.).

THE GIRL with all the Gifts (Melanie: A Última Esperança). Dir. Colm McCarthy. Inglaterra: Warner Bros. Pictures, 2016 (111 min.).

THE LAST of Us [seriado]. Prod. Neil Druckmann e Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2023 (2 temporadas, 907 min.).

THE Living Dead at Manchester Morgue. Dir. Jorge Grau. Espanha e Itália: Hallmark Releasing Corp., Ambassador Film Distributors, 1974 (93 min.).

THE Night Eats the World (A noite devorou o mundo). Dir. Dominique Rocher. França: Haut et Court, Canal+ e Ciné+, 2018 (93 min.).

THE Path [temporada 02, episódio 03]. **The Last of Us** [seriado]. Dir. Peter Hoar. Rot. Neil Druckmann, Halley Wegryn Gross, Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2025 (57 min.).

THE Walking Dead [seriado]. Cri. Frank Darabont. Estados Unidos, AMC Studios, 2010 (11 temporadas, 10620 min.).

TOXIC Zombies (Alt. Bloodeaters). Dir. Charles McCrann. França: CM Productions, 1980 (89 min.).

TS-19 [temporada 01, episódio 06]. **The Walking Dead** [seriado]. Dir. Guy Ferland. Rot. Adam Fierro, Frank Darabont. Estados Unidos: AMC, 2010 (45 min.).

WALK with me [temporada 03, episódio 03]. **The Walking Dead** [seriado]. Dir. Guy Ferland. Rot. Evan Reilly. Estados Unidos: AMC, 2012 (46 min.).

WHEN You're Lost in the Darkness [temporada 01, episódio 01]. **The Last of Us** [seriado]. Dir. Craig Mazin. Rot. Craig Mazin e Neil Druckmann. Estados Unidos: HBO, 2023 (81 min.).

WHITE Zombie (Zumbi Branco). Dir. Victor Halperin. Estados Unidos: Halperin Productions, 1932 (69 min.).

WHO are You Now? [temporada 09, episódio 06]. **The Walking Dead** [seriado]. Dir. Larry Teng. Rot. Eddie Guzelian. Estados Unidos: AMC, 2018 (44 min.).

WORLD War Z (Guerra Mundial Z). Dir. Marc Forster. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2013 (116 min.).

ZOMBI 2 (Alt. Zombie Flesh-Eaters). Dir. Lucio Fulci. Itália: Variety Film, 1979 (91 min.).

ZOMBIE Apocalypse. Dir. Nick Lyon. Estados Unidos: Asylum, 2011 (97 min.).

10.3 Audiografia

EMERGENCE [canção]. Sleep Token. Composta por Vessel e II. *IN: Even in Arcadia* [álbum]. Inglaterra: RCA Records, 2025.

GOD Save the Queen [canção]. Sex Pistols. Composta por Glen Matlock, John Lydon, Paul Cook e Steve Jones. *IN: Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols* [álbum]. Inglaterra: Virgin, A&M, 1977.

INFINITE Baths [canção]. Sleep Token. Composta por Vessel e II. *IN: Even in Arcadia* [álbum]. Inglaterra: RCA Records, 2025.

LOOK to Windward [canção]. Sleep Token. Composta por Vessel e II. *IN: Even in Arcadia* [álbum]. Inglaterra: RCA Records, 2025.

PRA não dizer que não falei de flores [canção]. Geraldo Vandré. Composição por Geraldo Vandré. *IN: No Chile* [álbum]. Brasil: Banco Benvirá, 1969.

10.4 Gameografia

LEFT 4 Dead [*videogame*]. Desenv. Turtle Rock Studios. Estados Unidos: Valve Corporation, 2008.

LEFT 4 Dead 2 [*videogame*]. Desenv. Valve Software. Estados Unidos: Electronic Arts, 2009.

THE Last of Us [*videogame*]. Desenv. Naughty Dog. Estados Unidos, Sony Computer Entertainment, 2013.

10.5 Quadrinhografia

BROOKS, Max. **O Guia de Sobrevivência Zumbi: Ataques Registrados**. Ilust. Ibraim Roberson. Trad. Leonardo Villa-Forte. São Paulo: Rocco, 2011.

ELLIS, Warren, FIUMARA, Max. **Gás Negro**. Trad. Érico Assis. São Paulo: Mythos, 2019.

ESTADOS UNIDOS. Department of Health and Human Services. Centers for Disease Control and Prevention. **Preparedness 101: Zombie Pandemic**. Cria. Maggie Silver. Ilust. Bob Hobbs. Estados Unidos: Center for Disease Control and Prevention, 2011. Disponível em: <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/6023>. Acesso em: 21 jun. 2025.

MIR, Alex, LOUZADA, Rafa. O presente de Camila. *IN*: FERNANDES, Raphael (Org.). **Fome dos mortos**. São Paulo: Draco, 2016. p. 58-70.

PARRA, Lillo, ROCHA, Val Deir. Anhangá. *IN*: FERNANDES, Raphael (Org.). **Fome dos mortos**. São Paulo: Draco, 2016. p. 18-32.

RYALL, Chris, WOOD, Ashley. **Zumbis vs. Robôs**. Trad. Leonardo Kitsune Camargo e Helcio de Carvalho. São Paulo: Mythos, 2017.

ZANETIC, Tiago P., TCHABA, Victor. Revolução é meu nome. *IN*: FERNANDES, Raphael. **Fome dos mortos**. São Paulo: Draco, 2016. p. 71-82.

LAVORARE MENO
LAVORARE TUTTI
PRODURRE IL NECESSARIO
REDISTRIBUIRE TUTTO